



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO**



**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)**

LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA

**O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
blog como apoio pedagógico**

A large, stylized graphic of a capoeira wheel (roda) is positioned in the lower half of the page. It is composed of several overlapping triangles in shades of light blue and white, creating a geometric pattern that resembles the movement of the capoeira game.

**Rio Claro - SP
2012**

LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA

**O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
blog como apoio pedagógico**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Área de concentração: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suraya Cristina Darido.

**Rio Claro - SP
2012**

796.82 Silva, Luciana Maria Fernandes
S586e O ensino da capoeira na educação física escolar: blog
como apoio pedagógico / Luciana Maria Fernandes Silva. -
Rio Claro : [s.n.], 2012
178 f. : il., figs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Capoeira. 2. Educação física escolar. 3. Tecnologia da
informação e da comunicação. 4. Blog. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA

O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: blog como apoio pedagógico

Prof^a Dr^a Suraya Cristina Darido – Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.
UNESP - Instituto de Biociências – Rio Claro

Prof^o. Dr^o. Marcelo de Carvalho Borba
UNESP - Instituto de Geociências e Ciências Exatas.
Departamento de Matemática – Rio Claro.

Prof^o. Dr^o. Luiz Gonçalves Junior
Universidade Federal de São Carlos.
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana.

Rio Claro - SP

2012

À DEUS!

AGRADECIMENTOS

*Foi difícil e doloroso chegar até aqui! As lágrimas correm em meu rosto... Depois de tantos obstáculos que fui obrigada a ultrapassar, então posso desfrutar da alegria de dizer:
CONSEGUIMOS!!*

Isso mesmo, CONSEGUIMOS! Porque sozinha, sem o apoio de todos vocês, eu jamais teria chegado até aqui... Por isso agradeço:

A Deus que, por seus caminhos certos, porém sinuosos, que eu a princípio não entendi, me trouxe até à UNESP e me conduziu para a realização do sonho do Mestrado.

Aos meus pais que me deram a vida:

À minha mãe, Elida Fernandes Silva, que sempre acreditou em tudo aquilo que eu resolvia fazer... mesmo com todas as dificuldades após o desencarne de meu pai, quando eu tinha 9 anos, além de todos os meus irmãos (sete); ficava cozinhando e eu estudando na mesa da cozinha pois não havia outra mesa na casa... foi contra a minha entrada na capoeira (achava que era coisa para homens...) e mesmo assim apoiou; obrigada Mãe querida!

Ao meu pai, Calixto Silva (*in memorian*), que certamente acompanhou e acompanha toda a minha trajetória. Pai, sou o resultado de todo o amor, carinho, atenção e o colo que me deu nos nove anos em que estive fisicamente ao meu lado. Herdei a sua força de trabalho, a sua garra e a sua alegria que me fazem conquistar os meus/nossos sonhos... obrigada saudoso Pai querido!

Aos meus irmãos, em ordem cronológica: Dirlene, exemplo de estudos; Marlene, exemplo de superação e força; Cici, exemplo de resignação, sempre me acompanhando; Lena, exemplo de dedicação; Nicinha (Educadora Física), exemplo de leitura (me deu os primeiros livros), apoio em momentos difíceis; Darlene (Educadora Física - *in memorian*): exemplo de perseverança - saudades minha irmã...; Calixto, meu único irmão, exemplo de força de trabalho.

A todos os meus sobrinhos e sobrinhos-netos!

À minha orientadora, Prof^a Suraya Cristina Darido, que me oportunizou e acreditou que eu podia. Pela compreensão nas horas difíceis, pelas orientações oportunas e sábias, pelo exemplo no desenvolvimento da docência (aprendizagens imensuráveis que vou levar para sempre). Obrigada, Su!

Ao Prof. Afonso Antônio Machado pelas oportunidades durante o Mestrado, acreditando na minha capacidade; pela amizade e apoio; e pelos preciosos aprendizados no LEPEspe.

Aos Professores do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologia pelo compartilhamento do conhecimento nas disciplinas.

Aos Professores Marcelo de Carvalho Borba e Luiz Gonçalves Junior pelas contribuições para o encaminhamento da pesquisa na banca examinadora do Exame de Qualificação.

À Prof^a Mariângela Spotti Lopes Fujita que com sua carinhosa atenção deu suas opiniões e seu incentivo em momentos definitivos da pesquisa.

À Prof^a Patrícia Tiemi Lopes Fujita pelas gentis dicas sobre *Web Design*.

Aos Professores e amigos do IEFES-UFC: À Prof^a Eleni com sua participação imprescindível no início desta caminhada; Adriana.... (Dri), Leandro (Lê) e Lorena (Lolô) que incentivam, torcem, apóiam e me acompanham com sua amizade e afeto tão importantes nesta jornada; À Rejane, Lima, Cavalcante, Marcos Campos, Marcos Teodorico, Ricardo Gonzalez, Otávio, Túlio, Edson, que tanto me incentivaram a realizar o Mestrado.

Às minhas amigas-irmãs: Dani (Danielle) e Lê (Letícia) que moraram comigo em Rio Claro e assim se tornaram minha 2^a família; a que a vida me deu de presente... Juntas conseguimos um lugar tranquilo, acolhedor e com o apoio necessário para sobrevivermos a esta fase tão difícil. Obrigada meninas, pelo amor-amigo tão desejado, porém tão complicado de se achar hoje em dia... não sei como seria sem vocês!

Ao casal de amigos queridos Luiz (Lu) e Marcela, que pude assistir de perto o encontro dos dois e torço para que continuem felizes. O Lu, meu companheiro de Mestrado, nas disciplinas, nos trabalhos, nos artigos, nos congressos, nas dores e nas alegrias... que me disponibilizou sua casa e sua família... quanto você me ajudou! A Marcela, minha amiga, sua presença ativa na minha qualificação... a força nos momentos difíceis; sentou comigo e doou o seu saber... Isso não tem preço!

A Irla e Aline, também colegas no Mestrado, que tanto me ensinaram com seus exemplos de perseverança e aplicação em suas pesquisas. Pela companhia alegre e afetuosa.

Aos amigos do LETPEF, LETPEFinho e do LEPESPE por todas as discussões, reflexões, aprendizados e exemplos que tanto contribuíram para a construção desta.

Às secretárias da Pós, Rose e Ivana, que com toda a sua dedicação ao trabalho, sempre me receberam com um sorriso no rosto e gentileza, me auxiliando, mesmo pelo telefone, quando ligava de Fortaleza, desesperada...

À Regina, Márcia, Roberto e Lianne, Odalice, Paulo Batistuta, Carlos Feitosa, Ícaro Moreira, Diana, Guimarães, Gláucia, Dora e Plínio, Marlene e Roberto e a todos os amigos, de todos os planos, que contribuíram, cada um a seu modo, às vezes, silenciosamente, em prece, para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu marido Heliomar por estar ao meu lado em todos os momentos deste Mestrado, principalmente nos mais difíceis em que esteve comigo, para o que deu e veio ... *“Se você vier, pro que der e vier, comigo. Eu te prometo o sol, se hoje o sol sair, ou a chuva, se a chuva cair. Se você vier, até onde a gente chegar, numa praça, na beira do mar, num pedaço de qualquer lugar (...) Esse tanto, esse tão grande amor (...) se você quiser e vier, pro que der e vier, comigo. Comigo!*

(Dia Branco - Geraldo Azevedo).

Feliz de mim que tenho a todos vocês!

MUITO OBRIGADA!

*“Ninguém está fadado ao insucesso (...)
Não desistas de buscar o triunfo, seja qual
for a circunstância em que te encontres.”*

Divaldo Pereira Franco (Joanna de Ângelis).

RESUMO

Considerada como relevante prática corporal brasileira, a capoeira ainda não se faz presente, de forma satisfatória, no âmbito escolar. Sendo a internet, atualmente, uma significativa fonte de informação, é necessário preocupar-se com a construção de endereços eletrônicos informacionais que sejam resultados de pesquisas científicas que as fomentem. Neste sentido, este estudo tem como objetivo principal identificar junto a professores e a alunos em processo de formação em Educação Física, com e sem experiência em capoeira, quais conhecimentos são necessários em sua prática pedagógica para inseri-la como conteúdo da Educação Física Escolar e, a partir destes conhecimentos, selecionar os mais pertinentes para elaboração de um blog que atenda a esta demanda. Utiliza como metodologia os procedimentos da abordagem qualitativa, destacando-se a realização da coleta de dados com a aplicação de dois Grupos Focais e a Análise de Conteúdo, utilizada para a categorização, descrição e análise das informações coletadas. Organiza e seleciona os resultados e as discussões referentes à análise de conteúdo de cada categoria e respectivas subcategorias, que surgiram a partir dos indicadores do discurso dos participantes, manifestados nos grupos focais. Como resultado apresenta a descrição dos conteúdos no blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacaofisicaescolar.ecapoeira.blogspot.com>, como contribuição para que a capoeira possa ser utilizada como conteúdo nas aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Capoeira. Tecnologia da Informação e da Comunicação. Blog.

ABSTRACT

Considered relevant body practice brazilian capoeira still not present, satisfactorily at school. The internet, nowadays, is a significant source of information, being important the construction of educational sites result of scientific researches. In this sense, this study aims to identify the main with teachers and students in the process of training in Physical Education, with and without experience in capoeira, what skills are needed in their pedagogical practice to insert it as the content of School Physical Education and, from these knowledge, select the most relevant for developing a blog that meets this demand. Methodology uses as the procedures of qualitative, highlighting the realization of data collection with the application of two Focus Groups and Content Analysis, used for categorizing, describing and analyzing the information collected. Selects and organizes the results and discussions regarding the content analysis of each category and sub-categories, that emerged from the indicators of participants' speech, expressed in the focus groups. As a result presents a description of the contents on the blog "Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível", available on the website <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, as a contribution to that capoeira can be used as content in the lessons of School Physical Education.

Keywords: School Physical Education. Capoeira. Information Technology and Communication. Blog.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Espirais pontilhadas	30
Figura 2: Espirais pontilhadas mesclando-se	31
Figura 3: Rabo-de-arraia	32
Figura 4: Negativa e rolê	32
Figura 5: Tesoura-de-costas	33
Figura 6: Boca-de-calça	33
Figura 7: Banda-de-frente	33
Figura 8: Distância média.....	34
Figura 9: Blog: Temas Transversais e a Capoeira na Educação Física	67
Figura 10: Aú	111
Figura 11: Página principal do Blog.....	120
Figura 12: Toque Angola.....	132
Figura 13: Toque São Bento Pequeno.....	133
Figura 14: Toque São Bento Grande.....	133
Figura 15: Jogando capoeira A	134
Figura 16: Jogando capoeira B.....	134
Figura 17: Ginga: movimento básico da capoeira.....	134
Figura 18: Bênção.....	135
Figura 19: Meia-lua-de-frente.....	135
Figura 20: Martelo.....	135
Figura 21: Chapa-lateral.....	135
Figura 22: Queixada.....	136
Figura 23: Rabo-de-arraia.....	136
Figura 24: Bananeira.....	136
Figura 25: Bananeira-de-angola.....	137

Figura 26: Esquiva lateral.....	137
Figura 27: Cocorinha.....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A capoeira nas Propostas Curriculares Nacionais	40
Quadro 2: REVISTA MACKENZIE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE	49
Quadro 3: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	49
Quadro 4: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO	51
Quadro 5 : REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM	51
Quadro 6: MOTRIZ. Revista de Educação Física	52
Quadro 7: REVISTA PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DO DESPORTO	53
Quadro 8: REVISTA MOTRIVIVÊNCIA	53
Quadro 9: Artigos relacionados à Educação Física e as Tecnologias Digitais	54
Quadro 10: Teses e dissertações	57
Quadro 11: Descrição dos Grupos Focais	77
Quadro 12: Categorias e Subcategorias	84
Quadro 13: Sistematização da capoeira para a escola.....	123
Quadro 14: Plano de aula 1.....	124

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	23
2.1 A Capoeira: trajetória histórica.....	23
2.2 Capoeira: possibilidades conceituais.....	28
2.3 A Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar.....	34
2.4 A Capoeira em algumas propostas curriculares estaduais brasileiras	38
3 CAPOEIRA, EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TECNOLOGIAS: panorama de pesquisas	46
3.1 Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.....	48
3.2 Revista Brasileira de Ciências do Esporte.....	49
3.3 Revista Brasileira de Ciência e Movimento	50
3.4 Revista da Educação Física/UEM.....	51
3.5 Motriz. Revista de Educação Física.....	51
3.6 Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.....	52
3.7 Revista Motrivivência.....	53
3.8 Algumas considerações.....	55
4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	59
4.1 As Tecnologias da Informação e Comunicação e a Educação	59
4.2 A Educação Física Escolar e as Tecnologias da Informação e Comunicação.....	65
5 METODOLOGIA.....	71

5.1 Grupo Focal.....	72
5.2 Análise de Conteúdo.....	81
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	86
6.1 Presença da capoeira nas escolas.....	86
6.1.1 <i>A capoeira na escola: na Educação Física ou fora dela?</i>	86
6.1.2 <i>É possível ensinar a capoeira na EFE?.....</i>	88
6.2 Fatores excludentes da capoeira na Educação Física Escolar	92
6.2.1 <i>(In)Segurança do Professor para desenvolver a capoeira nas aulas de Educação Física</i>	93
6.2.2 <i>Discriminação religiosa com relação à capoeira</i>	99
6.3 Necessidades dos participantes em relação ao ensino da capoeira na escola.....	103
6.3.1 <i>Sistematização dos conteúdos da capoeira</i>	103
6.3.2 <i>Materiais Didáticos</i>	107
6.3.3 <i>Blog como apoio didático</i>	112
7 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CAPOEIRA: descrição do Blog.....	119
7.1 Conteúdos do blog.....	123
7.1.1 <i>Sistematização.....</i>	123
7.1.2 <i>Planos de Aula.....</i>	124
7.1.3 <i>Vídeos.....</i>	124
7.1.4 <i>Sites.....</i>	125
7.1.5 <i>Músicas.....</i>	126
7.1.6 <i>Instrumentos.....</i>	130
7.1.6.1 <i>Atabaque artesanal.....</i>	130
7.1.6.2 <i>Caxixi de material reciclável.....</i>	130

7.1.6.3 Berimbau.....	131
7.1.6.4 Pauta para tocar berimbau.....	132
7.1.6.5 Imagens.....	134
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES.....	157
ANEXOS.....	171

APRESENTAÇÃO

Sempre fui uma aluna apaixonada pelas aulas de Educação Física e, mais especificamente, pelas aulas de ginástica olímpica – devido aos movimentos acrobáticos –, e pelas aulas de dança (musicalidade e ritmo).

Era uma aluna muito ativa e participava intensamente das atividades extra-classe que eram ofertadas. Desta forma fiz vários esportes e busquei a ginástica olímpica (denominação da época) em um clube, na cidade em que nasci – Vitória/ES –, porém não fiquei muito tempo pois as dificuldades para chegar ao local dos treinamentos me impediram de continuar; tinha apenas 09 anos de idade.

Cresci em uma família de três professores de Educação Física (duas irmãs e um cunhado), que muito influenciaram na minha escolha pela graduação, nesta área, Licenciatura Plena, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre os anos de 1988 e 1992. Ainda posso lembrar da minha felicidade quando conheci a tão sonhada sala de Ginástica Olímpica e a ansiedade para que chegasse o período de cursar a referida disciplina.

Como a vida vai percorrendo caminhos diferentes daqueles que nossos desejos traçam, minha irmã Darlene Fernandes Silva (*in memorian*), dona de uma academia, convidou um professor de capoeira, que havia sido seu colega de graduação, para realizar uma apresentação em sua academia. Isso ocorreu no ano de 1987.

Ao assistir esta apresentação de capoeira, a primeira da minha vida, ainda posso me lembrar e sentir, nitidamente, o arrepio no corpo quando ouvi o berimbau “chamando” – termo utilizado pelos capoeiristas para a roda começar – e pude ver as pessoas se movimentando ao som também do atabaque e do pandeiro e de músicas que me tocaram profundamente. Ah! Aquela alegria e aqueles sorrisos estampados nos rostos dos capoeiristas... que magia e emoção provocaram em mim!

Os movimentos de singular beleza, de ataque e defesa, e mais: os acrobáticos! Ali estava o que eu queria fazer, pois reunia tudo o que me identificava: movimentação acrobática, ritmo, musicalidade, luta, a sinergia e, a alegria... A partir daquele dia foram oito anos seguidos praticando capoeira, no grupo Beribazu, que iniciei na academia da minha saudosa irmã, e em seguida, no projeto de extensão da UFES.

Nos anos de 1989 e 1990 participei de dois campeonatos inter-universitários de capoeira, organizados pelo Mestre Gladson, na Universidade de São Paulo (USP), sendo campeã individual, de dupla feminina e de grupo, além de outros campeonatos internos da Beribazu e da própria UFES.

Infelizmente tive um rompimento do menisco lateral esquerdo e fui obrigada a realizar uma cirurgia no joelho. Além de tal problema acabei me afastando da capoeira por conta dos compromissos profissionais. Mas não a abandonei totalmente, ministrava aulas de capoeira na escola de esportes do Colégio Albert Einstein.

Junto a isto e mais os afazeres com a profissão tive que parar os treinos, mas como professora de Educação Física já utilizava a capoeira como tema de minhas aulas e criei uma escolinha de capoeira no Colégio Albert Einstein, no qual tive a oportunidade de iniciar várias crianças no mundo da capoeira, chegando a batizá-las, ou seja, as crianças obtiveram a primeira graduação, que na capoeira chama-se corda ou cordel.

Dez anos se passaram e no ano de 2008 fui residir em Fortaleza/CE para acompanhar meu marido, que acabara de passar em um concurso para professor efetivo da Universidade Federal do Ceará (UFC) e tive a oportunidade de fazer um concurso para Professor Substituto do curso de Educação Física desta Universidade e passei. Neste ínterim realizei a Especialização em Docência do Ensino Superior, também na UFC.

Nesta Universidade ministrei diferentes disciplinas durante dois anos, dentre elas “O Ensino da Capoeira” e coordenei o Projeto de Extensão “UFC Capoeira”, retomando assim a prática, os estudos e pesquisas sobre esta prática corporal.

Durante esses dois anos tive muito contato com os livros e publicações da Prof^a Suraya Cristina Darido a quem aprendi a admirar devido ao interesse comum pela Educação Física Escolar (EFE) e pelo trato com a capoeira que a autora apresenta em suas publicações. Nascia uma grande vontade de realizar o Mestrado e tive então a feliz oportunidade de iniciá-lo junto a UNESP-Rio Claro e tê-la como orientadora.

Com o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias foi iniciada uma busca no sentido de favorecer o processo de ensino e de aprendizagem da capoeira, empregando as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação¹.

¹ Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam no planejamento, na construção e na utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, e ainda, envolve processos e produtos provenientes da eletrônica, microeletrônica e das telecomunicações, tendo como meio o espaço virtual e como matéria-prima, a informação (KENSKI, 2007).

1 INTRODUÇÃO

“Vamos começar a brincadeira, a
brincadeira de capoeira, vamos lá (...)”.
(domínio público)

Na atual sociedade há uma significativa quantidade de informações disponíveis na internet que podem ser utilizadas na área educacional, para a otimização de processos de ensino e de aprendizagem de diferentes temáticas e, em particular, da Educação Física Escolar (EFE) e da capoeira.

Ao analisar alguns endereços eletrônicos da internet foi possível encontrar, na rede, alguns documentários sobre a capoeira, como “O Fio da Navalha” (2007), disponível no *youtube*, que podem se tornar um recurso didático importante de auxílio ao professor de Educação Física, ao abordar o histórico da capoeira, dentre outros conteúdos relacionados à esta prática corporal.

No entanto, junto a materiais de qualidade, também foi observada a presença de trabalhos que estimulam a violência, como por exemplo, o vídeo “Capoeira *Fight*” (2006), encontrado também no *youtube*, no qual lutadores se enfrentam em um tatame.

Neste vídeo, boa parte dos movimentos característicos da capoeira foram eliminados, como os acrobáticos (bananeira, aú, macaco, dentre outros) e movimentos rasteiros (rolê e negativa, etc), permanecendo apenas os golpes traumáticos e incisivos, desferidos com o único objetivo de atingir o oponente. Assim, do ponto de vista educacional, há uma necessidade de selecionar os endereços que realmente possam auxiliar seu processo pedagógico.

A capoeira é atualmente, o sexto esporte² mais praticado pelos brasileiros – mais de 6 milhões –, além de ser difundida e praticada internacionalmente (COSTA, 2010), o que justifica a sua inclusão no contexto escolar. Sendo a internet uma significativa fonte de informação, faz-se necessário disponibilizar aos professores de

Educação Física, endereços eletrônicos informacionais, que possam garantir conteúdos que propiciem uma formação adequada e informações fundamentadas.

A importância da capoeira também pode ser denotada pelo fato de que no ano de 2008, foi identificada como o mais recente bem cultural registrado pelo governo brasileiro, se tornando patrimônio nacional, por indicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do Ministério da Cultura (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Alguns acontecimentos, no que diz respeito à legislação que rege a educação brasileira, marcaram a trajetória e desenvolvimento da capoeira. No dia 20 de dezembro de 1996, foi decretada e sancionada a Lei nº 9.394, a qual estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. Em seu artigo 26, § 4º, esta Lei determinava que o ensino da História do Brasil levaria em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia (BRASIL, 1996, grifo nosso).

Sete anos depois, a Lei 9.394/1996 foi alterada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, artigo 26-A, que tornava obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Em seu § 1º inclui o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003, grifo nosso).

Posteriormente, foi decretada a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que em seu Artigo 26-A, § 1º incluiu a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, acrescentando aos estudos, aspectos da história e da cultura a partir desses dois grupos étnicos, africanos e indígenas, que caracterizam a formação da população brasileira (BRASIL, 2008, grifo nosso).

A criação e decreto destas Leis no âmbito educacional, pressupõe inúmeras possibilidades para a presença e o estudo da capoeira na escola, pois permite

² O autor considera a capoeira como esporte, porém é necessário ressaltar que esta é uma das possibilidades que esta prática corporal comporta em seu conceito, que é amplo e diversificado, podendo ser luta, dança, jogo, esporte, filosofia de vida, dentre outros (CAMPOS, 2001).

compreender a construção cultural do povo brasileiro a partir das contribuições dos africanos.

Na Educação Física a capoeira vem sendo sugerida como um conteúdo relevante por diferentes autores, como por exemplo: Soares et al. (1992); Brasil (1998), Campos (2001); Melo (2002); Darido e Rangel (2005); Bertazzoli, Alves e Amaral, (2008); Silva e Heine (2008), dentre outros, fazendo parte das temáticas que compõem a cultura corporal (jogos, esportes, danças, lutas, ginásticas), objeto de estudo da área, ora fazendo parte das lutas, ora separada destas.

No entanto, a presença da capoeira nas aulas de Educação Física ainda não é satisfatória, além de ser pouco fundamentada para a escola, conforme afirmam Souza e Oliveira (2001) e Lório e Darido (2005). Este cenário foi o que nos inquietou e impulsionou a decidir o tema a ser explorado neste trabalho: a capoeira na EFE e a possibilidade de favorecer o seu ensino utilizando-se das novas TICs.

Além dos apontamentos dos diferentes autores sobre as dificuldades na implementação da capoeira na escola, a partir de experiências durante o desenvolvimento das disciplinas de Estágio Supervisionado, na UFC, foi possível observar e questionar professores de Educação Física, de escolas públicas e particulares de Fortaleza/CE, sobre a aplicação da capoeira como conteúdo de suas aulas. Verifiquei que muitos não se sentem preparados para ministrá-la, apesar de reconhecerem a sua importância no cenário brasileiro.

Aqueles que apontaram que a aplicam, são ou foram capoeiristas, ou seja, conhecem mais profundamente sua prática e se sentem seguros para desenvolvê-la. Melo (2011) afirma que o que se observa na prática é que os profissionais desta área (EFE), que incluem este conteúdo em seus programas de ensino, tiveram uma formação específica no meio capoeirístico.

Impolcetto et al. (2007) apresentam o resultado de uma pesquisa realizada com professores de EFE, na qual afirmam que assuntos que fogem aos tradicionais esportes com bola têm sido excluídos das aulas, pois são menos populares e não há subsídios práticos e teóricos sobre eles. Desta forma os professores costumam priorizar e aplicar aqueles conteúdos em que sentem maior segurança e, estes

procedimentos, dificultam à Educação Física na escola de atender inteiramente seus objetivos em relação à cultura corporal (DARIDO, 1995; GONZALEZ, 2006).

Assim sendo, necessário se faz a elaboração de materiais didáticos e produções acadêmicas que possam ouvir os professores de Educação Física, no sentido de entender quais são suas necessidades e interesses com relação ao ensino da capoeira em suas aulas.

O objetivo desta pesquisa foi identificar junto a professores e a alunos em processo de formação em Educação Física, com e sem experiência em capoeira, quais conhecimentos são necessários em sua prática pedagógica para inseri-la como conteúdo da EFE e, a partir destes conhecimentos, selecionar os mais pertinentes para elaboração de um blog que atenda a esta demanda.

Vale destacar que se considerou, para esta pesquisa, o “conhecimento” como um processo da atividade humana que se refere ao ato de conhecer, ter compreensão de algo ou ter experiência, e é ainda, a maneira pela qual o ser humano entra em contato com o mundo que o cerca. Este conhecimento pode ser ou não escolar, específico ou geral, prático ou teórico (FIDALGO; MACHADO, 2000).

Os conhecimentos adquiridos no decorrer da experiência pessoal e profissional dos professores são de fundamental importância como contribuição para a formação profissional. Conhecer a história de vida e carreira de professores contribui para o exercício da profissão, e sua experiência prática torna-se relevante (BETTI, I; BETTI, M, 1996; HUBERMAN, 1992; NÓVOA, 2002).

O blog foi a ferramenta tecnológica escolhida para disponibilizar estes conhecimentos, ou seja, o conteúdo demandado pelos professores e alunos em processo de formação, pelas possibilidades que oferece, como: interatividade, troca de informações, colaboração dos internautas, e ainda, pelo agrupamento de mídias em um mesmo endereço (BRAGA, 2008). Como forma de difundi-lo, também será disponibilizado um ícone do facebook e do twitter, no mesmo, para que o usuário possa “curti-lo” e “compartilhá-lo” em suas redes sociais, além das postagens que serão realizadas no facebook com a mesma intenção.

Segundo Braga (2008), blogs são fáceis de ser acessados e manipulados e se tornaram um fenômeno por sua funcionalidade interativa e simplicidade na operação o que faz com que mais pessoas se sintam encorajadas a expor suas opiniões, ou seja, o blog é uma tecnologia de menor formalidade e os internautas sentem-se mais à vontade para expressarem-se, podendo assim, atrair mais participantes.

Assim o foco deste trabalho perpassou três temas principais: a “Capoeira”, a “Educação Física Escolar” e as “Tecnologias da Informação e Comunicação” - com ênfase nos “Blogs” - e suas inter-relações. Após a introdução, no capítulo 2, foi realizada uma busca e revisão sobre a capoeira e a EFE, no qual é apresentada sua trajetória histórica; suas possibilidades conceituais; a capoeira como conteúdo da Educação Física e como esta prática corporal é tratada nas propostas curriculares de alguns estados brasileiros.

O capítulo 3 apresenta os resultados de uma busca realizada no Portal de Periódicos da Capes por meio da Base de Dados SciELO.ORG, no sentido de se obter um panorama das pesquisas produzidas entre os anos de 2000 à 2011, dos temas centrais desta pesquisa, quais sejam: Capoeira, Educação Física Escolar e Tecnologias da Informação e Comunicação.

Em seguida, no capítulo 4, é abordado por meio de uma revisão de literatura, as contribuições das TICs na Educação e mais especificamente na EFE. O capítulo de número 5 trata da metodologia empregada para o desenvolvimento da presente pesquisa, destacando-se: a abordagem qualitativa; grupo focal, utilizado para a coleta de dados; e, análise de conteúdo usada para a interpretação dos dados coletados.

Logo após, no capítulo 6, são apresentados os resultados e as discussões referentes à análise realizada de cada categoria e respectivas subcategorias, que surgiram a partir dos indicadores do discurso dos participantes, manifestados nos grupos focais.

Em seguida, no capítulo 7, é apresentada a descrição dos conteúdos do blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, elaborado a

partir da pesquisa realizada, concluindo o trabalho com as reflexões das considerações finais.

Com este trabalho espera-se contribuir com os estudos sobre o ensino da capoeira nas aulas de Educação Física, para a melhoria da qualidade do trabalho pedagógico na escola.

2 A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

2.1 A Capoeira: trajetória histórica

“Às vezes me chamam de negro, pensando que vão me humilhar, mas o que eles não sabem é que só me fazem lembrar que eu venho daquela raça que lutou pra se libertar (...).”
(autor desconhecido).

Como colônia explorada pelos portugueses, o Brasil tornou-se uma nação escravocrata, trazendo negros aprisionados de diferentes regiões da África, em porões fétidos de navios negreiros. Desarraigados de sua terra mãe, trazendo consigo sua cultura e seus sonhos, criaram uma forma de lutar contra este contexto, em busca de sua libertação (FALCÃO, 2004).

Assim se originou a capoeira, da união de diversas culturas e etnias africanas, em terras brasileiras, como uma luta de resistência contra a escravidão (CAMPOS, 2001; SOARES, 2004). Corrobora Falcão (2004) afirmando que a Capoeira tem um caráter pluriétnico:

Os registros históricos evidenciam que, quando a capoeira ensaiou seus “primeiros passos”, no Brasil, o fez através de corpos africanos de várias etnias e reinos, trazidos pelos portugueses para a, então denominada, *Terra de Santa Cruz*. É possível afirmar, portanto, que, embora ela tenha sido “engravida” na África, ela já “nasce” no Brasil pluriétnico. (...) Ou seja, ela foi “batizada no Brasil”, como filha de uma condição de exploração a que foram submetidos seres humanos procedentes de diversas etnias africanas em terras recém-invasidas pelos portugueses (FALCÃO, 2004, p. 17).

Segundo Nascimento (2005), os negros escravos reuniam-se em grupos, durante as suas ínfimas horas de folga, para usufruir de suas danças e de seus rituais religiosos. Durante esses momentos de celebração os aspectos culturais que os uniam, se transformaram em elementos aglutinadores de forças diante da necessidade do agir contra a situação social inferiorizada em que viviam e da exigência de se adaptar a uma nova realidade.

O autor ainda afirma que os negros foram introduzindo a ginga, a música e os movimentos ritmados junto aos golpes, como forma de confundir seus feitores e não deixar que percebessem a prática da capoeira, que deste modo era disfarçada em dança. Porém, verdadeiramente, estavam realizando uma luta que poderia ser utilizada contra possíveis ataques em suas fugas, ou ainda para se defenderem.

Na primeira metade do século XIX, a capoeira era uma atividade predominantemente de escravos. Em sua trajetória histórica, foi marcada por muitas perseguições policiais, repressão, prisões, racismo e outras formas de controle social - peculiaridades em que se deu a escravidão urbana, no Brasil Colônia. A partir da segunda metade do século XIX, outros grupos sociais se aglutinaram à prática da Capoeira como os brancos, estrangeiros e até membros da alta sociedade (VIEIRA, 1998; SOARES, 2004).

Além disto, é ainda no final do século XIX que diferentes objetos como facas, cacetes e navalhas são agregados à Capoeira devido ao contato entre variadas culturas marginais, como por exemplo, a influência dos fadistas portugueses, excepcionais jogadores de navalhas que lutavam habilmente (OLIVEIRA; LEAL, 2009; FALCÃO, 2004).

Neste contexto, surgem as maltas – grupos organizados de capoeiristas e outros tipos que viviam à margem da sociedade, principalmente no Rio de Janeiro, no final do século XIX. Baseavam-se na solidariedade, na lealdade, na valentia e na coragem e lutavam entre si pelo domínio político e geográfico da cidade. Duas grandes maltas tornaram-se famosas: a dos Nagoas e a dos Guaiamuns (FALCÃO, 2004).

Segundo Nestor Capoeira (2010), neste período de marginalidade aqueles que praticavam a capoeira procuravam disfarçá-la para não serem presos. No Recife, por exemplo, os “moleques de banda” saíam à frente do desfile de bandas no carnaval e os pulos e a ginga destes capoeiristas se transformaram no “passo”, dança conhecida hoje como frevo.

No Rio de Janeiro, por exemplo, ao serem indagados pela polícia, diziam estar realizando uma luta chamada “pernada carioca”, para que não fossem levados à prisão (GOULART, 2005).

De acordo com Gonçalves Junior (2009), no ano de 1890, em 11 de outubro, a prática da capoeira foi proibida devido à violência que se associava à mesma. Na tentativa de eliminá-la o governo realiza repressões sistemáticas e estabeleceu no decreto nº 487, do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, no capítulo XII, que tratava dos “Vadios e Capoeiras”:

Art.402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem²; andar em correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temo de algum mal:

Pena – De prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Sob chefes ou cabeças se importará a pena em dobro. (...)

Art. 403 – No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena de um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Art. 404 - Se nesse exercício de capoeiragem³ perpetrar homicídio, provocar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes (REGO, 1968, p. 701 citado por GONÇALVES JUNIOR, 2009).

Destarte a capoeira permaneceu proibida durante aproximadamente 40 anos, pois somente em 1934, Getúlio Vargas, então Presidente da República, em atendimento a algumas reivindicações dos trabalhadores, extinguiu a proibição de cultos afro-brasileiros e a prática da capoeira, além de permitir que fosse realizada em recintos fechados (GONÇALVES JUNIOR, 2009).

Desta forma, a capoeira se recria e se mantém viva nas figuras de dois respeitados Mestres, nascidos na Bahia: Mestre Bimba e Mestre Pastinha.

Manoel dos Reis Machado – Mestre Bimba (1900-1974), que iniciou sua prática na capoeira com um africano de nome Bentinho, fundou sua academia em 1937, o Centro de Cultura Física Regional, em Salvador/BA e criou a “Luta Regional

³ Capoeiragem: o contexto social da capoeira (VIEIRA, ASSUNÇÃO, 2009).

Baiana”, que depois se tornou a Capoeira Regional, a qual se originou da junção do que ele já conhecia de capoeira ao Batuque⁴ (ALMEIDA, 2002).

O autor descreve que Mestre Bimba desenvolveu ainda um método de ensino que consistia em oito sequências de golpes (ataques), contra-ataques e defesas, baseados nos golpes mais comuns e frequentes no jogo de Capoeira. Criou ainda a “Cintura Desprezada”, que consistia em movimentos de projeção (balões, crucifixo, gravata), como saída para agarrões e para que os alunos aprendessem a cair em pé.

Vicente Ferreira Pastinha – Mestre Pastinha (1889-1981) – aprendeu a capoeira com um negro de Angola chamado Benedito e abriu sua academia, o Centro Esportivo de Capoeira Angola, em 1941. Ensinava baseado na tradição africana, com seus rituais, músicas, ludicidade e teatralidade, o que julgava ser a verdadeira Capoeira, a qual ele chamou de Capoeira Angola, para diferenciar da Regional (CAPOEIRA, 2010).

Segundo Gonçalves Junior (2009), sua forma de ensinar era baseada na observação e reprodução de gestos e atitudes dos mais experientes (mestres); e destes corrigindo e sugerindo aos mais novos. O ritmo deste estilo é lento, teatralizado e dissimulado, com alguns movimentos que buscam surpreender o outro capoeirista. Diferente da Regional na qual o ritmo é mais rápido e os movimentos são objetivos.

No que poderíamos denominar de um processo de esportivização da Capoeira Regional, em 1º de Janeiro de 1973, começa a vigorar o regulamento de 1972, que reconhece a capoeira como modalidade esportiva, pela Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP). Esta regulamentação adotava normas e regras de outras lutas tratando a capoeira como um desporto do ramo pugilístico (FALCÃO, 2004).

⁴ Batuque: luta que se realizava em rodas, somente entre homens e com as pernas. A competição mobilizava um par de jogadores, de cada vez. Estes, dado o sinal, uniam as pernas firmemente, tendo o cuidado de resguardar os órgãos sexuais. (...) Todo o esforço dos jogadores concentrava-se em ficar de pé, sem cair. Se, perdendo o equilíbrio tombasse, o jogador teria irremediavelmente perdido (ALMEIDA, 2002).

Segundo o autor esta foi uma evidência do Estado de querer organizar e padronizar a prática da capoeira em todo o Brasil. Em 23 de outubro de 1992, é criada a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), sendo desligada oficialmente da CBP. Contudo essas tentativas de padronização sob a perspectiva do esporte de rendimento negam a pluralidade desta manifestação cultural, bem como os seus valores sócio-históricos e culturais arquivados em seus rituais, cantos e gestos (FALCÃO, 2004).

Após inúmeras contestações e transformações a capoeira é reconhecida pelo IPHAN (2008), como bem cultural registrado pelo governo brasileiro. As razões que levaram a esse reconhecimento estão nos aspectos que a constituem, como o saber transmitido pelos mestres e reconhecidos por seus pares. E ainda, a roda que reúne todos os seus elementos, compartilhada por todo o grupo e realizada de maneira plena, conforme a “Certidão de registro da roda de Capoeira”(ANEXO A).

Passando por estas transformações, diferentes escolas de capoeira foram surgindo, além da Regional e da Angola. Muitos alunos formados pelos mestres baianos migraram, em sua maioria, para o Sudeste e alunos de outros estados iam à Bahia buscar estes conhecimentos e retornavam para seus locais de origem contextualizando a prática de forma até autodidata, produzindo mudanças nestes estilos (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009).

As características da Regional e da Angola foram incorporadas por alguns mestres, sem que eles abandonassem seu estilo principal, e hoje se autodefinem por praticarem a “Capoeira Contemporânea”, ou “Angonal” – mistura entre as duas –, ou ainda “Atual”. Pode-se ainda mencionar a “Regional Contemporânea” e a “Angola Contemporânea”; a “Capoeira *Fight*” e a “Capoeira Acrobática ou Ginga Acrobática” – somente elementos acrobáticos partindo da ginga (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009; OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Diferentemente do que propõem os defensores da Capoeira *Fight*, a capoeira tradicional não se utiliza de tatame, principalmente de forma quadrada. Sua luta/jogo é realizada de forma circular, dentro de uma roda, formada por outros capoeiristas que tocam, batem palmas e cantam para aqueles que estão jogando e aos que estão assistindo, exatamente o que a diferencia de outras lutas, assim como a ginga.

Estas observações implicam em uma descaracterização da capoeira, uma vez que sua fundamentação e formatação básicas foram excluídas.

A Capoeira acrobática ou Ginga acrobática consiste, em sua maioria, em elementos acrobáticos e de contorcionismo (GINGA ACROBÁTICA, 2010). Estes movimentos partem da ginga (fundamento básico da capoeira), unindo atividades circenses, a ginástica artística e a capoeira. Esta se aproxima de uma capoeira *show*, destinada a apresentações, que descaracteriza sua forma de luta.

Neste caminho, da proibição a patrimônio cultural e internacionalização houve um aproveitamento das multifaces da capoeira, por diferentes espaços e instâncias sociais. Contudo é necessário preservar sua diversidade, seus ritos e suas origens, valorizando-a como tradição de raízes afro-brasileiras e tornando-a conhecida no universo escolar.

2.2 Capoeira: possibilidades conceituais

“A capoeira! É um jogo, é um brinquedo
(...) É uma luta, é manha de mandigueiro
(...) É um corpo arrepiado (...) É sorrir para
o inimigo e apertar sua mão, lê viva meu
Deus! lê viva meu Deus, Camará!”

Canção de Toni Vargas.

De acordo com Silva e Gonzalez (2010) a capoeira abrange múltiplas possibilidades conceituais, podendo ser definida como luta, jogo, dança, brincadeira, esporte, filosofia de vida, dentre outros, tendo na luta sua mais significativa expressão.

Para Oliveira e Leal (2009), atualmente, é um dos ícones que representam a identidade cultural brasileira, assim como o samba, o carnaval e o futebol.

Mas por que tantas definições e ter na luta sua mais significativa expressão? Todas essas suas multifaces são devido à capoeira ter se originado como luta e ser uma prática cultural que está sob constante reinvenção, multiplicando seus sentidos,

formas e maneiras de jogar, de acordo com o período histórico e contexto social a que esteve e está submetida (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008).

Assim, tendo suas faces de luta, brincadeira, jogo, dança, etc, o capoeirista quando está jogando, projeta algo de si, o que percebe, o que sente e o que acredita ser a capoeira. Contudo, mesmo brincando, jogando e/ou dançando, sempre há uma tensão provocada pela imprevisibilidade, característica básica das lutas e uma intenção de “buscar” o outro - que se torna alvo e/ou referência - quando se está realizando cada um dos movimentos, sejam eles golpes, desequilibrantes ou acrobáticos.

A imprevisibilidade está presente em todo momento, pois não é possível pressupor o que o capoeirista irá realizar, podendo surpreender a cada ação corporal. Além disso, a fluidez e a continuidade que a capoeira apresenta contribuem ainda mais para dificultar qualquer possibilidade de previsão daquilo que será realizado, o que se pode afirmar ser um dos motivos que tanto envolvem os praticantes e os que assistem um jogo de capoeira.

De acordo com Silva (2008) a capoeira caracteriza-se por uma luta de movimentos fluidos, ou seja, tem continuidade. Compreende-se aqui, que se realiza “em” uma forma circular, e “de” forma circular. “Em” uma forma circular diz respeito ao espaço delimitado pela roda de capoeira, a qual pode estar formada normalmente - no plano físico. Também está assinalada no chão, ou ainda no imaginário do capoeirista, “de” forma circular.

“De” forma circular, portanto, se refere à forma do jogo em si, pois a luta se desenvolve circularmente, em um jogo de “perguntas e respostas”. Originando-se da ginga (movimento básico da capoeira) e a ela retornando: um pergunta com um golpe, por exemplo, e o outro responde com uma esquiva, dando continuidade ao diálogo com uma outra pergunta, que pode ser um contra-golpe ou um floreio (movimento coreográfico que embeleza o jogo), fazendo com que o primeiro o responda, dando assim fluidez e continuidade ao jogo.

Sobre a ginga é importante ressaltar que, segundo Almeida (2002), Mestre Bimba a ensinava segurando nas mãos de cada um de seus alunos, e a ela assim se referia:

Ponto de partida de todas as aquisições futuras. É a posição “fundamental” do capoeirista, (...) chave da sua agilidade e deslocamento. (...) Perna atrás/braço do mesmo lado para frente. Nada mais natural, pois é assim que andamos. (...) A ginga é a alma do capoeirista (ALMEIDA, 2002, p.80-81, comentário de Bimba).

Neste diálogo corporal o jogo vai se desenvolvendo em uma forma circular espiralada e, aqui, considera-se ainda, “pontilhada” (Figura 1), sem que aconteçam movimentos estanques. Segundo Silva (2008), nos momentos em que o capoeirista parece estar parado, ele está em repouso contínuo, o que promove a dinâmica do jogo.

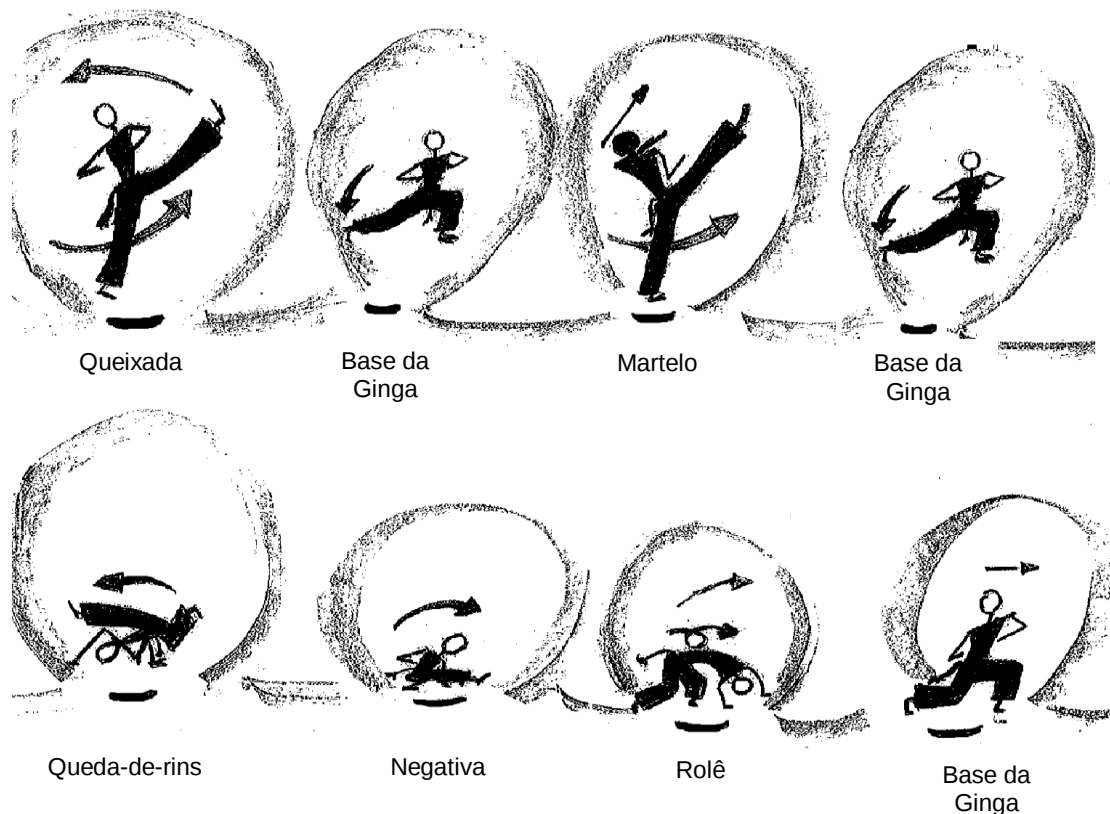


Figura 1: Espirais pontilhadas.

Fonte: Criação e desenho da autora.

Ao conectar uma ação corporal à outra, o capoeirista forma uma espiral com pequenos pontilhados a cada vez que volta à ginga para então encadear um novo movimento, como por exemplo: ele desfere uma “queixada”, e volta à base da ginga encadeando um “martelo”, que pontilha novamente na ginga, desce na “queda-de-rins”, e em seguida faz uma negativa, rolê, e sobe retornando à ginga novamente, fazendo o jogo fluir.

O capoeirista vai desenhando uma espiral pontilhada imaginária com seu corpo, que se configura em diferentes nuances, ritmos, espaços e planos, a partir de sua criatividade e subjetividade. Durante o jogo as espirais pontilhadas dos dois capoeiristas, vão se mesclando (Figura 2), expandindo-se e recolhendo-se, conforme aponta Silva (2008):

O movimento é curvo, porém em espiral (...). Um círculo fazendo parte de outro sem completar-se nunca, pela constante expansão e recolhimento. A espiral, na capoeira, é a resultante da movimentação circular, e se encontra de acordo com a própria essência do universo (SILVA, 2008, p.24).

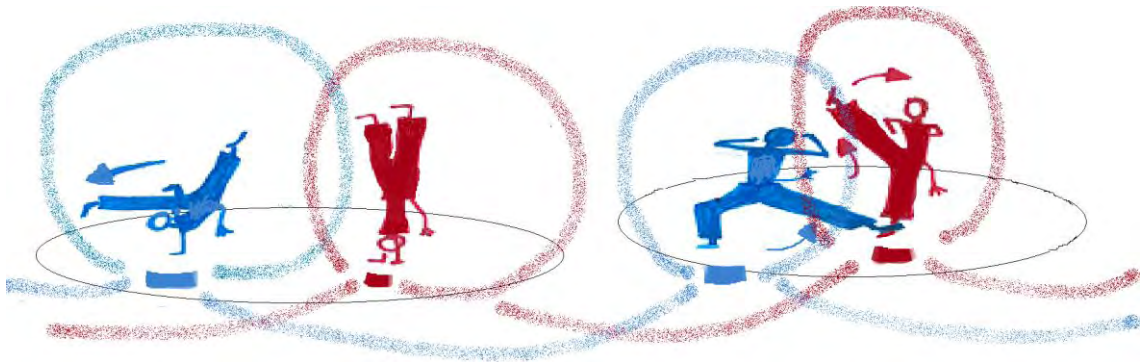


Figura 2: espirais pontilhadas mesclando-se.

Fonte: Criação e desenho da autora.

Desta forma, a expansão e o recolhimento traduzem as distâncias que os capoeiristas vivenciam durante o jogo. Estas podem ser de curta e média, predominando a distância média, uma vez que o jogo de capoeira, em sua maior parte, faz uma simulação de luta, sem tocar no outro. Os golpes são desferidos, o segundo esquiva e muitas vezes é demonstrado que um poderia atingir o outro caso quisesse, mas não o faz, em respeito a sua integridade.

O fato de não haver o toque entre os jogadores, na maior parte do jogo é que mantém a fluidez e a circularidade da luta, assim como evita que a integridade dos capoeiristas seja atingida. Os golpes girados principalmente, como o rabo-de-arraia, por exemplo (Figura 3), atingem um alto nível de velocidade e potência que poderiam se tornar violentos, o que hoje, não é objetivo das principais escolas de capoeira, como a Regional e a Angola.

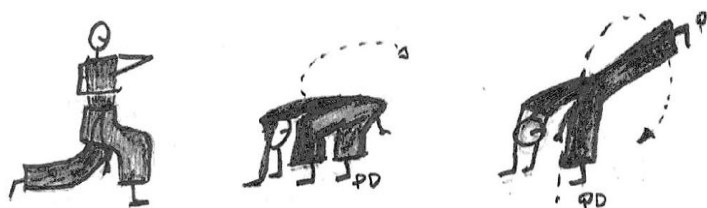


Figura 3: Rabo-de-arraia.

Fonte: Criação e desenho da autora.

Os toques existentes são projeções e desequilibrantes, segundo Abib (2004) este contato físico, bem como o combate são comuns e fazem parte do contexto da capoeira. As projeções e o desequilibrantes são ensinados para serem realizados de forma técnica e segura, predominantemente no contexto não formal, uma vez que no contexto escolar, quando a capoeira é aplicada, dificilmente se chega a desenvolvê-los.

Nestes momentos de toque a circularidade também não é quebrada, pois o capoeirista é treinado para “cair na negativa” (expressão comum na capoeiragem), ou seja, ao cair ele encadeia o movimento da negativa⁵, geralmente seguida de um rolê⁶ e continua o jogo (Figura 4).

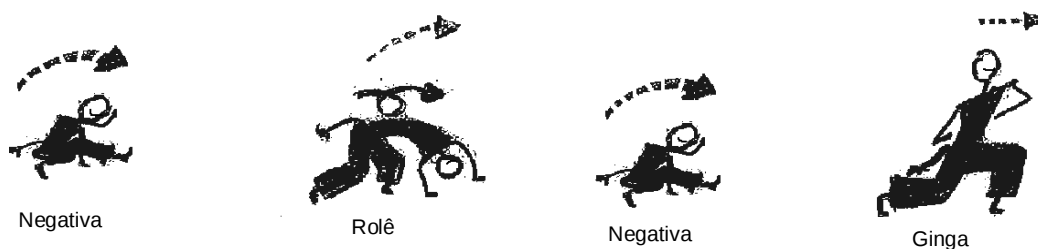


Figura 4: Negativa e rolê.

Fonte: Criação e desenho da autora.

⁵ Negativa: Consiste em uma posição de chão na qual o capoeirista está na base da ginga e abaixa-se, apoiando a mão da perna da frente no chão, ao lado de sua coxa; esta perna mantém-se semi-flexionada e com sua parte interna voltada para o teto. A outra perna se mantém com o pé semi-flexionado apoiado no chão (Figura 4).

⁶ Rolê: É um movimento de chão. Tome como exemplo a Figura 4 e observe: o capoeirista parte da negativa apoiando o pé da perna que está semi-estendida no chão com o auxílio da mão (perna e mão esquerdas) afastando-a para o lado direito; em seguida coloca mão e pernas direitas ao lado da mão e perna esquerdas, com o quadril abaixado e gira em volta de si mesmo, voltando para a negativa (posição inicial). Sempre olhando para o oponente, não o perdendo de vista.

As projeções utilizam mais de um ponto de contato para projetar o oponente ao chão, como a “tesoura-de-costas” (Figura 5) por exemplo, e os desequilibrantes, apenas um ponto de contato para desequilibrar o oponente, como o “boca de calça” (Figura 6), “banda-de-frente” (Figura 7), dentre outros.



Figura 5: Tesoura-de-costas.

Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 6: Boca-de-calça.

Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 7: Banda-de-frente.

Fonte: Criação e desenho da autora.

O afastamento continua sendo médio quando é realizado um acrobático como o aú-de-leque, como pode ser observado na Figura 8, abaixo. O capoeirista amplia seu espaço e realiza um movimento que tanto pode ter o objetivo de embelezar o jogo como pode ser uma forma “mandigueira”⁷ de atrair o outro para si, envolvendo-o, para em seguida, tornar esta distância curta e aplicar-lhe um desequilibrante, no qual os pés dos capoeiristas se tocarão.

⁷ Abib (2004, p.135), afirma que no contexto da capoeira, o termo mandinga designa tanto a malícia do capoeirista durante o jogo, fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando-o para um ataque certo, quanto também uma certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador de capoeira com o Axé, a energia vital e cósmica para as religiões afro-brasileiras. (...) O autor cita um depoimento do mestre Curió sobre o assunto: (...) *Existe a mandinga da magia negra e a mandinga da malícia do capoeirista, quando ele se diz realmente capoeirista.*(...) *Mandinga é isso, é sagacidade, é você poder bater no adversário e não bater. Você mostrar que não bateu porque não quis* (p.112).

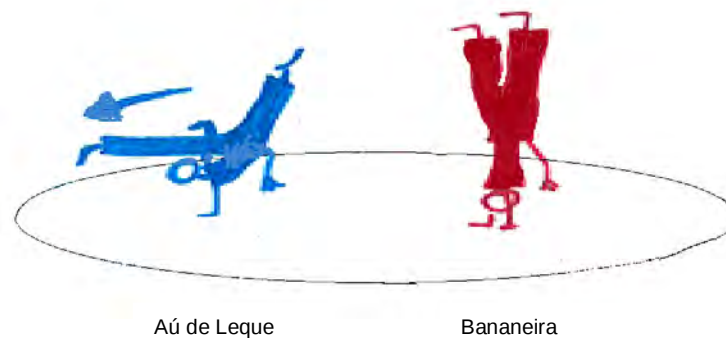


Figura 8: Distância média.
Fonte: Criação e desenho da autora.

Pode-se então concluir que a capoeira tem características de luta de curta e média distância, porém utiliza-se e transforma-se em jogo, brincadeira, dança de diferentes ritmos ditados e envolvidos pelo som do berimbau para desenvolver-se. De acordo com Abib (2004, p. 143) tudo depende do momento e dos jogadores que estão em ação.

2.3 A Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar

Este subcapítulo tem o objetivo de esclarecer ao leitor os caminhos percorridos pela capoeira para chegar a ser considerada, por diferentes autores, conteúdo da EFE. Sob este propósito inicia-se com os significados da EFE e um pequeno relato de sua trajetória histórica e suas transformações até a cultura tornar-se um de seus objetos de estudo.

De acordo com Darido e Rangel (2005) a Educação Física possui três diferentes significados os quais se inter-relacionam: é uma área de investigação científica; uma profissão regulamentada e um componente obrigatório do currículo das escolas de educação básica.

Todavia nem sempre foi assim, pois a área passou por algumas transformações ao longo de sua trajetória histórica em conformidade com o momento sócio-político em que o país se encontrava.

Segundo Castellani Filho (1998) desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961, a Educação Física já era obrigatória para os graus primário e médio, porém era considerada como uma atividade extracurricular, com o objetivo de preparar o jovem para o mercado de trabalho.

Na década de 1971 houve uma reforma na Lei e esta obrigatoriedade passou a ser para todos os níveis de escolarização, porém a participação nas aulas era facultativa para os alunos com mais de 30 anos de idade; para o curso noturno; para quem estivesse prestando serviço militar e os fisicamente incapacitados. Nesta época era considerada pela legislação como atividade prática sem um saber próprio a ser ensinado, era um fazer por fazer (DARIDO; RANGEL, 2005).

Somente em 1996, com a Nova LDB, nº 9.394/96, § 3º, a Educação Física foi integrada à proposta pedagógica das escolas como componente curricular da Educação Básica ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar (DARIDO; RANGEL, 2005).

Segundo as autoras a partir desta obrigatoriedade nos currículos escolares reconheceu-se que o ensino da Educação Física tem um objeto de estudo, além de conhecimentos próprios inerentes aos jogos, esportes, ginástica, lutas, danças, capoeira e conhecimento sobre o corpo, que configuram a matriz que a faz estar presente na escola.

Este aporte sociocultural proporcionou novos paradigmas para a Educação Física, abarcando conceitos advindos de outras áreas, bem como influências de diferentes escolas filosóficas, sociológicas e até mesmo políticas, modificando o que até então era considerado o papel da Educação Física na escola – o “saber fazer” esportivista – para ter na cultura seu foco principal de estudos e, por isso, passível de ser transmitido nas aulas (BRACHT, 1999).

Mas o que se transmitir exatamente da cultura? Para Forquin (1993), toda educação do tipo escolar realiza uma seleção no interior da cultura e uma re-elaboração dos conteúdos desta destinados a serem transmitidos às novas gerações. Assim, a educação não transmite a cultura e sim *algo* da cultura, que pode provir de fontes diversas e de diferentes épocas (FORQUIN, 1993).

O autor afirma ainda que o conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, dando-se a isto o nome de cultura. E que cultura é o conteúdo substancial da educação, sendo a sua justificação, pois para o autor a educação não é nada fora da cultura e sem ela (FORQUIN, 1993).

Na Educação Física, esta concepção de cultura está presente, por exemplo, em Daolio (2007). O autor afirma que a Educação Física precisa considerar o ser humano em suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e aos seus movimentos historicamente definidos como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. Assim sendo, a cultura corporal passou a ser um de seus principais conceitos.

Na perspectiva da cultura, a capoeira começa a ser defendida como uma possibilidade de conteúdo para a EFE. Segundo Campos (2001) veio sendo praticada nas escolas ainda antes da década de 1980, de forma extracurricular e hoje está presente nos currículos dos cursos de Educação Física de várias universidades e faculdades brasileiras, pressupondo sua presença na escola.

De acordo com Lussac (2010) as principais universidades brasileiras (UFBA, UFRJ, UERJ, UnB, USP, UNICAMP, PUC-SP) dentre outras, têm a capoeira nos currículos dos cursos de Educação Física. Além disso, a UnB entre os anos de 1997-98, realizou o primeiro curso de pós-graduação voltado especificamente para o estudo da capoeira.

Houve ainda um forte crescimento do número de trabalhos acadêmicos envolvendo a capoeira, não só da área da Educação Física como também da História, da Sociologia, dentre outras, que auxiliou sua evolução, desenvolvimento e disseminação (NASCIMENTO, 2005). Para Melo (2002) a capoeira como elemento ativo da dinâmica cultural é considerada hoje um importante instrumento de análise de aspectos relacionados à população e à cultura brasileira.

Soares et al. (1992), sugerem que a capoeira seja tema das aulas de Educação Física o que a coloca em evidência para ser utilizada no contexto escolar. Contudo não se pode afirmar que ela tem sido efetivamente implementada pelos professores da área, em suas aulas.

Os autores da citada obra definem a Educação Física como: “uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento da cultura corporal. Esta tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, capoeira, ginástica e dança, que constituirão seu conteúdo” (p. 61-62). Pode-se afirmar que este foi um dos primeiros livros que sugeriu a capoeira como conteúdo a ser desenvolvido na Educação Física.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998, destacaram como temas da Educação Física “o jogo, a ginástica, o esporte, as lutas, a dança, a capoeira e outras temáticas” (p. 26). Sugerem como um dos objetivos da Educação Física conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, como meio para que o aluno possa construir a noção de identidade nacional (BRASIL, 1998).

Segundo Campos (2001), a capoeira adentrou os espaços escolares devido a sua aproximação com a Educação Física. Pois a partir do momento que ela reconhece os potenciais da capoeira em seus valores educativos, esportivos e culturais, apropria-se de seus conteúdos, inserindo-os nos programas das escolas.

Corroborando ainda com a capoeira na escola, Darido e Rangel (2005), apresentam propostas para jogos, conhecimentos sobre o corpo, esporte, capoeira, ginástica, dança e lutas. As autoras apresentam a história da capoeira assim como diferentes intervenções pedagógicas sugerindo como ela pode ser desenvolvida nas aulas de Educação Física.

Por meio da vivência de seus fundamentos, a prática da capoeira na escola, bem conduzida, possibilita o desenvolvimento da autonomia, cooperação e participação social, postura não preconceituosa, entendimento do cotidiano pelo exercício da cidadania.

O estudo realizado por Bertazzoli, Alves e Amaral (2008) em uma escola particular de Campinas/SP, investigou o desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica dos alunos, por meio da prática da capoeira. Foi realizada uma intervenção na qual as ações desenvolvidas baseavam-se em pesquisas realizadas pelos alunos, apresentação das mesmas, criação de movimentos, socialização dessas criações e, a síntese de tudo, nas rodas de capoeira.

É necessário ressaltar que a roda é um momento de fundamental importância para a capoeira. É nela que o capoeirista irá colocar em prática todos os seus saberes corporais, ritualísticos, de canto e instrumentais, e, para além disso, poderá vivenciar diferentes valores. Na roda, ele experimenta a cooperação, pois tem que cantar, tocar e bater palmas para mantê-la funcionando.

Vivência a liberdade de criar seu jogo de acordo com a necessidade do momento e sua criatividade, possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia. Pode ainda ser um momento de socialização, de afetividade e de ludicidade entre os participantes que, segundo Abib (2004), é onde as pessoas se reúnem para partilharem suas alegrias e tristezas, esperanças e sofrimentos, e onde passado, presente e futuro se juntam num momento único de celebração da vida.

Na escola, Campos (2001) ressaltar a preocupação que se deve ter ao realizar as rodas e repassar os conteúdos da capoeira, pois deve ser feita de forma abrangente, permitindo que a capoeira sirva de alicerce para a busca da cultura e de um melhor conhecimento do ser humano e sua relação com a sociedade.

Concorda-se com Silva e Heine (2008) quando propõem uma “capoeira da escola” para que possa ser utilizada em todas as suas multifaces de luta, de arte, de ritmo, de jogo, de instrumentação, de brincadeira, de expressão corporal, de historicidade, conforme expressa-se Freire, ao prefaciá-la obra “Capoeira, um instrumento psicomotor para a cidadania”:

(...) não morro sem ver a capoeira reconhecida como Educação Física, e das boas. (...) Integrar a capoeira na Educação Física é simplesmente dizer que nossa educação deve ter como ponto de partida aquilo que nos faz mais brasileiros. (...) É a vida que se joga na roda, a vida como ela é, como nós somos. (...) Que lindo o jogo que se joga cantando (...) que linda a educação que encanta, jogada, dançada (SILVA; HEINE, 2008, p.16. Prefácio de João Batista Freire).

2.4 A Capoeira em algumas propostas curriculares estaduais brasileiras

Propostas curriculares, em geral, são produzidas pelas secretarias estaduais de educação, e têm o objetivo de concentrar e sugerir o que é fundamental para as

escolas: o que se quer que o aluno aprenda, além do quê e como ensinar, para que estas aprendizagens sejam plenas e satisfatórias (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Estes documentos designam objetivos e conteúdos, e ainda, quando e como estes serão abordados pelos profissionais da educação.

Com as atenções voltadas para a capoeira na escola, pergunta-se: o que os órgãos públicos, responsáveis por orientar e propor aquilo que será ensinado e tratado nas escolas brasileiras por seus profissionais, estão sugerindo sobre a capoeira na EFE?

Assim sendo, buscou-se, neste capítulo, analisar as propostas curriculares de alguns Estados brasileiros no que diz respeito à proposição da capoeira como um dos conteúdos da EFE, uma vez que os referenciais curriculares são indicadores das ações pedagógicas, ou seja, conforme afirma a proposta do Rio Grande do Sul (2009, p.10), “a escola não é livre para escolher (...) não ensinar. A liberdade da escola, sua autonomia, consiste em escolher como ensinar”.

É importante ressaltar que as propostas curriculares fazem parte de um todo, que se inicia com a LDB, ponto inicial de um processo de construção curricular que indica as diretrizes que os sistemas de ensino estaduais e municipais deverão se pautar para finalizá-lo. Esta finalização é realizada pelas escolas a partir das propostas curriculares de cada estado (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Para um entendimento maior é necessário esclarecer que o país possui um quadro normativo que se estrutura no âmbito federal – a Constituição, a LDB e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). A partir destas diretrizes nacionais, os Estados e Municípios devem elaborar, para suas respectivas escolas, suas propostas curriculares.

O Brasil é composto por 27 unidades federativas, sendo 26 Estados e um Distrito Federal. Foi possível obter as propostas curriculares de 17 Estados e a do Distrito Federal, por meio da internet ou de documentos impressos.

Procurou-se inferir, inicialmente, quais propostas sugeriam a capoeira como conteúdo (o que ensinar) da EFE. Realizada esta primeira aferição, a análise se deu nos documentos em que esta prática corporal estava presente.

A partir daí procurou-se analisar sob quais aspectos e eixos temáticos ela vem sendo sugerida (categoria), ou seja, se nas lutas, nos jogos, na dança, dentre outros; para qual(s) ano(s) de escolarização a capoeira é indicada (quando ensinar); e sob quais dimensões dos conteúdos (procedimental, conceitual e atitudinal), ou seja, quais as aprendizagens da capoeira são recomendadas, conforme análise e descrição no Apêndice A (Análise e Descrição das Propostas Curriculares Estaduais).

Deste modo, foram analisadas, a princípio, 18 Propostas Curriculares dos seguintes Estados e Distrito Federal, dispostos em ordem alfabética: Acre, Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, conforme Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: A capoeira nas Propostas Curriculares Estaduais.

ESTADOS	O conteúdo está presente na proposta?	Categoria	Anos escolares	Dimensões
Acre	Sim	Lutas	6º ano	Procedimentais, Conceituais, e Atitudinais
Alagoas	Não			
Ceará	Não			
Distrito Federal	Não			
Espírito Santo	Não			
Goiás	Sim	Lutas	6º ao 9º anos	Procedimentais, Conceituais, e Atitudinais
Maranhão	Sim	Lutas	5º ao 9º anos	Conceituais e Procedimentais
Mato Grosso	Não			
Mato Grosso do Sul	Não			
Minas Gerais	Sim	Jogos e Brincadeiras	6ª a 9ª séries e Ensino Médio	Conceituais e Procedimentais
Paraná	Sim	Lutas	6º ao 9º anos e Ensino Médio	Procedimentais, Conceituais, e Atitudinais
Pernambuco	Sim	Lutas	Ensino Médio (2º ano)	Procedimentais, Conceituais, e Atitudinais
Rio de Janeiro	Sim	Lutas	Ensino Médio (1ª série)	Procedimentais, Conceituais, e Atitudinais
Rio Grande do Sul	Sim	Lutas e Dança	7ª e 8ª séries	Conceituais e Procedimentais

ESTADOS	O conteúdo está presente na proposta?	Categoria	Anos escolares	Dimensões
Rondônia	Sim	Múltiplas Linguagens: Lutas	5º ano	Conceitual
		Múltiplas Linguagens: Dança	7º ano	Procedimentais, Conceituais, e Atitudinais
Santa Catarina	Não			
São Paulo	Sim	Lutas	8ª série e Ensino Médio (3ª série)	Conceituais e Procedimentais
Sergipe	Sim	Lutas	6º e 7º anos	Conceituais e Procedimentais

Faz-se importante lembrar que as propostas apresentam-se sob diferentes estruturas e nomenclaturas dos itens ora investigados. Além disso, nem todos estes itens estão expostos por completo o que impediu que alguns apontamentos pudessem ser descritos.

Constatou-se que a capoeira está presente em 11 das 18 propostas analisadas, porém com algumas significativas diferenças entre si. Quanto à categoria em que é recomendada, os Estados do Acre, Goiás, Maranhão, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe sugerem a capoeira no conteúdo das Lutas.

A proposta de São Paulo esclarece que não é fácil delimitar conceitualmente cada um dos eixos de conteúdos propostos para a Educação Física. A capoeira, por exemplo, é ao mesmo tempo luta, jogo e dança, e tem sido objeto de um processo de “esportivização”. A proposta a recomenda na categoria de Lutas e nos conteúdos mais específicos propõe que o aluno a conheça como luta, jogo e esporte.

No Estado de Minas Gerais a capoeira está inserida na categoria dos Jogos e Brincadeiras e mais, especificamente, junto aos temas dos jogos populares, jogos esportivos, jogos de raquete, jogos de salão e jogos de rua. No entanto, em sua introdução, a proposta considera a capoeira como luta, jogo, dança e arte, esporte, educação, e ainda como lazer.

Nos Estados do Rio Grande do Sul e Rondônia a capoeira encontra-se na categoria das lutas e também da dança. A proposta do Rio Grande do Sul enfatiza que no ensino desta prática corporal sua essência lúdica deve ser mantida,

caracterizada pela surpresa cheia de “mandingas” e “malícias”, que buscam levar o companheiro a cometer um “vacilo” para poder atacar. Tanto para o eixo das Lutas quanto para o eixo das Danças (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

No Estado de Rondônia a capoeira está no eixo temático das múltiplas linguagens considerando as ligações interdisciplinares da proposta. Este eixo subdividiu-se em “núcleos e conhecimentos requeridos” no qual a capoeira encontra-se dentro do “movimento nas manifestações lúdicas e esportivas” – lutas e nas “atividades rítmicas e expressivas” – dança.

Considera-se que estas diferentes abordagens nas propostas se devem as origens e trajetória histórica da capoeira. Esta nasceu como luta de resistência e libertação, sendo praticada em sua maioria, por negros escravos. Teve sua prática proibida necessitando disfarçar-se em dança, jogo, brincadeira, dentre outras, para que continuasse a ser realizada (FALCÃO, 2004).

A capoeira deve ser entendida como um fenômeno social, que permanentemente se manifesta, e como manifestação cultural que permanentemente se constrói, sendo influenciado pelo tempo histórico em que se situa e também edificado a partir dos interesses dos sujeitos que por meio dele atuam (FALCÃO, 2006). Razões estas que podem implicar nas diferentes visões que os Estados brasileiros propõem sobre sua aplicação nas escolas.

No que diz respeito à fase escolar para a qual é recomendada, as propostas são divergentes, pois ora é atribuída do 6º ao 9º anos, ora somente para o 6º ano ou ainda para o ensino médio. Divergindo ainda, dentro de uma mesma proposta, a categoria que a capoeira é considerada, conforme o Estado de Rondônia que a propõe como luta para o 5º ano e como dança para o 7º ano do ensino fundamental.

É importante ressaltar que estas propostas curriculares são de responsabilidade dos Estados brasileiros e que cada uma tem sido produzida de acordo com as vertentes pedagógicas nas quais se apóiam e, ainda, que a proposta curricular da Bahia encontra-se em elaboração, por isto não foi inserida na análise.

Souza e Oliveira (2001) propõem uma estruturação da capoeira como conteúdo da EFE no ensino fundamental e médio, considerando a fase de

desenvolvimento da criança e suas possibilidades motoras, afetivas e cognitivas, baseados nos fundamentos da capoeira de forma geral.

Apesar do grande crescimento que a capoeira teve nos últimos anos com relação a pesquisas científicas e obras destinadas a investigarem sobre seus aspectos ainda há a necessidade de mais estudos que possam propor sua aplicação nas fases escolares. E, para além disso, que haja concordância entre aqueles que detêm o poder de sugerir o que será desenvolvido, como neste caso específico, as secretarias educacionais de cada Estado.

A necessidade de ampliação das pesquisas científicas no sentido de fundamentar a aplicação pedagógica da capoeira também pode ser uma das razões da discordância que as propostas curriculares apresentam sobre quais aspectos desta prática corporal devem ser explorados e sob quais dimensões dos conteúdos deverão ser aplicadas.

É necessário destacar que se considera conteúdo, em uma visão ampliada, conforme apresentam Darido e Galvão (2006),

Quando nos referimos a conteúdos estamos englobando conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes (DARIDO; GALVÃO, 2006, p. 39).

A partir deste conceito ampliado, é possível abarcar o que se deve aprender na escola, considerando os conteúdos para além do ensino de técnicas e táticas, sob as dimensões: procedimental (o que saber fazer): fundamentos e técnicas; conceitual (o que saber): quais conceitos estão ligados aos movimentos realizados; e atitudinal (como se deve ser): quais atitudes devem ter nas e para as atividades corporais dos conteúdos (DARIDO; RANGEL, 2005).

Ao tratar-se dos conteúdos sob esta perspectiva, busca-se garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento (DARIDO, 2001). Não se quer desta forma aprisionar as aulas de Educação Física, e mais especificamente, de capoeira, em momentos teóricos, mas que eles sejam

contribuições que fundamentem as discussões dos conteúdos, apoiados na prática, que são aplicados na escola.

Corroborando Betti (1998, p. 19) quando afirma que a Educação Física proporciona aos alunos um certo tipo de conhecimento, mas que não é um “conhecimento que se possa incorporar dissociado de uma vivência concreta” (...). Vivência esta que estará “impregnada da corporeidade do *sentir* e do *relacionar-se*”. Ou seja, trata-se de um conhecimento produzido que vai muito além do “exercitar-se” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p. 12).

Voltando a análise das propostas curriculares sobre quais aspectos da capoeira devem ser explorados, percebeu-se que em sua maioria constam os aspectos históricos, técnico-táticos, sociais e culturais da capoeira com diferenças significativas entre si, conforme a análise constante do Apêndice A, já referido.

Foi possível perceber que, também quanto às dimensões dos conteúdos, ou seja, as aprendizagens há algumas diferenças no que as propostas sugerem sobre a aplicação da capoeira. Das 11 propostas analisadas todas apresentam as dimensões procedimentais e conceituais e, em 6 delas, pode-se considerar que a dimensão atitudinal está presente. O Estado de Rondônia apresenta as três dimensões para o 9º ano, e para o 5º ano somente a dimensão conceitual.

Diante desta diversificação do que as propostas sugerem considera-se importante que os Estados mantenham um diálogo maior entre si, mas imprescindível que também ouçam seus professores. Para Sacristán (2000), a aplicação prática do currículo tem como destinatário o professor, é dele a ação de ensinar, de quem depende a modelação particular das ideias e pressupostos ali determinados para que elas sejam realmente concretizadas.

A partir destas discussões poder-se-á considerar um currículo mínimo, não só para a capoeira como também para a Educação Física, o que se acredita irá auxiliar aos professores em seu fazer pedagógico. Kunz (1994) entende que a elaboração de um programa mínimo poderia resolver a “bagunça” interna da disciplina, um programa de conteúdos baseados na complexidade e com objetivos definidos para cada ano de ensino.

Gonzalez (2006) acredita que, tanto é possível identificar um conjunto de princípios orientadores gerais para a Educação Física, quanto devem ser desenvolvidos de forma coletiva. Para o autor a Educação Física como componente curricular é responsável por um determinado campo de saber, assim é necessário explicitar o conjunto de conhecimentos e explicar como eles se organizam.

Segundo Darido et al (2008), apesar do Brasil ser um país extenso e diversificado no que diz respeito à cultura, um currículo sistematizado que contenha diferentes conteúdos traria diversos benefícios aos professores e alunos nas aulas de Educação Física. O professor teria a possibilidade de refletir sobre sua prática além de ser auxiliado no planejamento de suas aulas, com maior diversidade de conteúdos e criatividade.

Os autores ainda afirmam que os estudos relacionados ao que eles denominam de “sistematização dos conteúdos” não são satisfatórios (DARIDO et al, 2008, p. 388), embora algumas propostas curriculares apresentem preocupações com a organização e sistematização de conhecimentos para a EFE.

Os resultados desta análise apontam a presença da capoeira na maioria das propostas, principalmente alocada na categoria das lutas, apontando a sua importância no contexto nacional. No entanto, quanto ao ano de escolarização e os aspectos que devem ser abordados, existem inúmeras divergências.

Apesar deste resultado, que se considera positivo do ponto de vista de que os órgãos públicos, responsáveis por orientar o que será ensinado nas escolas brasileiras estejam apontando a capoeira como conteúdo das aulas de Educação Física, legitimando-a, ainda não se pode afirmar que esta tem sido desenvolvida neste contexto.

Portanto faz-se cada vez mais necessário que novos estudos sejam realizados, que abordem, sobretudo os aspectos relacionados à organização curricular e a produção de materiais didáticos, possibilitando assim, maior aproveitamento pedagógico e cultural da capoeira. E que possam ainda auxiliar os professores no cumprimento do que as propostas curriculares de seus Estados sugerem.

3 CAPOEIRA, EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TECNOLOGIAS: panorama de pesquisas

Uma vez percebida a necessidade de novos estudos relacionados à capoeira para seu melhor aproveitamento pedagógico e cultural, foi realizada uma busca a fim de se obter um panorama das pesquisas já produzidas, nos últimos dez anos, dos temas centrais deste trabalho. Este panorama servirá como ponto de partida para novos estudos, e também de aporte teórico deste trabalho.

Além disso, poderá colaborar para a disseminação e utilização das informações disponibilizadas por meio de quadros e de uma lista dos artigos pesquisados em ordem alfabética (ANEXO B). A lista de artigos sobre capoeira está disponível no blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, facilitando futuras pesquisas ou a sua utilização pelos professores, público-alvo que se pretende atender.

A busca foi realizada sobre as temáticas Capoeira, a Capoeira e a Educação Física Escolar, e ainda, a Capoeira e as Tecnologias, temas relacionados a presente pesquisa.

A pesquisa dos artigos de periódicos foi realizada inicialmente, com o trabalho de ambientação com o Portal de Periódicos da Capes, por meio do seu tutorial, servindo de preparação para a definição da estratégia de busca, possibilitando o alcance dos resultados apresentados neste tópico.

A estratégia de busca foi elaborada da seguinte forma:

- 1º Foi definido como critério de busca as publicações dos últimos 10 anos mais o ano, então vigente, de 2011, ou seja, os artigos publicados entre 2000 à 2011.
- 2º Definiram-se os termos de busca como: **CAPOEIRA**; **CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**; e **CAPOEIRA “E” TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO** (sendo que aqui, também, utilizou-se os termos **TECNOLOGIA “OU” TICs “OU” SITES “OU” ENDEREÇO ELETRÔNICO “OU” BLOG “OU” INTERNET**);

3º A busca foi realizada, inicialmente, nas 22 Bases de Dados disponibilizadas pelo Portal Capes em parceria com a UNESP, dentro da “área de conhecimento” Ciências da Saúde e da subárea Educação Física e Esportes, refinando-a para as 4 Bases disponibilizadas, com a exceção da SciELO, pois foram utilizados os termos em inglês *PHYSICAL EDUCATION* “AND” CAPOEIRA, recuperando 93.047 documentos, sendo somente um recuperado com o termo CAPOEIRA (SAUER, Karin E. “I Am Illiterate. But I Am a Doctor of Capoeira”: **Integration of marginalized youth in Brazil. International Handbook of.** As bases pesquisadas foram às seguintes:

- **Science (AAAS):** Estão disponíveis a revista *Science Magazine* e a publicação *Science Signaling*.
- **ScienceDirect (Elsevier):** Estão disponíveis publicações da *Elsevier* e de outras editoras científicas, cobrindo as áreas de Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Letras e Artes.
- **SpringerLink (MetaPress):** Coleção de publicações com ênfase nas áreas de Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias e Ciências Exatas e da Terra.
- **Wiley Online Library:** Está disponível coleção cobrindo as áreas de Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

4º Refinou-se a busca pela consulta somente ao Portal de Periódicos da Capes por meio da Base de Dados SciELO.ORG, no qual estão catalogados os seguintes periódicos da Educação Física que apresentaram resultados:

- REVISTA MACKENZIE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE;
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE;
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO;
- REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM;
- MOTRIZ. Revista de Educação Física – UNESP;
- REVISTA PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DO DESPORTO;
- MOTRIVIVÊNCIA.

O SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e particularmente na América Latina e Caribe, o modelo proporciona uma solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal a sua literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno conhecido como “ciência perdida”.

O Modelo SciELO é produto da cooperação entre a FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, e BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, instituições nacionais e internacionais relacionadas com a comunicação científica e editores científicos.

No sentido de favorecer a visualização, os resultados encontrados serão, inicialmente, apresentados por periódicos.

3.1 Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte

A REMEFE - Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte (Quadro 2) é fruto de trabalho integrado de seu corpo diretivo e docente, com a colaboração de pesquisadores e acadêmicos brasileiros e de fora do país, sendo um instrumento democrático de divulgação da produção científica desta área nas suas diversas manifestações e linhas de pesquisa, de caráter puro ou aplicado. É produzida pelo Curso de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. É indexada pelo SciELO e pelo *Open Journal Systems*.

Quadro 2: REVISTA MACKENZIE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
ALLEONI, B. N. A manifestação corporal capoeira: uma cultura nacional brasileira. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte , São Paulo, v. 9, n. 1, p. 24-31, 2010.	DARIDO, S. C.; IÓRIO, L. S. Educação Física, capoeira e Educação Física escolar: possíveis relações. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte , São Paulo, v. 4, n. 4, p. 137-146, 2005.	
ARAÚJO, P. C. O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte , São Paulo, v. 1, n. 1, p. 107-116, 2002.		
DARIDO, S. C. <i>et al.</i> Educação Física no Ensino Fundamental e Médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários sistematização dos conteúdos da Educação Física. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte , São Paulo, v. 6, n. 1, p. 89-109, 2007.		

3.2 Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Quadro 3) é um dos periódicos científicos brasileiros na área de Educação Física/Ciências do Esporte, indexada nas seguintes bases: *Scielo*, *SIBRADID*, *Sportsearch*, *Sport Discus*, *Ulrich's International Periodicals*, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), e *Latindex Lilacs*.

Quadro 3: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
FALCÃO, J. L. O jogo da capoeira em jogo. Rev. Bras. Ciênc. Esporte , Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006.	SILVA, P. C. C. Capoeira nas aulas de Educação Física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. Rev. Bras. Ciênc. Esporte , Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez. 2011	
CASTRO JÚNIOR, L. V. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. Rev. Bras. Ciênc. Esporte , Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.		

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
MWEWA, A.; VAZ, A. F. Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. Rev. Bras. Cienc. Esporte , Campinas, v. 27, n. 2, p. 45-58, jan. 2006		
SILVA, P. C. C. Capoeira e Educação Física – uma história que dá jogo. Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. Rev. Bras. Cienc. Esporte , v. 23, n. 1, p. 131-145, set. 2001.		
CASTRO JÚNIOR, L. V.; SANT’ANNA SOBRINHO, J. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. Rev. Bras. Cienc. Esporte , Campinas, v. 23, n. 2, p. 89-103, jan. 2002.		
SANTOS, G. O. S. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física. Rev. Bras. Cienc. Esporte , Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, jan. 2009.		
MORENO, A. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. Rev. Bras. Cienc. Esporte , Campinas, v. 25, n. 1, p. 55-68, set. 2003.		
ARAÚJO, M. L.; MOLINA NETO, V. “Essanegranão!” A prática política-pedagógica de uma professora negra em uma escola da rede municipal de ensino de porto alegre: um estudo de caso. Rev. Bras. Cienc. Esporte , Campinas, v. 29, n. 2, p. 203-225, jan. 2008. Maíra Lopes de Araújo, Vicente Molina Neto		
ALMEIDA, J. A.; TAVARES, O.; SOARES, A. J. G. Discursos Identitários Da Capoeira Na Revista Brasileira De Ciências Do Esporte (RBCE). Rev. Bras. Cienc. Esporte , Campinas, v. 30, n. 1, p. 171-185, set. 2008.		

3.3 Revista Brasileira de Ciência e Movimento

A missão da Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM) é disseminar a produção científica nas áreas da atividade física, do exercício e do esporte, através da publicação de resultados de pesquisas originais e de outras formas de documentos (Quadro 4) que contribuam para o conhecimento fundamental e aplicado no âmbito das Ciências da Saúde. A Revista Brasileira de Ciência e

Movimento é o órgão oficial de divulgação científica do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS) e da Universidade Católica de Brasília (UCB). É indexada pelo SciELO.

Quadro 4: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, C. A. A capoeira em Florianópolis: um resgate histórico. R. Bras. Ci. e Mov. , Brasília, v. 11, n. 2, p. 13-18, jun. 2003.		

3.4 Revista da Educação Física/UEM

É publicada trimestralmente pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá-UEM (Quadro 5). A revista tem por objetivo divulgar a produção do conhecimento relacionado à área da Educação Física. É indexada pelo SciELO.

Quadro 5 : REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
TUBINO, M. J. G.; LUSSAC, R. M. P. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. Rev. Educ. Fís/UEM , Maringá, v. 20, n. 1, p. 7-16, 1. trim. 2009.	SOUZA, S. A. R.; OLIVEIRA, A. A. B. Estruturação da capoeira como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio. Rev. Educ. Fís/UEM , Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001.	
FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. História da Capoeira Rev. Educ. Fís/UEM , Maringá, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2. sem. 2002.	SANTOS, L. S. O desporto em si não educa. Rev. Educ. Fís/UEM , Maringá, v. 11, n. 1, p. 77-85, 2000.	
SANTOS, L. S. Labirintos da Educação Física. Rev. Educ. Fís/UEM , Maringá, v.13, n. 2, p. 63-70, 2. sem. 2002.		

3.5 Motriz. Revista de Educação Física

A Revista de Educação Física Motriz (Quadro 6) é um periódico científico trimestral publicado pelo Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências, do campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio

Claro). Tem como missão a divulgação da produção científica em Ciências da Motricidade Humana e áreas correlatas, objetivando contribuir com a discussão e o desenvolvimento do conhecimento nestas áreas. A Motriz é indexada na *Web of Science*, na *Scopus*, na *SciELO*, na *LILACS* e na *Public Knowledge Project (PKP)*.

Quadro 6: MOTRIZ. Revista de Educação Física

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
SOUZA, J. C. N.; DIAS, N. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. Motriz , Rio Claro, v. 16, n. 3, p.620-628, set. 2010	SILVA, M.; SOUZA NETO, S.; BENITES, L. A. Capoeira como escola de ofício. Motriz , Rio Claro, v.15, n.4, p.871-882, out./dez. 2009	
ALVES, F. Uma conquista poética na dança contemporânea através da capoeira. Motriz , Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 175-180, set./dez. 2003.	PAIM, M. C. C.; PEREIRA, E. F. Fatores motivacionais dos adolescentes para a prática de capoeira na escola. Motriz , Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 159-166, set./dez. 2004.	
GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. Motriz , Rio Claro, v. 15, n. 3 p. 700-707, jul./set. 2009.		

Neste periódico foi possível recuperar um documento pertinente a um dos assuntos da pesquisa, TECNOLOGIA, que poderá servir, também, de arcabouço teórico/metodológico:

MACHADO, A. A.; CALLEGARI, M.; MOIOLI, A. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 4, p.728-737, dez. 2011.

3.6 Revista Portuguesa de Ciências do Desporto

A Revista Portuguesa de Ciências do Desporto (Quadro 7) é uma publicação da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto que aborda a prática do desporto como fenómeno polissémico e polimórfico, ou seja, portador de muitos sentidos na diversidade de formas e acentuações que assume: nos domínios da educação e formação institucionais, da saúde, da recreação e tempos livres, da reeducação e reabilitação, do rendimento desportivo e da gestão do desporto.

Quadro 7: REVISTA PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DO DESPORTO

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
CORTE-REAL, N. et al. Prática desportiva de estudantes universitários: o caso da Universidade do Porto. Rev. Port. Cien. Desp. , Porto, Portugal, v. 8, n. 2, p. 219-228, ago. 2008.		
ALMEIDA, M. N.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias. Rev. Port. Cien. Desp. , Porto, Portugal, v. 7, n. 1, p.124-133, jan 2007.		
BRENNECKE, A.; AMADIO, A. C.; SERRÃO, J. C. Parâmetros dinâmicos de movimentos selecionados da capoeira. Rev. Port. Cien. Desp. , Porto, Portugal, v. 5, n. 2, p.153-159, maio 2005.		

3.7 Revista Motrivivência

Periódico editado com o objetivo de difundir as produções científicas e proporcionar a troca de experiências entre a comunidade científica universitária (docentes, estudantes, servidores) e das demais instituições culturais ligadas ao campo da Educação Física, Esporte e Lazer, além de dinamizar a produção acadêmica (Quadro 8) no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A Motrivivência é indexada no *Public Knowledge Project*.

Quadro 8: REVISTA MOTRIVIVÊNCIA

CAPOEIRA	CAPOEIRA “E” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	CAPOEIRA “E” TICs “OU” TECNOLOGIA
PINTO, F. M. Movimento/Cultura Popular: a luta continua camará... Motrivivência , Florianópolis, v. 11, n. 14, p. 115-136, maio 2001.	CASTRO JÚNIOR, L. V.; ABIB, P. R. J.; SANTANA SOBRINHO, J. Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar. Motrivivência , Florianópolis, p. 159-174, v. 11, n 14, p. 159-174, maio 2001.	
FALCÃO, J. L. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. Motrivivência , Florianópolis, p. 93-114, v. 11, n. 14, p. 93-114, maio 2001.	SABINO, T. F. P.; BENITES, L. C. A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular: um relato de experiência. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 35, p. 234-246, dez. 2010	

Este periódico elaborou duas edições relacionadas ao termo TECNOLOGIA, embora não esteja relacionado à Capoeira, mas com artigos que poderão ser úteis no desenvolvimento do blog, objetivo principal desta pesquisa. Estas publicações foram divulgadas com os títulos “Educação Física e Mídia” e “Educação Física e Tecnologias Digitais”.

Na edição “Educação Física e Mídia” a ênfase do conteúdo discutido são os meios de comunicação de massa, sendo que o artigo, à seguir, é pertinente à pesquisa:

- ZYLBERBERG, T. P. A internet como uma possibilidade do mundo da (in)formação sobre a cultura corporal. **Motrivivência**, Florianópolis, p. 61-71, v. 12, n. 17, p. 61-71, set.. 2010.

Quanto à edição “Educação Física e Tecnologias Digitais”, conforme o Quadro 9, abaixo, contém artigos relevantes, na sua maioria, ao desenvolvimento da pesquisa.

Quadro 9: Artigos relacionados à Educação Física e as Tecnologias Digitais

BITENCOURT, F. G. A ciência, o olhar e o se-movimentar: uma fenomenologia do futebol - ou de como o CAP encontra talentos. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 186-207, jun. 2010.
BONILLA, M. H. S. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 40-60, jun. 2010.
CAMILO, R. C.; BETTI, M. Multiplicação e convergência das mídias: desafios para a educação física escolar. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 122-135, jun. 2010.
CAZETTO, F. F. Jiu-Jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de Lutas e Artes Marciais. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 223-230, jun. 2010.
FANTIN. Dos consumos culturais aos usos das mídias e tecnologias na prática docente. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 12-24, jun. 2010.
GODOI, M. R. Dialogismo, decodificação e marketin digital interativo em torno das práticas corporais no festival on-line de vídeos olympikus.mov. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 136-155, jun. 2010.
GOMES, C. F.; BARBOSA, R. F. M. Brincadeira, mídia e pós-modernidade: reflexões e dilemas na sociedade atual. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 25-39, jun. 2010.
LISBOA, M. M; PIRES, G. D. L. Reflexões sobre a imagem e a fotografia: possibilidades na pesquisa e no ensino da Educação Física. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 72-86, jun. 2010.
MIRANDA, L. V. T. Oficinas pedagógicas de blogs na Educação Física: um relato de experiência. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 208-222, jun. 2010.
PRETTO, N. D. L. Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 156-169, jun. 2010.
RIBEIRO, S. D. As tecnologias: do software livre às experiências com a Educação Física e Mídia. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 87-105, jun. 2010.
SILVA, A. P. S; LAZZAROTTI FILHO; SILVA, A. M. Práticas corporais, experiência e realidade virtual: notas introdutórias. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 170-185, jun. 2010.
ZOBOLI, F.; SILVA; R. I. Cibercultura e Educação Física: algumas considerações ontológicas. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 106-121, jun. 2010.
ZYLBERBERG, T. P. Tecnologias digitais e avaliação: algumas conexões. Motrivivência , Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 61-71, jun. 2010.

3.8 Algumas considerações

Ao iniciar-se a pesquisa constatou-se o problema da polissemia da palavra “Capoeira”, utilizada, também, para representação de assuntos nas áreas da Agronomia e da Botânica, sendo recuperados 76 documentos somente no SciELO.ORG, dentre eles o artigo intitulado “Flebotomíneos (Diptera, Psychodidae) de capoeira do Município do Paço do Lumiar, Estado do Maranhão, Brasil: área de transmissão de leishmaniose”.

Vale lembrar a etimologia da palavra capoeira que, o etnólogo Waldeloir Rego (1968) citado por SILVA (2008), propõe três significados distintos. De etimologia tupi-guarani *Caá-puêra ou capoeira*, quer dizer mato virgem que já não é, que foi retirado e em seu lugar nasceu um mato fino e raso; também pode descrever a ave capoeira (*odontophorus capoeira*, Spix, que também é chamada de uru), uma espécie de perdiz pequena; e ainda, de etimologia portuguesa (de Portugal) significa cesto para guardar capões (galos).

Neste sentido foi preciso refinar a busca associando o termo à Educação Física para evitar a polissemia.

Durante as buscas foram encontradas algumas dificuldades no Portal de Periódicos da CAPES e na plataforma SciELO, na qual estão formatados todos os periódicos, tais como:

- Mesmo utilizando o tutorial a perda de tempo é imensurável frente aos recursos que poderiam ser aproveitados e não o são, como a utilização de uma lista de descritores para consulta, por exemplo.
- Ao localizar os documentos eles são apresentados como na revista impressa, em forma de sumário, muitas vezes sem o número de páginas e outros dados exigidos pela NBR 6023/2002 **Referências – Elaboração**, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O que gerou muito trabalho que poderia ser evitado, caso no resultado das pesquisas saíssem, ao menos, os dados necessários para elaboração da referência. Para conseguir os dados como as páginas,

por exemplo, o que viabiliza a normalização correta da sua referência, foi necessário abrir e consultar, praticamente, todos os artigos em PDF.

Foram recuperados 42 artigos, sendo que 29 com os termos CAPOEIRA, 6 com CAPOEIRA e EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR e nenhum com TICs, além da edição sobre Tecnologia da Motrivivência com 15 artigos complementares.

Estes resultados representam uma surpresa uma vez termos acompanhado, via lista de discussão, que comporta um considerável número de participantes, entre eles professores de diferentes universidades do país, com significativas publicações relacionadas à capoeira. Ou seja, nesta lista, além de nossa busca pessoal enquanto docente do ensino superior e pesquisadora, foi possível perceber um significativo número de trabalhos entre monografias, dissertações e teses envolvendo a capoeira, que provavelmente não estão sendo publicados na forma de artigos de periódicos.

De acordo com Falcão (2012), somente entre os anos de 1980 e 2006 foram catalogadas 85 produções científicas envolvendo a capoeira, sendo 2 teses de livre docência, 12 teses de doutorados e 71 dissertações de mestrado. Estas publicações são de diferentes áreas do conhecimento como a História, a Antropologia, as Artes, a Linguística, dentre outras, sendo que a maior parte destas situa-se na área da Educação e, em seguida, da Educação Física.

Baseando-se nestas informações - de Falcão (2012) e das indicações do Prof. Luiz Gonçalves Junior, da Banca de Qualificação - são apresentadas, no Quadro 10, abaixo, algumas produções entre teses e dissertações encontradas:

Quadro 10: Teses e dissertações⁸.

ABIB, P. R. J. Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.
BARBIERI, C. A. S. O que a escola faz com o que o povo cria: até a capoeira entrou na dança! 2003. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2003.
CASTRO JÚNIOR, L. V. A. A pedagogia da capoeira: olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de educação física. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2002.
FALCÃO, J. L. C. O Jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
FILGUEIRAS, J. P. Capoeira em tradução: representações discursivas em um corpus paralelo bilíngue. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
FIRMINO, C. R. Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2011.
LEAL, L. A. P. Deixai a política da capoeiragem gritar: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
MARQUES, E. Corpo e alma dos capoeiras no submundo carioca: (Cidade do Rio de Janeiro, 1850-1890. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
MESSIAS, M. I. C. A importância da inclusão da cultura afro-brasileira nos currículos da Educação Física escolar a partir do conteúdo da capoeira. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.
MWEWA, M. Indústria cultural e educação do corpo no jogo de capoeira: estudos sobre a presença da capoeira na sociedade administrada. 2005. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2005.
NOGUEIRA, S. G. Processos educativos da capoeira angola e construção do pertencimento étnico-racial. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2007.
OLIVEIRA, A. L. Os significados dos gestos no jogo da capoeira. 1993. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.
OLIVEIRA, J. P. Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937). 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
PIRES, A. L. C. S. A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). 1996. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
PIRES, A. L.C. S. Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950). 2001. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
SANTANA, S. R. O. Capoeira angola e técnica da dança: análise do movimento e descrição de princípios para o treinamento técnico-corporal de dançarinos. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
SILVA, E. L. Capoeira. 1980. Dissertação (Mestrado) – <i>The Katherine Dunham School of Arts and Research</i> (K.D.S.A.R.), Estados Unidos da América, 1980.
SIMÕES, R. M. A. Da inversão à re-inversão do olhar: ritual e performance na capoeira angola. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.
TAVARES, J. C. Dança da guerra: arquivo-alma. 1984. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1984.

⁸ Quadro baseado nas informações de Falcão (2012) e das indicações do Prof. Luiz Gonçalves Junior, da Banca de Qualificação.

Em observação ao Quadro 10, é possível perceber que os estudos com enfoque sócio-cultural são predominantes comparados aos estudos de cunho pedagógico, realidade também observada no campo da EFE.

Betti, Ferraz e Dantas (2011) esclarecem que, das 333 teses defendidas entre os anos de 1994 e 2008, de alguns cursos de Educação Física no Brasil, somente 16 (6,3%) tinham como tema a EFE, o que demonstra que poucos são os investimentos feitos, da pós-graduação brasileira, nas pesquisas voltadas para a EFE.

Consequentemente, esta situação se reflete em todas as temáticas da cultura corporal (neste caso específico, a capoeira) que compreendem a EFE. Desta forma, concorda-se com Betti, Ferraz e Dantas (2011) quando afirmam que:

É urgente a mudança desta situação preocupante “sob pena de, a médio prazo, comprometer a qualidade pedagógica da Educação Física Escolar e assim minimizar, (...) a riqueza “dos sentidos culturais e potencialidades de estimulação do organismo humano” que este componente curricular pode oferecer à formação das crianças, jovens e adultos (BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011, p. 113).

4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

4.1 As Tecnologias da Informação e Comunicação e a Educação

A capacidade da espécie humana de sistematizar ações, aperfeiçoá-las, ensiná-las, aprendê-las e socializá-las com seus pares distantes no espaço e no tempo, os quais poderão avaliar estas ações e tomar decisões sobre a conveniência e utilidade de avançar por este ou aquele caminho, é o que a distingue significativamente dos outros seres vivos (SANCHO, 1998).

Os seres humanos demonstram capacidade para desenvolver utensílios, aparelhos, ferramentas e técnicas, o que a autora denomina de “tecnologias instrumentais”, como também de construir a linguagem, a escrita, sistemas de representação, as relações humanas, dentre outras, sendo estas as “tecnologias simbólicas”. Para ela a tecnologia é uma “produção basicamente humana” (SANCHO, 1998, p.26).

De acordo com Kenski (2003) foi o uso do raciocínio que permitiu ao homem inovar-se em um processo contínuo e evolutivo no qual as ideias foram surgindo e foram dando origem aos produtos. Desta forma a linguagem verbal foi a primeira tecnologia que se tem notícia, uma criação que se fundamentou no paralelismo da estruturação tecnológica da fala com a evolução biológica do ser humano.

Segundo a autora após a linguagem oral veio a linguagem escrita proporcionando ao ser humano uma “autonomia do conhecimento” uma vez que o ato de escrever e registrar as informações provocou mudanças na transmissão destes conhecimentos. Estas então podem ser consideradas como as primeiras tecnologias. Mas afinal o que é tecnologia?

Para Mercado (2008) e Kenski (2007), tecnologia define-se pelo conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam no planejamento, na construção e na utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade. Sancho (1998) corrobora afirmando que a tecnologia não é um simples fazer, é um

fazer com raciocínio, é uma técnica que emprega os conhecimentos científicos para criar e transformar processos materiais.

A técnica diz respeito às maneiras para executar ou fazer algo e às habilidades especiais para lidar com cada tecnologia. Algumas são simples e fáceis de aprender, transmitidas de geração a geração (conhecimentos culinários, por exemplo), outras necessitam de conhecimentos específicos e mais complexos, como pilotar um avião. A tecnologia envolve as ferramentas tecnológicas e os usos que são destinados a elas (KENSKI, 2003).

As novas tecnologias envolvem processos e produtos provenientes da eletrônica, microeletrônica e das telecomunicações, tendo como meio o espaço virtual e como matéria-prima, a informação. Estas tecnologias eletrônicas de informação e comunicação, baseadas na linguagem digital possibilitam informar, comunicar, interagir, aprender e constituem-se na “terceira linguagem” (KENSKI, 2007, p.31).

Desta forma, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) compreendem o processo de produção e utilização das tecnologias específicas de informação e comunicação, as quais têm como base as linguagens oral e escrita sintetizadas ao som, à imagem e ao movimento. São empregadas para a produção e propagação de informações, para a interação e a comunicação em tempo real, principalmente pelas redes digitais – a internet (KENSKI, 2007).

Com a evolução científica estas tecnologias estão por toda parte interferindo e transformando o comportamento da humanidade em suas formas de pensar, de agir, de construir o conhecimento e até mesmo de ensinar. Para Sancho (1998) as tecnologias constituem um novo sistema cultural que reestrutura o mundo social, influenciando o ambiente criando novas formas de vida e de fazer educação.

Borba, Malheiros e Zulatto (2011), consideram que a internet já impregnou a vida humana tornando-se um ambiente “natural”, pois já modificou o humano moldando seus pensamentos e modos de produzir o conhecimento. Afirmam ainda que o conhecimento, atualmente, é produzido por coletivos de “seres-humanos-com-mídias”, pois tanto os seres humanos quanto as mídias são fundamentais para a produção deste (BORBA; MALHEIROS; ZULATTO, 2011, p. 90-91 e 130).

Demo (2009) chama a atenção para a alfabetização nos dias atuais, a qual não acontece mais apenas na escola, advindas as novas tecnologias utilizáveis na escolarização das pessoas (em especial computador e internet), as crianças se alfabetizam em casa ou em outros lugares onde haja acesso virtual.

A criança, ao deparar-se com o computador, lida com ele sem saber ler, ela é “nativa”, enquanto os adultos são “imigrantes” (Prensky, 2006, citado por DEMO, 2008, p.54). Este fato provoca profundas mudanças nos processos de ensino e de aprendizagem para as quais os envolvidos com a educação devem atentar-se, pois é necessário aproximar-se do mundo real dos estudantes para que efetivamente a aprendizagem aconteça.

Aproximar-se deste mundo real também significa partir do que eles trazem consigo e da forma como aprendem, não subestimando ou negando os “saberes de experiência feitos” (FREIRE, 1992, p.85), ou seja,

(...) não podemos deixar de lado o que educandos trazem consigo de compreensão do mundo (...). Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo (...). Respeitar esses saberes, de que falo tanto, para ir mais além deles (FREIRE, 1992, p. 85-86).

As TICs, principalmente em sua linguagem digital, podem potencializar o aprendizado, alterando a natureza deste processo e a comunicação entre os sujeitos. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas possibilitando que o conhecimento aconteça por diferentes vias, provocando um maior aprofundamento do conteúdo a ser estudado (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2006).

Segundo os autores, as TICs oferecem ainda diferentes possibilidades de acesso e compartilhamento das informações, além de múltiplas formas de comunicação e interação imediatas ou não, que auxiliam o relacionamento entre alunos e professores, tornando o processo de ensino e de aprendizagem mais dinâmico, eficiente e significativo.

Moran, Masetto e Behrens (2000), esclarecem que as novas tecnologias utilizadas na educação são instrumentos para auxiliar o processo de ensino e de aprendizagem no que diz respeito à motivação dos alunos para aprender.

Entretanto, se não utilizada adequadamente, não terão o efeito esperado e acabarão por apenas substituir o quadro e o giz e a exposição continuará centrada no professor.

Ensinar, na sociedade da informação requer maturidade e curiosidade para que o educador esteja atento ao novo, que é tão instantâneo na atualidade. Hoje o termo definidor do conhecimento é a velocidade, tanto para aprender e esquecer quanto para acessar informações (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000; KENSKI, 2003).

Atualmente, uma das mais acessadas fontes de informação é a internet, na qual estas informações são obtidas de maneira rápida, fácil e gratuita expandindo oportunidades de aprendizado, porém cabe ao aluno transformá-las em conhecimento (BORBA; MALHEIROS; ZULATTO, 2011).

De acordo com Braga (2008), a internet tem sua unidade básica na página (*page*), que agrupadas e linkadas criam o website. A *Word Wide Web* é um sistema de informação e recurso multimídia baseado em hipertextos e é a área que mais se desenvolve na internet sendo utilizada para comunicação interpessoal de modo crescente.

Hipertextos são estruturas não sequenciais de leitura, que obedecem à vontade do leitor. Têm desdobramentos hipermediáticos e apresentam-se por meio de uma rede de associações complexas, integradas e interativas como textos escritos, imagens, sons, vídeos (KENSKI, 2003).

A comunicação, na internet, acontece em dois sentidos e permite a troca de mensagens de um-para-um (emails); um-para-muitos (*webpages*); muitos-para-um (uma pessoa buscando informação); e muitos-para-muitos (lista de discussão, blogs, educação à distância - EAD), todos relacionados a uma base de dados comum (BRAGA, 2008).

Chama-se a atenção para os blogs (abreviação de *weblogger*) que se definem por *websites*, pessoais ou coletivos, de publicações virtuais cronológicas, que são construídas cooperativamente. Neles são apresentadas informações – textos, fotos, animações gráficas, sons, vídeos – por meio de uma linguagem multimidiática, sobre

um assunto específico, datados e atualizados regularmente (BRAGA, 2008; CASTRO FILHO, 2008).

Os blogs se tornaram um fenômeno por sua funcionalidade interativa, simplicidade na operação e produção de ferramentas eficientes, o que pode atrair mais participantes. Além disso, justamente por esta menor complexidade e formalidade, Braga (2008) afirma que as pessoas sentem-se mais encorajadas a demonstrarem suas opiniões subjetivamente, ficando mais à vontade.

Por estas razões eles vêm sendo utilizados por professores, pois além de poderem compartilhar informações e conhecimentos com seus pares e com alunos, podem motivar a estes, transformando os espaços de aprendizagem e facilitando a comunicação entre todos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2006).

Nos blogs podem ser veiculados assuntos que expressam a opinião, a experiência e as pesquisas do autor(s) sobre determinado tema, de livre acesso. Possuem espaços de interação e debate nos quais os visitantes podem deixar suas mensagens, comentários, sugestões e outros links. Nestes espaços as pessoas adicionam links oferecendo dicas para o grupo e navegadores, o que Braga (2008, p. 49) denomina de “circuito-blogue”.

Hui-Min Lai e Chin-Pin Chen (2011) em uma pesquisa realizada com 325 professores do ensino secundário em escolas de Taiwan, intitulada “*Factors influencing secondary school teachers adoption of teaching blogs*”, que foram convidados por meio de mensagens deixadas em seus blogs ou por email, os autores procuraram encontrar quais os fatores que podem influenciar significativamente as decisões dos professores a adotarem blogs de ensino.

Concluíram que o fator que mais implica na adoção de blogs por professores é o prazer em ajudar os outros, sem esperar algo em troca. Professores, em geral, são altruístas, sentem-se felizes em ajudar seus alunos. Esta é uma influência fundamental para que professores participem, colaborem e criem blogs de ensino com o objetivo de partilhar seus saberes, e ainda, refletir e aprender.

Desta forma vão surgindo novas informações acerca do tema a que um blog se destina, que podem favorecer um aprendizado colaborativo em um contexto no

qual as conexões em cadeias abertas promovem discussões e reflexões entre os participantes. Isto resulta na liberdade de trocas, associações, significações e re-significações do conhecimento, expandindo oportunidades de aprendizado (BORBA; MALHEIROS; ZULATTO, 2011).

É esta, uma maneira de comunicação que resulta na exposição de diversas opiniões, de variadas pessoas que, ao expressarem-se subjetivamente, trazem à tona suas emoções, criando ainda, um importante espaço de interações sociais e afetivas, gerando o conhecimento (CASTRO FILHO, 2008; KENSKI, 2007). Conhecimento este que acontece em virtude destas relações humanas acontecendo virtualmente, o que não se contrapõe à materialização de encontros e, quem sabe, de reencontros.

Destaca-se o que afirma Freire (1975) sobre o conhecimento, o qual se constrói a partir de uma presença ativa e curiosa dos sujeitos que se comunicam frente ao mundo e a realidade da qual fazem parte, exigindo uma reflexão consciente e crítica sobre os aspectos do ato de se reconhecerem, conhecendo.

Ou seja, faz-se necessário considerarmos o contexto no qual os indivíduos se encontram inseridos, e as representações que esses têm da realidade, que serão expostas, dialogicamente, neste caso específico, em um blog. Dialogar, neste sentido, vai além de retroalimentar ideias, mas conversar gerando reflexões, trocas e conhecimentos. “O diálogo é o encontro entre os homens (...), uma necessidade existencial” (FREIRE, 1980, p.82 e 83).

Neste processo dialógico, permeado pela linguagem, uma das nove teorias de comunicação do mundo, preconizada por Paulo Freire (1975), assegura que dois ou mais sujeitos cognoscentes vão aportar seus conhecimentos sobre um mesmo objeto cognoscível problematizante, neste caso específico a capoeira, gerando um novo conhecimento, que a teoria denomina de “conhecimento autêntico”, que os retroalimentará com novas formas de pensar sobre este objeto (FREIRE, 1975).

Conhecimento este, fomentado por diferentes especialistas – sujeitos cognoscentes –, de variadas culturas, que aportarão seus saberes sobre a capoeira

e a EFE – objetos cognoscíveis –, por meio de um blog, *suleados*⁹ por um aprendizado colaborativo virtual, o qual possibilitará a geração de novos conhecimentos – autênticos. Não importando a qual cultura estes profissionais pertençam, ou ainda, a que grupo de capoeira este ou aquele capoeirista pertença, sendo necessário, apenas, o respeito aos diferentes conhecimentos e práticas críticas e reflexivas de capoeira.

Entendendo a capoeira com um sentido de totalidade, não se separando os adeptos da capoeira Angola ou Regional, é significativo, portanto, o respeito ao que há de humano nas particularidades culturais de cada um, mesmo sendo mediatizado por uma Tecnologia da Informação e Comunicação, pois, neste processo de dialogicidade, ainda mais importante é o reconhecimento do humano, o encontro dos diferentes, para o engrandecimento deste mesmo objeto cognoscível - a capoeira.

Desta forma, Forquin (1993) corrobora:

Eu só posso respeitar a alteridade do outro se eu reconheço esta alteridade como uma outra modalidade possível do humano. Mas ainda é necessário, reciprocamente, que eu reconheça a alteridade como sendo uma dimensão constitutiva de mim mesmo (FORQUIN, 1993).

4.2 A Educação Física Escolar e as Tecnologias da Informação e Comunicação

As novas TICs, de maneira geral vêm transformando não só a vida cotidiana do ser humano, como também as ações e as formas de pensar a realidade, e em especial as maneiras de trabalhar a educação escolar (KENSKI, 1998). Como componente curricular da Educação Básica não seria possível à Educação Física manter-se alijada desta realidade.

Como uma disciplina que se utiliza, em sua maior parte, das vivências e conhecimentos sobre o corpo, lutas, esportes, jogos, ginásticas, atividades rítmicas e

⁹ Paulo Freire usou esse termo que na realidade não consta dos dicionários da língua portuguesa, chamando a atenção dos leitores(as) para a conotação ideológica dos termos *nortear*, *nortear-se*, *nortear-se*, *orientação*, *orientar-se* e outras derivações. Norte é Primeiro Mundo. Norte está em cima, na parte superior, assim Norte deixa "escorrer" o conhecimento que nós do hemisfério Sul "engolimos sem conferir com o contexto local" (CAMPOS citado por FREIRE, 1992, p. 108).

expressivas, inicialmente poderia ficar difícil imaginar como a Educação Física utilizaria estas tecnologias. No entanto, sabe-se que elas podem ser integradas de diferentes formas como recurso didático e como auxiliares do cotidiano escolar.

Além disso, com a popularização dos computadores potencializando e renovando as formas de agir e pensar, e ainda a criação de *softwares* e *games* que simulam diferentes esportes fascinando os jovens (KENSKI, 1995), uma nova realidade surge para a EFE.

Vale destacar que a proposta curricular do Estado de São Paulo (2008) para a Educação Física, recomenda os jogos virtuais (vídeo game e futebol de botão, por exemplo) para a 3ª série do ensino médio, no eixo temático “contemporaneidade”. Justifica-se o jogo virtual como uma das variações de “jogo”, que já vem sendo praticado como modalidade esportiva.

Com a intenção de refletir sobre o uso das TICs na EFE são sugeridas algumas possibilidades de utilização destas, que podem ser repensadas e recriadas por cada professor de acordo com a sua realidade, pois muitas escolas brasileiras não dispõem de aparatos tecnológicos como computadores, internet, câmeras fotográficas, filmadoras, dentre outros.

Caso o professor tenha uma turma na qual a maioria dos alunos faça uso de telefones celulares que contém câmeras fotográficas e/ou filmadoras, ele pode, em uma aula de capoeira, por exemplo, depois de ensinados alguns movimentos básicos, solicitar aos alunos que tirem fotos, ou que filmem uns aos outros, em duplas. Em seguida todos podem se auto-avaliar e/ou avaliar-se coletivamente, observando suas performances em busca de aprimorar os fundamentos até ali vivenciados (SILVA; DARIDO, 2011).

Outra possibilidade, tendo o professor acesso à internet em sua escola, ele pode criar diferentes blogs com seus alunos, os quais podem ser um por turma, ou ainda um único que aborde diferentes temas da capoeira. O blog servirá tanto para compartilhar informações e conhecimentos, provocando um aprendizado colaborativo, quanto para a interatividade e motivação. E os alunos que têm internet em casa poderão acessá-los e alimentá-los quando quiserem.

Ainda como exemplo do uso das TICs na EFE, agora pensando no professor, foi criado um blog (Figura 9), produto da disciplina “Temas transversais e as tecnologias de produção de materiais”, do mestrado “Desenvolvimento Humano e Tecnologias” da UNESP – Rio Claro, o qual se pode considerar como uma experiência positiva e que contribuiu para a proposta de conteúdo do blog, em construção, referente a esta pesquisa.

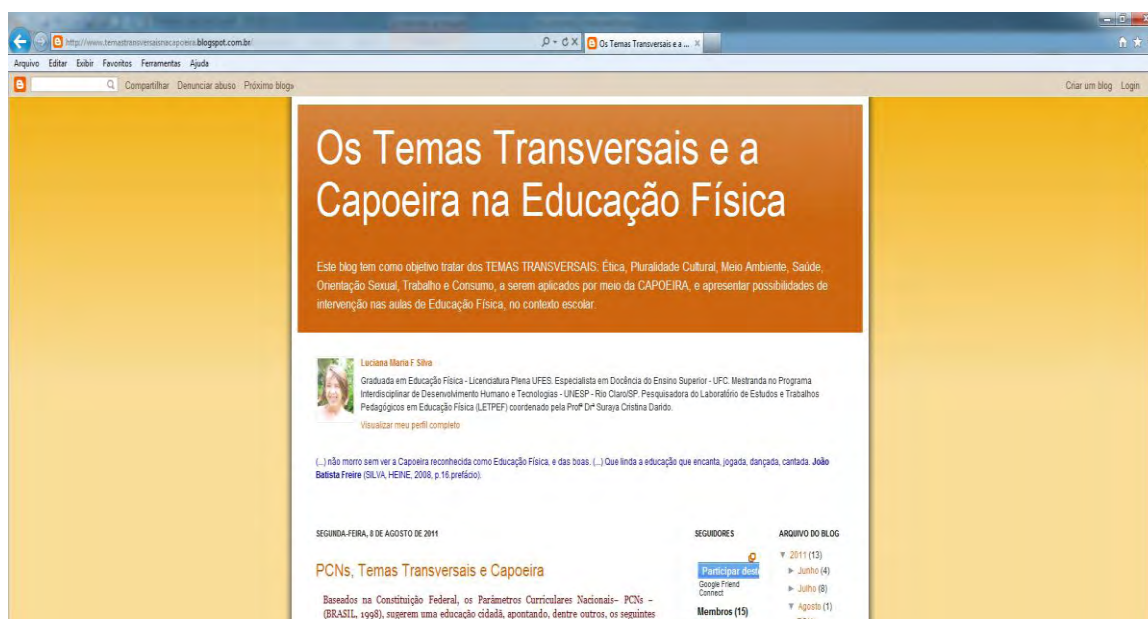


Figura 9: Blog: Temas Transversais e a Capoeira na Educação Física.

O blog teve como objetivo tratar dos Temas Transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo, a serem aplicados por meio da capoeira, e apresentar possibilidades de intervenção nas aulas de Educação Física, no contexto escolar.

Este blog (endereço eletrônico: <http://www.temastransversaisna capoeira.blogspot.com/>) foi avaliado por 23 professores de Educação Física. Estes afirmaram que utilizariam o conteúdo sugerido pelo blog para o desenvolvimento de suas aulas, possibilitando afirmar que um blog pode se tornar um material didático virtual e auxiliar os professores no processo pedagógico da EFE.

Uma outra possibilidade é criar, em parceria com uma universidade e/ou escolas, um curso EAD direcionado para professores de Educação Física, tendo em vista a relevância da capoeira e a exigência da Lei nº 11.645/08 (BRASIL, 2008).

Em virtude desta Lei estão acontecendo alguns cursos no Brasil, como por exemplo, o “Curso Presencial de Qualificação em Capoeira para professores das redes pública e particular de Fortaleza/CE”, ministrado pelo Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia, o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares, com experiência de pesquisa na História da escravidão africana no Brasil e autor de obras como: *A Capoeira Escrava e outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro 1808 – 1850* e *A Negregada Instituição: os capoeiras na Corte Imperial 1850 – 1890*.

Este curso é uma tendência e oportunidade para a área da EFE, referente ao conteúdo capoeira, pois tem como finalidade qualificar professores das redes pública e particular, para atender à exigência da Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008), que determina a inclusão de conteúdos referentes à cultura afro-brasileira e indígena, a história de sua formação e os aspectos econômico-sociais que o tema envolve.

Embora ainda recentes as publicações e experiências que envolvem a Educação Física e as TICs, vêm demonstrando como os professores têm utilizado os meios multimidiáticos em suas aulas e algumas serão destacadas, obedecendo a uma ordem cronológica:

- Diego de Souza Mendes (2008) – **Articulações Entre Lazer e Mídia na Educação Física Escolar**. Relato de experiência que buscou tematizar o lazer em uma escola pública de Florianópolis a partir da produção de vídeos com os alunos. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os alunos na internet e na biblioteca da escola, além da realização de vivência de práticas de lazer. Concomitante à realização dessas atividades foi proposto aos alunos a produção de um vídeo sobre o assunto, o que foi recebido com bastante entusiasmo por eles (MENDES, 2008).
- Dissertação de Mestrado de Débora Cristina da Silva Sebriam (2009) – **“Utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino de educação física”**. O objetivo do estudo foi caracterizar a forma como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão integradas no ensino de Educação Física das escolas municipais de Londrina – Paraná – Brasil. A autora conclui que a aplicação mais utilizada em contexto

educativo é o CD-ROM/DVD, seguido de ferramentas de produtividade como dispositivos de apresentação e produção de textos. A maioria dos professores manifesta uma atitude positiva face às TIC, atribuindo importância a sua integração no ensino de Educação Física (SEBRIAM, 2009).

- Cássia Fernanda Cardoso dos Santos (2009) – **A Mídia nas Aulas de Educação Física: Uma possibilidade**. Este trabalho teve como objetivo analisar a utilização dos recursos midiáticos (Tv, vídeo-cassete, câmera, máquina fotográfica, entre outros), nas aulas de Educação Física. Em conjunto com os alunos, foram elaborados roteiros, jornal, filme elaborada, pensada e repensada na sua construção (SANTOS, 2009).
- Rogério Santos Pereira, Maurício Roberto da Silva e Giovani de Lorenzi Pires (2009) - **Representações de corpo e movimento no ciberespaço: notas de um estudo etnográfico no jogo second life**. O trabalho visou revelar de que forma corpo e movimento são problematizados no ciberespaço, especialmente no jogo Second Life. Percebeu-se que os conceitos de imaginação e imaginário são essenciais para compreender como os participantes tecem em suas brincadeiras narrativas, caminhos para construir no ciberespaço uma corporalidade central na constituição da noção de pessoa on-line. O trabalho também discorre sobre as possíveis aproximações das tecnologias digitais, em especial, dos jogos eletrônicos, com a Educação Física (PEREIRA; SILVA; PIRES, 2009).
- Paula Bianchi e Giovani de Lorenzi Pires (2010) – **Possibilidades para o ensino-aprendizagem com TICS na Educação Física Escolar: uma experiência com blogs**. A pesquisa relatou a produção de blogs nas aulas de Educação Física. Professores de Educação Física escolheram cada um uma turma e criaram blogs coletivamente que envolveram pesquisas sobre jogos, brinquedos e brincadeiras. Os blogs desempenharam duplo papel, tanto como estratégia utilizada pela pesquisa para acompanhar, descrever e analisar as experiências pedagógicas realizadas na escola, quanto na condição de ferramenta didática empregada pelos professores-interlocutores e crianças. Os

autores concluíram que o ambiente virtual pode constituir-se numa estratégia pedagógica positiva (BIANCHI; PIRES, 2010).

- Lyana Virgínia Thédiga de Miranda (2010) – **Oficinas Pedagógicas de Blogs na Educação Física: um relato de experiência**. A autora relata uma oficina ministrada aos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação no Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), chamando atenção para “como” os blogs podem ser utilizados pelos professores de Educação Física como ferramenta pedagógica (MIRANDA, 2010).

Atualmente, se faz necessário repensar as práticas pedagógicas, neste caso específico, da EFE, no sentido de aproveitar as possibilidades que as novas TICs proporcionam em favor de processos didáticos mais atrativos e, principalmente significativos para os alunos.

Considera-se a educação um fator essencial na construção de uma sociedade mais livre e justa, por isso a busca de meios que possam contribuir para a melhoria de seus processos de ensino e aprendizagem.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo será abordada a metodologia empregada para o desenvolvimento da presente pesquisa, apresentando os procedimentos da abordagem qualitativa, destacando-se a realização da coleta de dados com a aplicação de dois Grupos Focais e a Análise de Conteúdo, utilizada para a categorização, descrição e análise das informações coletadas.

A pesquisa se deu em três etapas pré-definidas. Em sua primeira etapa foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a Capoeira, a EFE e as TICs voltadas para a Educação, e mais especificamente para a EFE, relacionando-as.

Em sua segunda etapa foi realizada a coleta de dados por meio de dois Grupos Focais: com professores e alunos de Educação Física sem experiência em capoeira; e com professores e alunos de Educação Física com experiência em capoeira.

Na terceira etapa, por meio da Análise de Conteúdo, foi realizada a análise e interpretação dos dados coletados. Nesta etapa foram identificados e caracterizados quais conhecimentos são necessários aos professores, em sua prática pedagógica, para inserir a capoeira como conteúdo da EFE e, a partir destes conhecimentos, foram selecionados os mais pertinentes para a elaboração do blog.

Esta pesquisa se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, que envolve a observação intensa com os registros exatos do que acontece neste ambiente e a interpretação e análise dos dados por meio de descrições, narrativas e citações (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2007), a pesquisa qualitativa se constitui em um método sistemático de investigação, seguindo o método científico de solução de problemas, no qual raramente são constituídas hipóteses no início do estudo, que é guiado por questões mais gerais que o direcionam. Na medida em que os dados vão sendo revelados dá-se o desenvolvimento da teoria e das hipóteses.

Neste tipo de pesquisa busca-se compreender o significado da experiência dos participantes, em um ambiente específico, neste caso, a escola, as aulas de Educação Física e a capoeira, bem como o modo pelo qual estes componentes se envolvem e se retroalimentam para formar o todo, enfatizando-se a essência do fenômeno.

O pesquisador tem um papel fundamental na pesquisa qualitativa, tanto no que se refere à coleta de dados quanto na sua análise, pois ele interage com os participantes e se utiliza de sua sensibilidade e percepção na busca e interpretação daquilo que observa. Seu modo de administrar as respostas durante a coleta e análise dos dados afeta sua qualidade e suas conclusões (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

Neste sentido, em atendimento ao objetivo da pesquisa de identificar junto a professores e alunos em processo de formação em Educação Física, com e sem experiência em capoeira, quais conhecimentos são necessários em sua prática pedagógica para inseri-la como conteúdo da EFE, utilizou-se a técnica de pesquisa Grupo Focal (GATTI, 2005), para a coleta de dados e, para organização, tratamento, interpretação e análise foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

5.1 Grupo Focal

De abordagem qualitativa, Grupo Focal (GF) é uma técnica de pesquisa que se caracteriza como advinda das diferentes formas de trabalho com grupos e pode ser utilizada para que se possa entender um mesmo fato, prática, produto ou serviço, partindo de variadas formas que cada indivíduo percebe, sente, age e reage diante dos mesmos (LEVORLINO; PELICIONI, 2001).

Segundo Gatti (2005):

Um grupo focal é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal (GATTI, 2005, p. 7).

Na presente pesquisa os grupos focais foram formados por professores e alunos em processo de formação em Educação Física que discutiram – o tema – sobre os conhecimentos que julgam ser necessários para inserir a capoeira como conteúdo de suas aulas.

GF é uma técnica de pesquisa alicerçada na interação entre os participantes e o moderador, baseando-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes no momento em que interage com outro ser humano e quando ouve suas ideias acerca daquele mesmo tema. Oportunidade em que vai formando a sua própria opinião, ou reformulando-a, podendo mudar sua ideia inicial (LEVORLINO; PELICIONI, 2001).

Esta série de ações e reações é, exatamente, o que esta técnica de pesquisa tenta capturar, criando uma aproximação entre os fenômenos analisados. E, como parte deste fenômeno, se integram os participantes e o pesquisador/moderador, que se preocupará com a singularidade das opiniões, reflexões e interpretações que surgirão acerca do objeto de estudo, as quais se constituirão nos dados a serem analisados *a posteriori*.

Segundo Gatti (2005),

a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários (GATTI, 2005, p. 9).

O GF é formado por indivíduos previamente escolhidos, pois precisam apresentar alguns critérios que vão corresponder ao problema em estudo. Eles devem possuir algumas características em comum que os qualificarão para que tenham condições de discutir acerca do foco do trabalho, além de já ter tido uma certa vivência com o tema central a ser pesquisado, o qual será amplamente discutido pelo grupo, baseados nas experiências cotidianas de cada um dos participantes (GATTI, 2005).

A característica comum pode ser: por idade, às condições socioeconômicas, ao tipo de trabalho, ao estado civil, ao lugar de residência, à frequência de uso de certo serviço público ou social, à escolaridade, etc. Embora a composição do grupo

deva ser baseada em algumas características homogêneas dos participantes, as variações de opiniões também são importantes, para que surjam as divergências (GATTI, 2005).

A autora ainda comenta que os indivíduos são convidados a participar, pois devem estar ali de livre vontade para que não comprometam o resultado da pesquisa. O convite deve ser feito de forma atraente, motivando-os a aderirem ao mesmo, para se interessarem pelo processo que vão participar e pelo tema a ser discutido.

Neste sentido, os participantes desta pesquisa foram previamente escolhidos, baseando-se em suas características que lhes permitiram discutir sobre o problema estudado. A exigência comum era que fossem professores de Educação Física e/ou que estivessem no último ano da graduação, e deveriam ter e não ter vivenciado a capoeira.

Assim, foram formados dois grupos: o GF1 dos participantes “sem” experiência com capoeira e o GF2 dos participantes “com” experiência em capoeira.

Foram considerados experientes em capoeira aqueles participantes com mais de um ano de prática, no contexto não formal, ou seja, indivíduos praticantes de capoeira, uma vez que se levou em conta que é um período que possibilita a vivência da fundamentação básica desta prática corporal. E os que tinham menos de um ano de prática, também neste contexto, foram considerados sem experiência.

Após terem sido escolhidos, os participantes foram convidados, via email e telefone. Os convites foram realizados entre os meses de maio e junho de 2011, com previsão para a realização em três possíveis datas para o segundo semestre do mesmo ano, possibilitando aos participantes indicar a que melhor lhes conviesse.

Quanto ao número de participantes, alguns autores têm opiniões divergentes, podendo ser o grupo, formado por 4 a 10 ou 12 indivíduos, que não devem se conhecer ou serem familiares. O processo se dá em reuniões que devem durar entre uma e três horas, no máximo, pois mais que isto a eficiência das discussões fica em risco. Quanto à quantidade destes encontros e por quanto tempo eles vão acontecer

dependerá do objetivo da pesquisa e se o mesmo já foi atingido ou não (LEVORLINO, PELICIONI, 2001).

De acordo com estas recomendações, foram convidados 24 professores e alunos em processo de formação (12 para cada grupo) e que confirmaram a presença até o dia anterior das reuniões. Infelizmente no dia e hora marcados alguns não compareceram, e a pesquisa contou então com 9 participantes, divididos em quatro para o GF1 e cinco para o GF2.

Para os encontros, também foi solicitado previamente ao Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC) uma sala que contivesse cadeiras cômodas, mínima probabilidade de ruídos, ar condicionado - em observância ao clima quente do Estado do Ceará -, com espaço para que fosse disponibilizado aos participantes uma mesa de apoio com café, biscoitos e balas no sentido de proporcionar um clima agradável e confortável.

As reuniões dos dois GFs foram realizadas no segundo semestre de 2011, na cidade de Fortaleza/CE, na sala número 03 da UFC. A pesquisa do GF1 teve a duração de 1h29min49s e a pesquisa do GF 2 teve a duração de 1h55min36s.

O GF1, participantes sem experiência em capoeira, foi composto por 04 indivíduos, 02 do sexo feminino e 02 do sexo masculino, com idades entre 23 e 32 anos. O GF2, participantes com experiência em capoeira, se caracterizou por um grupo também misto, formado por 05 indivíduos, 03 do sexo feminino e 02 do sexo masculino, com idades entre 24 e 37 anos.

a) GF1 – Características dos participantes sem experiência em capoeira:

A participante número 1 graduou-se pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Educação Física – Licenciatura, no ano de 2010. Realizou estágios em algumas escolas particulares de Fortaleza/CE, nos níveis de ensino Infantil, Fundamental e Ensino Médio. Não tem experiência com capoeira.

A participante número 2 estava no último ano do curso de Educação Física – Licenciatura da UFC. Trabalha em uma escola particular de Fortaleza/CE, há um

ano, como professora de Educação Física, dando aulas para o ensino Infantil e Fundamental, e não tem experiência com a capoeira.

O participante número 3 graduou-se em Educação Física – Licenciatura da UFC, no ano de 2010. Trabalha em uma escola particular de Fortaleza/CE, há um ano e sete meses, como professor de Educação Física, no ensino Infantil e Fundamental. Teve uma experiência prática por menos de um ano com a capoeira.

O participante número 4 iniciou o curso de Educação Física – Licenciatura da UFC, no ano de 2005, e estava no último ano da graduação. Trabalha em uma escola particular de Fortaleza/CE, como professor de Educação Física, há três anos, nos níveis Infantil, Fundamental e Médio. Teve uma experiência prática de menos de um ano com a capoeira em sua adolescência.

b) GF2 – Características dos participantes com experiência em capoeira:

O participante número 5 graduou-se em Educação Física – Licenciatura, pela Universidade do Vale do Acaraú-UVA, em Caucaia/CE, no ano de 2007. Trabalha em uma escola pública do Estado do Ceará há 4 anos, nos níveis Infantil, Fundamental e Médio. É mestre de capoeira, praticando-a há 23 anos e dá aulas há 19 anos (desde 1992).

A participante número 6 estava no último ano do curso de Educação Física – Licenciatura da UFC. Vem estagiando em uma escola pública de Fortaleza/CE, há um ano, no nível Fundamental. Pratica capoeira há 1 ano e 4 meses.

A participante número 7 estava no último ano do curso de Educação Física – Licenciatura da UFC. Trabalha em uma escola particular de Fortaleza/CE, há dois anos, como professora de Educação Física, no nível Fundamental e teve uma experiência prática de 1 ano e 6 meses com a capoeira.

O participante número 8 também estava no último ano do curso de Educação Física – Licenciatura, da UFC. Trabalhou em uma particular de Fortaleza/CE, por dois anos, no ensino Infantil. Pratica capoeira há 09 anos e dá aulas há quatro anos.

A participante número 9 estava no último ano do curso de Educação Física – Licenciatura da UFC. Vem estagiando em uma escola particular de Fortaleza/CE, há um ano, no nível Fundamental. Pratica capoeira há 3 anos.

Desta forma atingiu-se um total de 9 participantes, entre 05 do sexo feminino e 04 do sexo masculino com uma média de 30 anos de idade. Deste total 04 deles têm entre 02 e 04 anos de experiência na EFE e 2 com 01 ano de experiência. Quanto à capoeira, 02 deles não tem nenhuma experiência; 02 têm menos de um ano de experiência; 03 praticam entre 01 e 03 anos e 02 têm entre 09 e 19 anos de experiência (praticando e dando aulas).

No que diz respeito às fases escolares 06 atuam ou atuaram no ensino Infantil; 8 no ensino Fundamental e 03 no ensino Médio.

Para efeito de síntese, os GFs (Quadro 11), portanto, foram constituídos da seguinte forma:

Quadro 11: Descrição dos Grupos Focais.

PARTICIPANTE		Id	G	Experiência EFE	Fase escolar	Experiência com capoeira
Grupo 1 sem experiência com capoeira	Participante 1	23	F	Estágios	I, F, M	Não
	Participante 2	24	F	1 ano	I, F	Não
	Participante 3	25	M	1 ano e 7 meses	I,F	Praticou por menos de um ano
	Participante 4	24	M	3 anos	I, F, M	Praticou por menos de um ano
Grupo 2 com experiência com capoeira	Participante 5	37	M	4 anos	I, F, M	Pratica há 23 anos; Dá aulas há 19 anos
	Participante 6	21	F	Estágio 1 ano	F	1 ano e 4 meses de prática
	Participante 7	23	F	2 anos	F	1 ano e 6 meses de prática
	Participante 8	24	M	2 anos	I	Pratica há 9 anos; Dá aulas há 04 anos
	Participante 9	26	F	Estágio 1 ano	F	3 anos de prática;

Legenda: I - Ensino Infantil; F – Ensino Fundamental; M – Ensino Médio.

Levorlino e Pelicioni (2001) afirmam que, no decorrer das reuniões, o moderador de um GF tem um papel relevante no que diz respeito à condução do mesmo, o que começa desde o momento em que o primeiro participante entra na

sala de discussão recebendo cada um deles de maneira cordata, criando um ambiente agradável de espera. Além disso, deve evitar ao máximo que o tema da pesquisa seja abordado precocemente em conversas informais, o que eventualmente pode “esfriar” a discussão no momento formal da coleta de dados.

Deve ainda se preocupar com o local dos encontros, pois este deve favorecer a interação entre os participantes e ser confortável. Podem-se fazer as reuniões com os membros sentados em cadeiras avulsas, em círculo, ou em volta de uma mesa para que todos se vejam e entreolhem-se possibilitando uma comunicação direta (GATTI, 2005).

Para os autores, quando se inicia este grupo deve-se deixar muito claro o que se espera dele, admitindo-se que está lá também para aprender, porém não em total ignorância. Logo após, se deve explicar como vai ser o funcionamento do grupo e solicitar o consentimento de todos para efetuar a gravação e/ou filmagem dando garantias de que tudo ali gravado terá o sigilo garantido pela ética.

Desta forma, a pesquisadora chegou ao local com 1h de antecedência para montá-lo, prepará-lo e disponibilizá-lo aos participantes em favorecimento ao seu conforto e garantia de que nenhum imprevisto viesse a prejudicar a reunião.

Os participantes foram recebidos cordialmente, um a um pela pesquisadora, que cuidou para que o tema da pesquisa não começasse a ser discutido antecipadamente. Antes da discussão ser iniciada todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B) e foram informados como se daria o funcionamento da reunião.

Em seguida foi solicitado aos participantes, permissão para que a reunião fosse gravada, apesar de já ter sido esclarecido no TCLE, com as devidas garantias de que nada seria utilizado para outros fins que não o da pesquisa ora realizada, além de que o sigilo seria mantido, proporcionado segurança aos mesmos.

Após ter sido disponibilizado caneta e papel para cada um dos participantes poderem fazer alguma anotação que achassem necessária, foi explicado o motivo pelo qual estavam ali, lembrando o tema da reunião. Após estas informações a discussão foi iniciada com a pesquisadora solicitando que cada um se apresentasse

para que se sentissem mais a vontade em expressar-se e em, seguida adentrou-se ao tema propriamente dito.

Enquanto as discussões estão acontecendo, o moderador exerce os seguintes papéis: solicita esclarecimento ou aprofundamento de pontos específicos; conduz o grupo para o próximo tópico quando um ponto já foi suficientemente explorado; estimula os tímidos; desestimula os tipos dominadores (que não param de falar); introduz o assunto; propõe algumas questões; garante que as discussões não se afastem muito do tema e finaliza o grupo (LEVORLINO; PELICIONI, 2001 e GATTI, 2005).

Gatti (2005) afirma que o moderador é um elemento chave para a concretização desta técnica, devendo ser equilibrado, não sendo diretivo absoluto nem do tipo *laissez-faire*, mas um facilitador para que a discussão flua de modo a contemplar sempre o foco da questão. Deve ser também flexível e sensível para não forçar o grupo a cumprir somente o roteiro, pois algumas discussões não programadas podem ser relevantes para a pesquisa. Deve ainda: despertar confiança e gerar empatia, ter clareza de expressão e ser capaz de conduzir o grupo com segurança.

A interação do grupo é fundamental por estabelecer trocas efetivas. O assunto do objeto de pesquisa os torna afins, mas não necessariamente cordatos. É papel do mediador, fazer com que o ambiente da reunião permaneça adequado, mesmo que haja discordâncias. Além disso, também observa a discussão sobre o tema delimitando se o tempo será curto ou longo, de acordo com o roteiro determinado e o desenrolar dos acontecimentos durante a reunião, que exijam dele bom senso para continuar ou terminar o encontro (GATTI, 2005).

Este roteiro é confeccionado pelo próprio moderador, com antecedência, contendo entre 3 a 5 tópicos, relacionados com as questões da investigação que a pesquisa quer responder, o que vai sendo passado ao grupo em forma de dicas, podendo-se utilizar filmes, histórias, cartazes, figuras, etc (LEVORLINO; PELICIONI, 2001).

Para esta pesquisa foram produzidos dois roteiros – Roteiro GF 1 (GF1) (APÊNDICE C) e Roteiro GF (GF2) (APÊNDICE D), devido as diferentes

características de cada grupo, baseadas em sua experiência pessoal e profissional com relação à capoeira, que tiveram as seguintes questões principais:

- GF1: "O que vocês acham que precisariam saber sobre a capoeira para utilizá-la?". "Qual a maior dificuldade que os impede de utilizá-la em sua aula?".

- GF2: "Quando deram suas aulas sentiram falta de algum apoio/saber para desenvolvê-las?". "Quais?". "O que vocês acham que o professor de EFE precisa saber sobre a capoeira para utilizá-la em suas aulas?"

Estas questões definidas *a priori*, buscaram suscitar as discussões e reflexões dos participantes sendo utilizadas pelo moderador como mantenedoras de uma discussão produtiva. O moderador precisa garantir que todos os participantes exponham suas ideias e impedir que haja dispersão do assunto em pauta.

Podem ser utilizados gravadores (áudio), filmadoras (video) e anotações. Tudo vai depender do objetivo que se quer alcançar com aquela pesquisa e se o grupo ficará à vontade com o tipo de gravação a ser usada. É recomendável uma total prevenção quanto a estes aspectos técnicos: levar mais de um gravador, um bom número de fitas e pilhas, fazer uma checagem antes, os ruídos em volta, etc, para que não haja nenhum contratempo e não prejudique a apuração dos dados coletados (GATTI, 2005).

Foram utilizados nesta pesquisa uma filmadora digital, um gravador digital e um mp4, de propriedade particular, em observância aos critérios de prevenção quanto aos aspectos técnicos, garantindo a captura das imagens e informações advindas das discussões de cada grupo. A pesquisadora foi acompanhada por um relator que cuidou de fazer anotações e verificar os equipamentos eletrônicos, sem interferir nas discussões.

No que diz respeito à análise dos dados inferidos por GF, segundo Levorlino e Pelicioni (2001), esta deve ser feita de forma qualitativa, pois sua metodologia é desta natureza, não havendo estatísticas. O procedimento deve organizar os dados para que eles revelem, objetivamente, como os Grupos Focais percebem o foco do estudo.

As duas maneiras básicas de se proceder à análise são o sumário etnográfico e a codificação dos dados via análise de conteúdos. A primeira irá analisar as citações textuais dos participantes; a segunda irá enfatizar a descrição de como determinadas categorias explicativas aparecem ou estão ausentes das discussões, e ainda, em quais contextos acontecem (LEVORLINO; PELICIONI, 2001).

Desta forma a técnica de pesquisa qualitativa escolhida para a interpretação de dados desta pesquisa foi a análise de conteúdo, como veremos no tópico seguinte.

5.2 Análise de Conteúdo

Segundo Bardin (2011), análise de conteúdo consiste em

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

A autora apresenta métodos e técnicas de análise de conteúdo com exemplos práticos aplicáveis a um número expressivo de possibilidades, deixando claro que em cada caso deve-se utilizar as técnicas que lhe são peculiares ao objetivo da pesquisa.

Para Bardin (2011) estas técnicas são “técnicas de ruptura”, que rompem com a evidência do saber subjetivo, destruindo a intuição em proveito do “construído”, para não cair na armadilha de construir por construir, esquecendo-se a razão de seu uso, compreendendo-se mais além dos significados imediatos.

Estas técnicas se consubstanciam em dois polos: “desejo de rigor” e “necessidade de descobrir”, com uma “*função heurística*”, e têm como objetivos a “*superação das incertezas*” e o “*enriquecimento da leitura*”, ou seja, “se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência?” (BARDIN, 2011, p. 35).

A organização da análise de conteúdo, dependendo do tipo de análise (quantitativa ou categorial - que é o caso desta pesquisa) compreende três escolhas: o recorte - escolha das unidades; a enumeração - escolha das regras de contagem (se quantitativa); e a classificação e agregação - escolha das categorias (se qualitativa e categorial) (BARDIN, 2011, p. 133).

Aqui é necessário esclarecer que a análise de conteúdo realizada nesta pesquisa é categorial temática, portanto, qualitativa, haja vista que aquilo que a caracteriza é o fato de que a "inferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, dentre outros), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual" (BARDIN, 2011, p. 146).

Para a organização da análise de conteúdo, a autora pressupõe três fases evolutivas à saber: 1. Pré-análise; 2. Exploração do material; e, 3. Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na primeira fase, "da pré-análise" é realizada a organização, definição dos documentos e objetivos, assim como a elaboração das categorias temáticas, por meio da referenciação dos índices e indicadores, os quais irão fundamentar as próximas fases (BARDIN, 2011, p. 125).

Denota-se que nesta pesquisa o universo a ser analisado, "campo do *corpus*", conforme Bardin (2011, p. 128) foi definido na fase de construção de seu projeto, o qual seria a transcrição do conteúdo, na íntegra, do resultado da pesquisa realizada por meio de dois GFs.

Assim sendo, inicialmente toda a documentação, ou seja, o que foi coletado das discussões geradas do GF1 e do GF2 foram transcritos integralmente, gerando juntos 59 páginas digitadas. Todo este material foi preparado e editado, demarcando-se em **turnos**, ou seja, as **falas dos participantes** e da **pesquisadora**. Ressalta-se que estes turnos se iniciaram no GF1 e decidiu-se dar continuidade à numeração no GF2, no sentido de facilitar a análise, contabilizando-se um total de 592 turnos.

Em continuidade à pré-análise ainda, foi realizada a “leitura flutuante” (BARDIN, 2011, p. 126) estabelecendo-se os primeiros contatos com os documentos e as primeiras impressões e orientações foram surgindo. Nesta fase foi possível tanto definir a amostragem (*corpus*) a ser analisada, quanto iniciar a demarcação dos índices e indicadores com a finalidade de identificar e caracterizar as categorias a *posteriori*, por meio de recortes do texto, a partir de anotações e marcações em diferentes cores.

Destaca-se que, inicialmente, foi realizada a leitura do GF1 que teve seus indicadores identificados, e na sequência, foi lido o material do GF2 que teve indicadores aproximados, o que nos permitiu inferir uma categorização única para os dois grupos, elegendo trechos significativos das falas de cada participante para agrupá-las, tematicamente, nas futuras categorias de análise.

O processo de categorização possui duas etapas: o *inventário*, que consiste em isolar os elementos; e a *classificação*, que consiste em "repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização às mensagens", sendo, desta forma, o ato de classificar os elementos, a "investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles" (BARDIN, 2011, p. 148).

Segundo Bardin (2011, p. 149-150), "um conjunto de categorias boas deve possuir as seguintes qualidades", das quais se destacou as principais características relacionadas com esta pesquisa:

- a *exclusão mútua*: (...) cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- a *homogeneidade*: o princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias. Um único princípio de classificação deve governar a sua organização. (...) Diferentes níveis de análise devem ser separados em outras tantas análises sucessivas;
- a *pertinência*: uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido. Na pertinência (*pertinens*; que diz respeito a, relativo a...) há uma idéia de adequação ótima. O sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens;
- a *objetividade* e a *fidelidade*: as diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grade categorial, devem ser

codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises (BARDIN, 2011, p. 149-150).

A segunda fase prevê a exploração do material, tendo sido a leitura dos documentos repetida várias vezes, pondo em prática, exaustiva e demoradamente, as decisões tomadas na pré-análise.

Subsequente a esta, a terceira fase, consiste no "tratamento dos resultados obtidos e interpretação", no qual se procura "pôr em relevo as informações fornecidas pela análise" destacando, por propostas de inferências, os "resultados significativos" à pesquisa (BARDIN, 2011).

Desta forma, foi possível definir as categorias e subcategorias, a serem analisadas posteriormente, demonstradas no Quadro 12.

Quadro 12: Categorias e Subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. PRESENÇA DA CAPOEIRA NAS ESCOLAS	1.1 A capoeira na escola: na Educação Física ou fora dela?
	1.2 É possível ensinar a capoeira na EFE?
2. FATORES EXCLUDENTES DA CAPOEIRA NA EFE	2.1 (In)Segurança do professor para desenvolver a capoeira nas aulas de Educação Física
	2.2 Discriminação religiosa com relação à capoeira
3. NECESSIDADES DOS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO AO ENSINO DA CAPOEIRA NA EFE	3.1 Sistematização dos conteúdos da capoeira
	3.2 Materiais didáticos
	3.3 Blog como apoio didático

Na categoria 1, "presença da capoeira nas escolas", agrupou-se, sob análise temática, as subcategorias que traduzem a presença da capoeira na escola e as formas sob as quais ela vem sendo desenvolvida nos estabelecimentos de ensino formal, baseando-se na experiência profissional dos participantes. E ainda, considerada como um dos conteúdos da cultura corporal, se é possível, na opinião deles, ensinar a capoeira na EFE.

A categoria 2 foi formada pelos "fatores excludentes da capoeira na EFE", ou seja, quais os motivos que os participantes consideram serem os responsáveis pela não presença da capoeira nas escolas, e para além disso, em suas próprias aulas.

Estruturaram-se assim 2 subcategorias: (In)Segurança do professor para desenvolver a capoeira nas aulas de Educação Física e Discriminação religiosa com relação à capoeira.

Por fim, a categoria 3 “necessidades dos participantes em relação ao ensino da capoeira na EFE” que expressa os conhecimentos necessários, apontados pelos participantes, para que utilizassem a capoeira em suas aulas, com as respectivas subcategorias: Sistematização dos conteúdos da capoeira; Materiais didáticos; Blog como apoio didático.

Após o estabelecimento desta categorização foi realizada a separação e organização das falas em cada uma das subcategorias inferindo-se a análise e a interpretação destas a propósito de identificar, nas falas produzidas nos GFs quais conhecimentos são necessários sobre a capoeira, para inseri-la como conteúdo das aulas de EFE.

Neste sentido, a partir deste levantamento, os principais conhecimentos foram selecionados para fazer parte do conteúdo do blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, com o objetivo de auxiliar os professores da EFE na utilização da capoeira enquanto conteúdo das aulas de Educação Física Escolar.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo discute os resultados obtidos junto aos grupos focais, os quais foram divididos em 3 categorias e respectivas subcategorias, por meio dos indicadores do discurso dos participantes.

Importa ressaltar que, após análise das falas dos participantes, por apresentarem indicadores significativamente aproximados, foi realizada uma categorização única para os dois grupos focais com e sem experiência em capoeira. Estes indicadores fomentaram, inicialmente, o agrupamento temático, que tornaram-se as categorias ora apresentadas.

6.1 Presença da capoeira nas escolas

Esta primeira categoria apresenta a análise sobre as falas dos participantes a respeito da presença da capoeira na escola, ou seja, se ela está ou não sendo implementada e de que forma ela vem sendo desenvolvida nos estabelecimentos de ensino formal. Além disso, verificar, na opinião dos participantes, se esta prática corporal deve ser considerada, ou não, como conteúdo da EFE.

6.1.1 A capoeira na escola: na Educação Física ou fora dela?

Inicialmente, como forma de fomentar a discussão e fazer com que o grupo interagisse e começasse a se familiarizar com o tema a ser discutido, a pesquisadora indagou a todos os participantes se a capoeira está presente, ou não, na escola. Este questionamento desencadeou nos participantes a reflexão de como esta prática corporal está sendo desenvolvida no ambiente escolar.

Os participantes afirmaram que a capoeira, atualmente, não está presente na escola. Entretanto os participantes 1 e 4 acrescentam que quando a capoeira é

desenvolvida encontra-se como projeto extracurricular e não como conteúdo das aulas de Educação Física, o que foi confirmado pelos participantes 6, 8 e 9.

(...) E sobre a capoeira, nas escolas que eu estagiei nunca vi em nenhuma delas. (...) não faço a mínima ideia de porque não têm capoeira, nem lançaram a ideia de colocar capoeira, tinha caratê, outros esportes, outras coisas, mas, capoeira não. Quando tinha era extracurricular, na aula de Educação Física não tinha de jeito nenhum! (Participante 1).

(...) trabalho em escolas grandes nas redes particulares e a capoeira não é citada em nenhum momento como parte integrante de um plano curricular, anual, semestral. Não é em nenhum momento citada, em algum momento ela aparece como curso, como uma aula extracurricular, como uma escolinha de esportes (Participante 4).

Segundo Souza e Oliveira (2011) os estudos científicos sobre a fundamentação da capoeira para a escola ainda são pouco expressivos, o que pode ser apontado como pressuposto para que seu desenvolvimento, por professores de Educação Física, em suas aulas, seja ainda insatisfatório.

Campos (2001) esclarece que a capoeira vem sendo abordada na escola desde antes dos anos 1980, porém de forma extracurricular. Também Nascimento e Fensterseifer (2007) afirmam que a capoeira se inseriu no âmbito escolar por meio das oportunidades que a escola proporciona para atividades extracurriculares. Os autores não veem esta abordagem da capoeira como problemática, e sim como um avanço e evolução desta prática corporal.

Nascimento e Fensterseifer (2007) declaram ainda que estas atividades extracurriculares são desenvolvidas por indivíduos com formação ou em formação na área de Educação Física, sem necessariamente ser conteúdo da disciplina curricular de EFE.

Por outro lado, concorda-se com Silva e Heine (2008) quando afirmam que em muitas escolas a atividade extracurricular de capoeira é atribuída a um praticante desta, geralmente um mestre, contramestre ou instrutor que não mantém relação com as aulas de Educação Física, o que pode vir a trazer prejuízos, no que diz respeito ao engajamento no projeto pedagógico da escola.

Concorda-se ainda com as posições da proposta curricular do Rio Grande do Sul (2009), na qual destaca-se que em uma visão mais moderna de currículo, tudo o que acontece na escola, desde que tenha vinculação com sua proposta pedagógica, é considerado curricular. Ou seja, atividades de capoeira planejadas e integradas aos conteúdos da Educação Física são curriculares, pois "atividade esportiva que acontece na escola ou é curricular ou não deveria acontecer na escola" (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p.12).

A nosso ver é importante que a capoeira esteja na escola, sob qualquer uma das duas formas apresentadas, pois é melhor que esteja no ambiente escolar, sob a responsabilidade dos profissionais da educação, do que fora deste contexto. Acredita-se ainda que o ideal é que seja desenvolvida nas aulas de Educação Física para que todos os alunos tenham acesso e possam conhecê-la, e que ambas estejam comprometidas com o Projeto Político Pedagógico da escola.

6.1.2 É possível ensinar a capoeira na EFE?

Quando perguntados se consideravam ser possível ensinar a capoeira na EFE, os participantes responderam positivamente, porém com algumas ressalvas.

O participante 3, sendo acompanhado pelo participante 1, revela que para desenvolvê-la precisa ter um material referente à capoeira e exercícios, conforme as falas, abaixo:

Eu acho que se eu chegar ao nível de ter o material, algum exercício, alguma atividade em relação à capoeira aí eu poderia arriscar (Participante 3).

Eu também! (Participante 1).

As participantes 9 e 7 revelam que é possível ensinar a capoeira na EFE pois não é preciso ser uma mestra, ou ter tido uma experiência prática de 8 ou 20 anos nesta atividade para ser capaz de desenvolvê-la.

Eu não preciso ter que passar vinte anos na capoeira pra ter que dar uma aula de capoeira seja onde for, (...) se eu tiver um pouquinho de

bagagem passar os movimentos, os fundamentos, se eu souber tocar passar a instrumentalização, assim mais na prática, mas mesmo que você não tenha essa experiência não impede de você trabalhar todos esses aspectos que são muitos que a capoeira proporciona (Participante 9).

(..) não é preciso eu ser uma mestra em capoeira para poder dar uma aula de capoeira, não precisa ter muita experiência, ter muito tempo de capoeira 8 ou 9 anos (Participante 7).

Essas afirmações corroboram com as realizadas por Souza e Oliveira (2001) quando afirmam que para desenvolver a capoeira na escola não é necessário ser mestre desta prática corporal, pois esta possibilidade se fundamentará a partir das observações e estudos realizados pelos professores, sobre o quê e como ensiná-la.

Os participantes de número 5 e 8 apontam que é possível desenvolver a capoeira na escola, pois eles mesmos a aplicam para todas as turmas onde trabalham ou trabalharam, conforme suas falas:

(..)Sempre tiro um semestre, todas as turmas para capoeira, normalmente são 8 aulas (Participante 5).

(...) entrei como professor de educação física de uma escola e eu dava capoeira. (...) desenvolvi isso com crianças desde o primeiro ano até o oitavo ano na escola (Participante 8).

A partir destas falas compreende-se que os participantes, em sua maioria, acham que é possível tornar a capoeira conteúdo de suas aulas, possibilitando afirmar que mesmo os professores que não a conhecem profundamente podem desenvolvê-la e se aproveitarem de seu potencial e seus valores educativos, esportivos e culturais, conforme aponta Campos (2001).

O autor afirma, ainda, que a capoeira vem adentrando os espaços escolares devido a sua aproximação com a Educação Física, ou seja,

A capoeira como educação física faz parte da nossa história; contribui na formação de valores das crianças, jovens e adultos; favorece o espírito crítico reflexivo da nossa realidade. (...) a capoeira tem uma história importantíssima que deve ser transmitida aos alunos através dos movimentos, musicalidade e em diálogos democráticos (CAMPOS, 2001, p. 77).

Outros autores também apontam para a possibilidade da capoeira ser um dos conteúdos desta disciplina. Para Soares et al. (1992) a Educação Física brasileira precisa resgatar a capoeira como manifestação cultural por meio de sua história, abordando-a em conjunto ao movimento cultural e político que a gerou, para que ao ser desenvolvida na escola não receba um tratamento exclusivamente técnico.

Para Melo (2011) a capoeira, ao longo dos últimos anos, se tornou reconhecida como tema para a educação escolar brasileira e mais especificamente na Educação Física, por estar fortemente atrelada à história de luta dos negros no Brasil.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) sugerem como um dos objetivos da Educação Física conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, como meio para que o aluno possa construir a noção de identidade nacional, destacando para este fim, a capoeira como um de seus temas, além do jogo, da ginástica, do esporte, das lutas, da dança e outras temáticas (BRASIL, 1998).

Atualmente a capoeira vem sendo recomendada como conteúdo das aulas de Educação Física por diferentes propostas curriculares de Estados brasileiros, como: Acre, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Sergipe. Este fato pressupõe que a capoeira seja desenvolvida por professores da área, uma vez serem estes os documentos que preconizam as ações que serão realizadas pelos profissionais da educação, evidenciando a possibilidade da capoeira ser ensinada na EFE.

Entende-se ainda como um dos motivos que reconhecem a capoeira como conteúdo para a educação formal, no país, a Lei 11.645/2008 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino fundamental e médio, públicos e privados a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008).

Sobre este fato o participante 4 expressa-se a favor da obrigatoriedade por entender que a capoeira está atrelada à cultura afro-brasileira, fazendo parte da citada lei:

(...) Assim, no caso de tentar tornar a capoeira no âmbito bem maior, até no âmbito da obrigatoriedade, a partir do momento que a gente ta aqui dizendo: é obrigatório! [está falando da Lei 11.645/08] Você trabalhar a questão da cultura afro, existe uma maneira específica pra isso. (...) No caso assim, a gente vai ter que trabalhar isso, e um dos tópicos que a gente pode tornar bem interessante é trabalhar a capoeira, ta entendendo? (Participante 4).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2004), esta inclusão se deve aos diferentes grupos étnico-raciais existentes no Brasil e que convivem de forma tensa, pois ainda persiste no país um imaginário que privilegia os brancos e valoriza as raízes culturais europeias em detrimento aos negros, africanos, índios, dentre outros.

Entende-se, neste sentido, que a escola tem como desafio se propor a minimizar e superar esta discriminação e preconceito uma vez ser o Brasil um país multicultural, se fazendo necessário que as culturas que o representam sejam respeitadas, reconhecidas e valorizadas, e para, além disso, que sejam vivenciadas por todos (BENTO et al., 2011).

É importante destacar que, segundo Gonçalves e Silva (1998) o multiculturalismo é um processo, iniciado em países que contém esta diversidade cultural, e que se apresenta como: a) uma ideologia que se opõe a toda forma de centrismos culturais; b) uma estratégia política de integração social; c) corpo teórico que orienta a produção do conhecimento.

Os autores advertem que, assim entendido, o multiculturalismo constitui-se em “um princípio ético que tem orientado a ação de grupos culturalmente dominados” (GONÇALVES; SILVA, 1998, p. 20), que reivindicam serem reconhecidos como sujeitos de direito, numa sociedade que não os enxerga como parte dela. Desta forma, articular multiculturalismo e educação, é buscar equidade em meio a desigualdades.

Concorda-se com Rangel et al. (2008) quando apontam que nas aulas de Educação Física o universo do multiculturalismo fica ainda mais à mostra, pois os corpos dos alunos se encontram em exposição, nos espaços abertos da quadra, do

gramado, da terra batida, quando as mensagens culturais aparecem, refletindo suas culturas.

Os autores afirmam ainda que o professor de Educação Física deve propor e fomentar situações em que estas diferenças se mostrem ainda mais, como no caso das manifestações da cultura brasileira. Desta forma seria possibilitado aos alunos conhecerem a riqueza e a diversidade de expressões existentes nestas manifestações, sugerindo a capoeira como um dos temas a serem abordados.

Sendo a capoeira de origem afro-brasileira, entende-se ser um dos ícones que representa esta diversidade cultural existente no país, o que torna significativa a sua presença nas instituições de ensino, e mais particularmente, na Educação Física, acreditando-se que, por meio dela, pode-se auxiliar a escola nesta tarefa de superação de desigualdades.

Assim, pode-se também afirmar que é possível que a capoeira faça parte dos conteúdos da EFE, baseando-se nos autores descritos e na opinião dos participantes.

6.2 Fatores excludentes da capoeira na Educação Física Escolar

A partir das falas dos participantes, verificou-se quais motivos são considerados, na opinião deles, os responsáveis pela não presença da capoeira nas aulas de EFE, ou seja, o que a exclui dos conteúdos ministrados pelos professores da área. Destas análises emergiu a categoria dos “Fatores Excludentes”.

Estes fatores se aglutinaram em 2 subcategorias devido as suas peculiaridades. São elas: (In)Segurança do professor; e, Discriminação religiosa da capoeira.

6.2.1 (In)Segurança do professor para desenvolver a capoeira nas aulas de Educação Física

De acordo com a opinião dos participantes, a insegurança sentida pelos professores para desenvolver a capoeira em suas aulas é o principal motivo de exclusão desta prática corporal, da EFE.

Eu não tenho segurança para dar aula de capoeira. Por exemplo, se me perguntarem a história da capoeira, eu não me sinto segura pra contar. Se me pedissem pra dar uma aula de capoeira eu diria não, hoje não dá, eu teria que estudar, procurar pessoas pra saber como é que é (Participante 1).

Não tenho segurança de trabalhar a capoeira, em fazer a prática (...). O que me impede é não ter o domínio e o conhecimento do assunto (Participante 2).

Eu não me senti preparado para trabalhar com capoeira nas minhas aulas de educação física (...) não me sinto preparado (...) Só daria se fosse cobrado, (...) pois não me sinto seguro (Participante 3).

Segundo Impolcetto et al. (2007) por não se sentirem seguros para ministrar aulas diferentes dos esportes com bola, conteúdos considerados menos populares, diversas manifestações da cultura corporal têm sido excluídas pelos professores de Educação Física.

A ausência de subsídios práticos e teóricos sobre conteúdos considerados pouco relevantes, faz com que alguns professores de Educação Física apresentem dificuldades em organizar e transmitir os mesmos na escola, deixando de ensiná-los e priorizando os assuntos nos quais sentem maior segurança (...) (IMPOLCETTO et al., 2007, p. 91).

Não se sentir seguro para ministrar um determinado conteúdo implica dizer que o professor não se sente confiante e firme para desenvolver um determinado tema.

Sentir-se confiante depreende-se de alguém que tenha autoconfiança, a qual segundo Bandura (1990) é o grau de firmeza e convicção numa determinada crença, mas sem que a situação seja especificada. A autoconfiança é caracterizada como uma alta expectativa de sucesso e pode vir a despertar emoções positivas, combater

sentimentos como medo e vergonha, e pode ainda aumentar o esforço destinado a alguma tarefa (MACHADO, 2006).

Entretanto, de acordo com Bandura (1993) não se pode confundir autoconfiança com autoeficácia, pois esta se refere à capacidade de organizar e executar planos de ações que um indivíduo julga ter para atingir determinados tipos de rendimento ou de comportamento em situações específicas.

Um indivíduo autoeficaz julga-se capaz de executar certo comportamento específico a determinado tempo, situação e ambiente, podendo variar de momento para momento, não sendo um traço duradouro de sua personalidade. Já a autoconfiança, segundo Feltz e Chase (1998) é uma característica mais global e estável do ser humano, é um estado do ser que não especifica o tipo de ação.

Apontam os participantes deste trabalho, que para obter a autoconfiança e sentirem-se seguros para aplicar a capoeira em suas aulas de Educação Física, é necessário que dominem tal tema. Na opinião deles, ter vivenciado a atividade corporal capoeira seria de fundamental importância para que a ministrassem.

Quando a gente tem a prática, (...) a gente tem a segurança, você sente a vontade de dar, ministrar aquela aula! (...) (...) a prática, tenho certeza, que vai fazer toda diferença! Uma pessoa que nunca nem gingou na vida, que nunca nem participou lá da roda, batendo palmas, tentando aprender dos cantos, acho que não vai ministrar uma aula tão boa como uma pessoa que, pelo menos já participou de uma roda, que sabe o significado daquilo (Participante 1).

Lawson (1993) esclarece que as experiências efetivamente vivenciadas pelos professores de Educação Física em sua história de vida são a sua principal fonte de conhecimento, a qual poderá se integrar ao conhecimento científico adquirido na graduação.

Trazendo para o tema deste trabalho a afirmação do autor, um aluno-professor que possui experiência em capoeira, pode tornar-se mais confiante e ter maior probabilidade em desenvolvê-la em sua vida profissional. Por ter uma fonte inicial deste conhecimento, esta pode levá-lo a ter uma maior sensação de

autoconfiança para abordar tal assunto, ficando mais fácil ministrá-lo, conforme afirma o Participante 5:

(...) tiro um semestre para trabalhar lutas e dentro das lutas eu trabalho com foco na capoeira e no karatê, a capoeira por ter facilidade normalmente é que rende mais dentro dessas instituições de ensino. (...) facilita muito quando você domina, aí você consegue ter mais facilidade de trazer pros meninos os movimentos básicos, trazer as discussões... (Participante 5).

Melo (2011), corrobora com a afirmação do participante 5 quando aponta que os profissionais da EFE que incluem a capoeira em seus programas de ensino, tiveram, na maioria das vezes, uma formação específica no meio capoeirístico.

O que nos possibilita inferir, baseando-se nos autores e na opinião dos participantes, que professores de Educação Física que ministram aulas de capoeira, em sua maioria, são ou foram capoeiristas, ou seja, conhecem mais profundamente sua prática o que os faz se sentir seguros para desenvolvê-la.

Além das experiências vivenciadas em sua vida particular como praticante de capoeira, os participantes também apontam para a importância do profissional de Educação Física cursar a disciplina em sua formação acadêmica.

A inexistência da capoeira como disciplina do curso de Educação Física também contribui para a insegurança dos professores e torna-se um entrave a mais para que esta prática corporal não seja desenvolvida nas escolas, conforme se pode observar em suas falas, à seguir:

(...) nunca tive aula com a disciplina de capoeira na faculdade (...) aí lamento muito por isso que pra mim, como a gente não tem vivência assim de disciplina obrigatória de luta, de capoeira, eu acho que deveria ser sim uma disciplina obrigatória até por uma questão cultural, é uma carência que eu sinto na área de educação física. (Participante 7).

(...) como a gente não tinha disciplina na faculdade a gente não tinha interesse em ramificar aquilo como objeto de trabalho [está falando da capoeira] (Participante 4).

(...) é o esporte brasileiro! E dentro de uma faculdade que é de Educação Física, os profissionais que vão sair dessa faculdade saem sem nenhum conhecimento do esporte que é o esporte nacional, um esporte que é nosso, falta muito... (Participante 8).

Exato, não ter essa disciplina! Por ela não ter, não tá na escola, parte daqui, parte da universidade, quando ela tá lá [na escola], na maioria das vezes já tem uma pessoa que já pratica capoeira, um que já tem uma vivência, que já foi lá fora, buscou, já se identificou, já gostou e tá lá dentro (Participante 8).

Importante observar que os participantes desta pesquisa, em sua maioria, são ou foram alunos da Universidade Federal do Ceará (UFC) a qual passou por uma reformulação no currículo do curso de Educação Física, entre os anos de 2009 e 2010. A capoeira, no currículo antigo, estava incorporada à disciplina “Metodologia das Habilidades Esportivas V”, sendo ministrada juntamente com outras modalidades de luta e nesta reforma o novo curso passou a tê-la como disciplina optativa.

Por problemas de ordem interna, nem sempre a capoeira era ministrada regularmente, e com a contratação de novos professores a disciplina pôde ser ofertada. Assim, dos participantes que se graduaram na UFC, alguns tiveram a oportunidade de cursá-la em sua formação e outros não.

Com relação à formação profissional em Educação Física, BETTI, M. e BETTI, I. (1996) apontam que esta sofreu muitas mudanças a partir dos anos 1980, quando a área ampliou sua visão para além dos aspectos biológicos e esportivos, sofrendo influências das ciências sociais e humanas. Desta forma os currículos de formação esportivista foram sendo substituídos por propostas renovadas e ampliadas, disponibilizando aos alunos diferentes atividades expressivas corporais e da cultura popular.

Nesta mudança a cultura passou a ser um dos principais objetos de estudo da Educação Física (BRACHT, 1999), entendida como um fazer humano que pode ser transmitido de geração a geração por meio das linguagens corporais (BRASIL, 2003). Assim, pode-se considerar que uma das atividades corporais, da cultura popular, proposta para fazer parte destes currículos, é a capoeira.

Sugerida por muitos autores - Soares et al. (1992); Brasil (1998), Campos (2001); Melo (2002); Darido e Rangel (2005); Bertazzoli, Alves e Amaral, (2008); Silva e Heine (2008), dentre outros -, a capoeira foi sendo considerada como uma

possibilidade de conteúdo para a escola, o que implicaria que também se tornasse disciplina dos currículos dos cursos de Educação Física.

Contudo, apesar dos autores sugerirem estas mudanças, nem todos os currículos aderiram, imediatamente, a esta forma de pensar a Educação Física, e as mudanças foram acontecendo lentamente.

Segundo Campos (2001), as primeiras manifestações neste sentido se deram no Estado da Bahia, em 1971, sendo a capoeira inserida no programa curricular do Programa de Melhoria de Ensino Nacional (PREMEM), porém desenvolvida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como disciplina obrigatória do curso de Educação Física foi a Universidade Católica de Salvador que a estabeleceu, em 1982.

Indo ao encontro com as necessidades dos participantes que apontam a importância de ter a disciplina de capoeira nos cursos de graduação em Educação Física, atualmente há um número significativo de universidades públicas e privadas, em todo o Brasil, que a incluem em seus currículos.

Neste sentido, fez-se uma pesquisa, via internet e meio telefônico, em 2012, nas universidades federais dos 9 Estados que compõem a região Nordeste do país, uma vez que a coleta de dados desta pesquisa foi realizada, em Fortaleza, no Estado do Ceará, e este ser o contexto dos participantes envolvidos.

Verificou-se que, destes 9 Estados, a capoeira está inserida nos currículos das principais Universidades Federais de 6 deles: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Sergipe e Piauí. Ora como disciplina obrigatória, ora como optativa, e no caso do Piauí, como conteúdo da disciplina de lutas.

No entanto, mesmo estando nos currículos não se pode afirmar que a capoeira venha sendo realmente ofertada para os graduandos, pois as universidades têm seus problemas e entraves, como a falta de professor habilitado para desenvolvê-la, por exemplo.

Entende-se ser importante que a capoeira esteja inserida como disciplina nos cursos de Educação Física aumentando as suas possibilidades de ser utilizada pelos futuros professores como tema de suas aulas. Na graduação, os alunos têm a

oportunidade de discutir, refletir, vivenciar, experienciar, conhecer e reconhecer diferentes expressões da cultura corporal, o que pode encorajá-los a desenvolvê-las.

É nos cursos universitários que o aluno-professor pode obter condições para compor sua própria estrutura de conhecimento, agregando-o a sua experiência de vida, considerando que este pode ser o ponto de partida para novas descobertas e diferentes estudos.

Girão (2011) em seu estudo realizado sobre a presença da capoeira nas aulas de Educação Física apresenta uma fala significativa de um de seus entrevistados a respeito da importância de cursar a disciplina de capoeira na universidade, sua busca por novos conhecimentos e o quanto estes fatores proporcionaram segurança para ministrar a capoeira:

Obtive o conhecimento suficiente na graduação. Agora, é muito pessoal meu, eu acredito que nunca o conhecimento é suficiente, a gente sempre tem que estar buscando mais, mas com certeza supriu demais a necessidade, me deu uma segurança pra trabalhar com esse tema. Eu não tinha esse conhecimento antes de fazer a disciplina, quando eu fiz a disciplina me senti segura em estar falando (GIRÃO, 2011, p. 38. Participante G1).

Cursar uma disciplina na universidade pode permitir ao aluno obter o conhecimento didático-pedagógico e um maior aprofundamento sobre o tema, o que traz qualidade ao ensino das práticas corporais, pressuposto básico do ensino profissionalizante. O que não acontece quando se tem somente a prática, como aponta a Participante 7:

Eu acho que é porque até hoje só tive vivência como praticante, eu ainda não fiz disciplina, ainda não tive uma experiência ou alguém que me instrísse a ensinar a capoeira ou uma forma de utilizar a capoeira nas minhas aulas de Educação Física (Participante 7).

É importante lembrar, que estas vivências se complementam, pois somente a experiência como praticante não permite o olhar pedagógico do professor.

Assim sendo, foi possível perceber que ter a vivência de capoeira na vida particular, como praticante e como aluno da EFE, e ainda, na formação profissional como acadêmico dos cursos de graduação, são fatores que se complementam e que poderão proporcionar segurança e autoconfiança para que os professores de Educação Física desenvolvam as temáticas que compõem a cultura corporal, dentre elas a capoeira.

Entretanto, alerta-se que, ter experiência prática não se configura em uma regra para que o profissional da área desenvolva qualquer tema da cultura corporal, pois irá depender de seu interesse pessoal em buscar novos conhecimentos, construindo possibilidades de ministrá-los, além de outros fatores importantes, como suas condições de trabalho, apoio pedagógico da escola, dentre outros.

6.2.2 Discriminação religiosa com relação à capoeira

A discriminação religiosa com relação à capoeira foi também apontada pelos participantes como um dos fatores que a exclui do âmbito escolar, principalmente no que diz respeito a crenças religiosas, representado nas falas, abaixo:

Eu quando comecei a treinar a capoeira, eu era chamado de macumbeiro, a gente levava o atabaque que era o instrumento, tinha que levar porque não tinha onde guardar; onde a gente passava era: - Olha o macumbeiro! Olha o macumbeiro! (Participante 5).

(...) aí eu lembro que um dia a minha amiga falou pra minha mãe e ela foi pra uma roda de capoeira, quando ela chegou tinha um canto falando do diabo, alguma coisa assim referente, aí ela pegou e disse: - Meu filho você não vem mais pra isso não! Isso é do cão, você não vai mais fazer não! E é porque a minha mãe não é daquela religiosa mais fervorosa... (Participante 4).

A capoeira, não é que ela não seja nem presente; você é inibido a ela não ser presente! Você é coagido a ela não existir; a presença dela nas suas aulas, em determinados momentos, por quê? Muitas das escolas, elas têm, grande parte delas, as particulares, ainda tão associadas à questão da religiosidade, as escolas defendem bandeiras a respeito de religião e isso favorece com que a capoeira seja, acabe marginalizada, neste ponto de vista(...) Aqui, uma escola católica com capoeira? (Participante 4).

Segundo o dicionário Aulete Digital, o substantivo "discriminação" se define pela "capacidade de discernir, de notar ou fazer distinção entre coisas", sendo que no contexto sociológico, significa: "tratamento desigual, favorável ou desfavorável, dado às pessoas em função de suas características raciais, sociais, religiosas, de gênero etc" (AULETE, 2012).

Para Santos (2005) as religiões africanas ainda são vítimas de preconceito na sociedade contemporânea. De acordo com Melo (2011), os descendentes afro-brasileiros ainda lutam, nos dias de hoje, para superar entraves sociais de um passado de opressão cultural, abusos de poder, preconceitos, dominação e racismo. É esta, inclusive, uma realidade da educação brasileira, o que se percebe na fala que segue:

Eu fui citar [na escola] que a gente poderia trabalhar a questão do africano e dentro disso um movimento tão legal, (...) aí então não foi aprovado sabe, porque o negro só existia a nível de história, na conta de realmente ter sido escravo e pronto! Acabou-se aquilo, não se fala em nenhum momento da cultura dele não é, porque a cultura dele remexe... (Participante 4).

Sabe-se que houve uma repressão ao negro escravo no que diz respeito ao exercício de sua cultura, e estes tiveram que se modelar à cultura do colonizador sendo que a presença cultural africana, no Brasil, mesclou-se com aquela existente no país, surgindo então uma mistura de culturas africanas e branco-europeias, como, por exemplo, o sincretismo religioso (OLIVEIRA, 1993; SILVA, 2001).

O autor ainda afirma que "...não se pode entender a capoeira ou qualquer outra manifestação da cultura negra sem falar da sua religião, de sua cultura como um todo" (OLIVEIRA, 1993, p.8).

Por outro lado, Santos (2005) elucida e concorda-se com ele, que

(...) a capoeira não é uma religião, no entanto, possui determinados atributos que lhe caracterizam como uma prática que abrange elementos de caráter eminentemente sagrado. O corpo e a música são atributos que lhe conferem uma especificidade e a aproxima dos rituais religiosos de matriz africana em que a música e a dança (...) exercem importante papel na ligação do humano com o sagrado (SANTOS, 2005, p. 63).

Neste sentido, os participantes desta pesquisa salientam que é necessário ao professor de Educação Física estar ciente desta particularidade da capoeira, respaldando-se teoricamente, estando apto para explicar à comunidade escolar e, principalmente aos seus alunos, acerca do que é a capoeira, seus objetivos, suas raízes, dentre outros, como vemos abaixo:

Então assim, pra comunidade não vir a discutir comigo, a comunidade escolar: os pais, por exemplo, (...) chegarem pra mim e dizerem assim: Ah, mas ta tendo capoeira? Aqui?? Não, mas a capoeira é isso, isso... é preciso saber pra poder explicar (Participante 4).

Deste mesmo modo, esclarecem ainda que, não sendo a capoeira uma religião, qualquer um pode praticá-la, independente de sua crença religiosa, como demonstra a fala de um dos participantes, mestre em capoeira, que é evangélico, assim como o mestre João Pequeno era:

(...) Aí tem que demonstrar que capoeira não é religião, qualquer pessoa pode praticar capoeira independente da religião, (...) Pra vocês terem uma noção eu sou evangélico (Participante 5). (grifo nosso).

A capoeira traz em seu escopo um legado de que se originou das etnias africanas, assim como algumas religiões existentes, no Brasil, que também foram herdadas dos negros africanos. Destarte, tendo uma mesma raiz, ou uma mesma origem, suas características se aproximam e muitas vezes se associam, no entanto, cada qual se manifesta a sua maneira, servindo aos propósitos para os quais se destinam.

Estando ciente desta identidade própria, concorda-se com os participantes desta pesquisa quando afirmam que a capoeira não é uma religião e pode ser praticada por todos, e deve ser abordada na escola, para além dos preconceitos que ainda, infelizmente, existem neste país. Ao dar a oportunidade ao aluno de conhecê-la pode-se, inclusive, contribuir para que esta discriminação seja diminuída.

6.3 Necessidades dos participantes em relação ao ensino da capoeira na escola

Nesta categoria, buscou-se esclarecer, a partir da opinião dos participantes, o que eles entendem ser o mais importante saber sobre a capoeira e, que tipo de apoio necessitam para utilizá-la como tema de suas aulas.

Baseando-se na análise das falas dos participantes, em resposta aos questionamentos formulados, surgiram 3 subcategorias: Sistematização dos conteúdos da capoeira; Materiais Didáticos; e, Blog como apoio didático, apresentadas nos tópicos que seguem.

6.3.1 Sistematização dos conteúdos da capoeira

A sistematização dos conteúdos da capoeira foi considerada, pelos participantes desta pesquisa, como um dos pressupostos que os auxiliariam no desenvolvimento desta prática corporal na EFE.

Na opinião dos participantes é necessário que os conteúdos da capoeira sejam organizados e selecionados, apontando o quê e em que ordem este tema deve ser abordado na escola, uma vez ser uma temática de assuntos extensos e diversificados, conforme suas falas:

Isso! Ter um caminho por onde a gente deve seguir..., o quê que eu vou ensinar primeiro? O quê que eu vou ensinar depois? (Participante 6).

Acho que a capoeira é um mundo! E o site deve mostrar o que dela o professor de educação física vai trabalhar na escola, que é o básico (Participante 5).

Uma organização é legal! (Participante 2)

A história, porque surgiu primeiro o histórico, depois a música? O ritmo é por causa disso; esse golpe vem primeiro, esse deve vir depois porque é mais difícil de fazer... (Participante 1).

De acordo com Impolcetto et al. (2007) a sistematização é um referencial de seleção e organização de conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas, pelos professores. Selecionar e organizar conteúdos significa identificar quais conhecimentos devem compor o 1º, 2º, 3º, 4º, 5º anos, e assim por diante, em cada bimestre, determinando e apresentando a sequência em que devem ser ensinados.

Arroyo (2008) esclarece que o currículo, os conteúdos, seu ordenamento e sequenciação e, suas hierarquias, são fundamentais para o cotidiano das escolas, e para as relações entre educadores e educandos. O autor ainda afirma que a construção dos currículos deve privilegiar, além dos conhecimentos de ensinar-aprender, mas em que lógicas e hierarquias devem ser ordenados e organizados.

Os estudos relacionados acerca da sistematização dos conteúdos para a EFE, ainda não são satisfatórios, embora algumas propostas curriculares apresentem preocupações com a organização e sistematização de conhecimentos para a EFE (DARIDO et al, 2008), o que também pôde ser percebido no caso específico da capoeira após investigação realizada em 18 propostas curriculares de Estados brasileiros.

Silva e Darido (2011), nesta pesquisa, apontam a presença da capoeira como tema da EFE em 11 delas, porém sob diferentes perspectivas, pois em 8 propostas (Acre, Goiás, Maranhão, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe) a capoeira é sugerida na categoria das lutas. No Estado de Minas Gerais está inserida na categoria dos Jogos e Brincadeiras. No Rio Grande do Sul e em Rondônia encontra-se na categoria das Lutas e também da Dança.

Além de se apresentar em diferentes categorias também não há concordância sobre o que deve ser abordado da capoeira e para qual fase escolar é recomendada, pois ora é atribuída do 6º ao 9º anos, ora somente para o 6º ano ou ainda para o ensino médio, ou seja, não há concordância entre as propostas (SILVA; DARIDO, 2011).

No que diz respeito a outros estudos envolvendo a capoeira e sua organização para a escola, foi encontrado apenas um artigo que versa sobre o assunto, cujo título é “Estruturação da capoeira como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio”, de Souza e Oliveira (2001).

Os autores propõem uma estruturação da capoeira como conteúdo da EFE no ensino fundamental e médio, que atende a 6 horas/aula anuais, considerando a fase de desenvolvimento da criança e suas possibilidades motoras, afetivas e cognitivas, baseados nos fundamentos da capoeira de forma geral, e ainda, considerando as possibilidades de integração com outras áreas como História, Artes e Língua Portuguesa (SOUZA; OLIVEIRA, 2001).

Entende-se que um currículo básico sistematizado, para a EFE e seus conteúdos específicos, traria diversos benefícios aos professores e alunos nas aulas de Educação Física, embora o Brasil seja um país extenso e multicultural e as opiniões dos autores da área serem divergentes no que diz respeito a uma sistematização única. Assim, a sistematização básica não seria uma imposição, mas uma proposta que cada Estado ou Escola a adaptaria da sua forma, a partir da participação dos próprios professores.

Conforme visto, anteriormente, Kunz (1994) entende que a elaboração de um programa mínimo poderia resolver a “bagunça” interna da disciplina, um programa de conteúdos baseados na complexidade e com objetivos definidos para cada série de ensino.

Gonzalez (2006) acredita que, tanto é possível identificar um conjunto de princípios orientadores gerais para a Educação Física, quanto devem ser desenvolvidos de forma coletiva. Para o autor a Educação Física como componente curricular é responsável por um determinado campo de saber, assim é necessário explicitar o conjunto de conhecimentos e explicar como eles se organizam.

Soares et al. (1992) também se expressam favoravelmente a uma sistematização em nível escolar, para o ensino fundamental e médio, com relação aos conteúdos específicos tratados pela Educação Física. Conteúdos estes baseados em alguns exemplos do universo da cultura corporal, como o jogo, o esporte, o futebol, o atletismo, o voleibol, o basquetebol, a ginástica, a dança, e, a capoeira.

Os autores esclarecem que a EFE tem como objeto de estudo a reflexão sobre a cultura corporal o que envolve considerar esse acervo de formas e representações corporais do mundo, de extrema importância histórica e social. A

concepção de cultura corporal (ou cultura corporal de movimento, dentre outros) proporcionou uma identidade à Educação Física, transformando-se nos conteúdos específicos que devem ser transmitidos na e pela escola.

Para Forquin (1993), toda educação do tipo escolar realiza uma seleção no interior da cultura e uma re-elaboração dos conteúdos desta cultura destinados a serem transmitidos às novas gerações. Assim, a educação não transmite a cultura e sim *algo* da cultura, que pode provir de fontes diversas e de diferentes épocas.

O autor afirma ainda que o conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, dando-se a isto o nome de cultura. E que cultura é o conteúdo substancial da educação, sendo a sua justificação, pois para o autor a educação não é nada fora da cultura e sem ela (FORQUIN, 1993).

A cultura é um termo que vem sendo muito utilizado na Educação Física e seu conceito influenciou o pensamento da área, no Brasil, sobretudo a partir da década de 1980. No entanto, as concepções desta palavra tomam diferentes significados e não se sabe, ao se falar em sistematizar os conteúdos da cultura corporal para a escola, sob que concepções de cultura estes diferentes autores estão se apoiando.

Assim, é importante ampliar as compreensões sobre o conceito de cultura, tendo em vista que este termo pode tomar diferentes caracterizações e abranger diversas acepções.

Cuche (2002) define duas concepções de cultura, uma universalista e outra particularista. A universalista, também denominada de etnocêntrica, pressupõe a diversidade inserida em uma igualdade: a humanidade. O autor afirma que o outro não é nunca absolutamente outro e que há sempre algo de nós nos outros, porque a humanidade é uma só e a cultura está no centro das culturas, segundo a expressão que “o universal está no interior do particular”.

A concepção particularista, na qual está presente o relativismo cultural, privilegia “as culturas”, separadas entre si e particulares, onde cada uma é única e original, e um costume somente pode ser explicado a partir da análise de seu

contexto cultural – língua, crenças, costumes –, influenciando no comportamento dos indivíduos, no seu estilo próprio e único (CUCHE, 2002, p. 46).

Para o autor a dificuldade hoje está em saber se se utiliza o termo no singular, “a cultura”, ou no plural, “as culturas”, ou seja, se a concepção de cultura deve ser universalista ou particularista, respectivamente.

Segundo Silva et al. (2012), “a cultura” traz em si algo maior e mais amplo do que as especificidades existentes “nas culturas”, que, no entanto, se complementam, ou como afirma Forquin (1993), há uma reciprocidade entre estas acepções que não são fundamentalmente excludentes entre si e podem às vezes coexistir em um mesmo contexto, enfatizando que o que é importante, para a educação, é que cada uma destas ideias fiquem claras.

E, desta forma, não se correrá o risco de subjugar a cultura local, ou de se apenas desenvolver nas aulas temas que são gerais, não considerando as características e o cotidiano dos alunos, e mais especificamente, o que eles já conhecem sobre a capoeira. É necessário ter em conta a prática social como experiência humana generalizada, conforme aponta Saviani (2003) em defesa a um currículo básico comum e que as adaptações competem ao professor que considerará as expectativas, interesses e conhecimentos dos alunos.

Este “caminho do meio” por não ser nem apenas uma concepção e nem somente a outra e ao mesmo tempo por convergirem uma na outra, constitui-se na relação dos indivíduos com a história e a sociedade, partindo de seu próprio contexto, proporcionando a compreensão e o respeito à alteridade do outro, o que é possível quando ela é reconhecida como uma possibilidade passível de ser humana; como uma possibilidade constitutiva de si mesmo (SILVA et al, 2012; FORQUIN, 1993).

Considera-se que, para a capoeira, há que se conquistar esse “caminho do meio” para uma sistematização que a organize facilitando a sua utilização pelos professores de Educação Física, respeitando o direito do aluno em conhecer a diversidade que se apresenta no cerne da sua cultura corporal.

Faz-se pertinente, deste modo, novos estudos que abranjam a sistematização da capoeira para a escola, organizando e selecionando seus conteúdos específicos que poderão auxiliar os professores de Educação Física a desenvolvê-la em suas aulas.

6.3.2 Materiais Didáticos

Os participantes desta pesquisa, ao longo das discussões, foram apontando diferentes materiais que poderiam auxiliá-los no desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem da capoeira, em suas aulas de Educação Física. Com a finalidade de auxiliar o professor nas fases destes processos, dando-lhe suporte, estes definem-se por materiais didáticos (DARIDO et al., 2010).

Assim sendo, foram indicados pelos participantes, como possíveis suportes didáticos, os seguintes materiais: Planos de aula; Vídeos e filmes; Músicas; Instrumentos musicais; e Imagens.

A) **Planos de aula.** De acordo com os participantes, experientes ou não em capoeira e na EFE, ter planos de aula preparados é muito importante para seu cotidiano escolar, pois os auxiliariam em sua prática pedagógica. Contudo enfatizam que estes não funcionariam como “receita de bolo”, uma vez que entendem que cada professor vai adaptá-los a seu contexto e necessidades, conforme falas, abaixo:

(...) eu acho legal entrar em um site e ter lá uma receita de bolo (...) quando tem um plano de aula você vê, você absorve o que serve, e você não absorve o que não serve... (Participante 4).

Ter receitas, planos de aula prontos, não fecha porque sempre a gente tem que adaptar, colocar uma coisa nova depende da escola (Participante 1).

Pôxa, eu vou querer fazer essa aula pra amanhã sobre o jogo popular..., não sei que..., e aí? Não era muito mais fácil se tivesse algo explicado pra mim? Lógico! Eu vou vendo o site e já vou pensando aqui: com trinta alunos funciona, aqui não vai funcionar então, eu não posso fazer do mesmo jeito, mas já vai ter uma aula destrinchada ali pra você (Participante 4).

Consideram ainda, aqueles que já dão aulas de capoeira na Educação Física, que estes planos podem auxiliá-los também no momento em que suas próprias estratégias se esgotam e vão em busca de novas ideias e sugestões como forma de motivação para os alunos, pois podem auxiliar no planejamento de aulas mais diversificadas e interessantes.

Mesmo a gente que já dá aulas, chega uma hora que..., esgota... [está falando de planos de aula] só que você entra numa sala de aula que tem dez alunos de braços cruzados que diz: - eu não vou fazer nada professor! Você se sente incomodado com aquilo, é complicado... Como é que você vai atrair esses meninos, motivá-los a fazer aula de capoeira? Aí, no caso, tem a necessidade de aulas e aulas pra gente poder trazer eles... E é nesse momento que é necessário algumas estratégias que facilite o nosso trabalho, por mais experiência eu, você tenha ou que não tenha é necessário... (Participante 5).

B) Vídeos e filmes. Os participantes apontam também, como possíveis auxiliares de sua prática pedagógica, vídeos e/ou filmes relacionados à capoeira, ou ainda, links, na internet, que encaminhem o professor internauta para estes.

Sugestões de filmes de capoeira (Participante 2.)

Vídeos Ne? porque nós temos aí no "youtube" vários vídeos com músicas já legendado e o som lá, fica bem mais fácil de você aprender, de você cantar, então assim, de repente é isso, um link (Participante 5).

(...) você pegar um livro e ler na teoria, escrita é tudo bacana..., mas ir à mídia do computador e visualizar um vídeo, e, hoje é só você digitar e aparecem trinta mil vídeos iguais e tal! É bem fácil, só que assim, muitos deles, grande parte deles, não são voltados pro professor, são voltados mais pra curiosidade sobre o assunto, você vai e coloca lá não sei o que? Ai vai aparece, pesquisa no google, mas se você vai entender e você vai explicar o que é o quê, você vai ter que entender, aí você vai pensar: pôxa como é que eu vou explicar isso? (Participante 4).

C) Músicas de capoeira. Estas tiveram um papel de destaque nas discussões entre os participantes que consideraram que é necessário que haja, no blog, um espaço no qual sejam expostas letras das músicas inerentes à capoeira. E, não só as letras, mas também seus significados, para que a mensagem subliminar de

cada uma delas fique acessível aos professores, público-alvo do blog, e que estes possam transmitir estas informações aos seus alunos.

É importantíssimo! Tem músicas dentro da capoeira que se você conhecer as rodas de capoeira você... tá ali na roda aí de repente um cara toca berimbau e canta uma música pra você, ou pra te receber ou pra te preparar porque alguém vai te apertar no jogo, então se você não conhece.... (Participante 5).

Essa música aqui é por causa dessa história aqui... (Participante 1).

As músicas de capoeira têm letras que representam fatos, episódios da vida cotidiana dos negros, sua história, seus sentimentos, os sofrimentos pelos quais passaram, dentre outros. Para Vieira (1995) existem três funções básicas nas cantigas de capoeira: função ritual, dando a roda ritmo e animação; função mantenedora das tradições, reavivando a memória acerca de sua história; e uma função ética: que promove uma reflexão sobre esta história e dos princípios éticos a serem respeitados na roda de capoeira.

De acordo com Falcão (2005) as cantigas de capoeira se classificam em ladainhas, chulas e corridos. Nas ladainhas não se joga, apenas se ouve o cantador que as entoia durante o toque de angola, ditado pelo berimbau. Em geral são letras longas e seu ritmo é lento. As chulas (também denominadas de quadras), assim como os corridos, são cantigas curtas e de ritmo mais rápido, nas quais o cantador as inicia e o coro (todos os outros capoeiristas que compõem a roda) repetem.

D) Instrumentos musicais. Os instrumentos são inerentes à capoeira e as suas rodas se compõem acompanhadas por alguns deles. Os mais utilizados são o pandeiro, o atabaque e o berimbau, sendo este último uma referência desta prática corporal e o mais importante deles para a capoeira. É o berimbau quem dita o ritmo, a forma de jogar e o que será realizado na roda.

Os participantes, ao serem questionados se utilizariam as informações contidas no blog sobre como tocar alguns destes instrumentos, como o pandeiro e o berimbau, por exemplo, e ainda, se desenvolveriam, com seus alunos, a partir do

que o blog disponibilizasse - como confeccioná-los com materiais alternativos, por exemplo -, a resposta foi positiva.

E os instrumentos? Se tivesse lá te ensinando como tocar o pandeiro e ainda como produzir com materiais alternativos, vocês fariam com seus alunos? (Pesquisadora).

Com certeza! (Participante 1).

É claro! (Participante 3).

Seria muito bom, passo a passo como fazer um berimbau! (Participante 2).

Exatamente! Assim simples, trazer o que você consegue, em casa, um arame qualquer de pendurar roupa, cordão... (Pesquisadora).

Mas faz som isso? (Participante 2).

Faz!! E a cabaça de garrafa pet! (Pesquisadora).

E) Imagens. As imagens apontadas pelos participantes, que podem ser fotos, figuras, desenhos, dentre outros, que disponibilizados no blog, poderiam ser utilizados para demonstrar aos alunos os diferentes movimentos da capoeira, e desta forma, o professor não seria o único referencial a ser observado, proporcionando ao aluno uma visão ampliada do que se quer ensinar para que ele desenvolva sua própria prática pessoal.

De acordo com Schiavon (2003) o professor, por meio de problematizações pode incentivar ao aluno refletir, conhecer, adaptar e ajustar seus movimentos, em busca da autonomia das ações motoras, na qual o aluno é levado a perceber-se por meio de suas próprias sensações, coordenando seus movimentos e não apenas repetindo e/ou imitando o professor. O que pode ser percebido nas falas dos participantes, a seguir:

É porque vai de encontro ao que a gente estuda, que o ideal não é ficar fazendo, copiando, que ele [o aluno] seja autônomo no movimento dele, eu posso mostrar figuras, desenhos, fotos, filmes... Então... esse site poderia ter tudo isso! (Participante 3)

Sim! (Participante 1).

Sim! Então assim, a gente vai ver o que é um aú. O aú tem esse nome por isso, por isso... A execução dos movimentos faz assim... (Participante 4).

Contam os velhos mestres que o nome aú, dentre outras versões, é devido as posições que o corpo toma ao fazer o movimento, o que também pode ser uma forma pedagógica de ensiná-lo para as crianças. Quando estamos de pé, com as pernas afastadas (posição inicial do aú), o desenho destas se parece com a letra “A”, e ao virarmos de cabeça para baixo, com as pernas ainda afastadas e estendidas, lembram a letra “U”, como mostra a Figura 10 , abaixo:

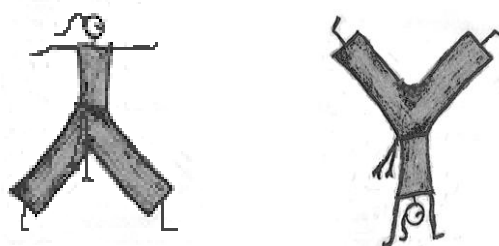


Figura 10: Aú.

Fonte: Criação e desenho da autora.

Conforme pôde ser percebido, os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade destes diferentes materiais didáticos que possam ser utilizados pelos professores, servindo de suporte para o desenvolvimento do tema “capoeira” na EFE. Segundo os participantes, estes materiais facilitarão desde o planejamento até o processo específico das aulas, em apoio ao professor.

Corroboram Darido et al. (2010) esclarecendo que materiais didáticos trazem em seu escopo critérios e referências para a resolução de problemas de diferentes fases do processo de ensino e de aprendizagem no ambiente escolar. Auxiliam nas ações de planejamento, intervenção e avaliação do professor e contribuem para as aprendizagens dos alunos.

Os autores afirmam, ainda, que é um material a ser utilizado em qualquer fase escolar, o que irá determinar em qual momento será usado são as necessidades do contexto, da escola e do professor envolvido.

Segundo Munakata (2003), historicamente, no Brasil, os livros didáticos foram considerados como “muletas” e os professores que os utilizavam eram vistos como desqualificados, os quais foram incentivados a abandoná-los em nome de uma

educação mais criativa, reflexiva e crítica. Contudo, o próprio autor afirma que é necessário ultrapassar esta ideia abstrata e entender o livro didático, e nesta pesquisa ampliamos para materiais didáticos, e tomá-los como suporte das práticas escolares, cabendo ao professor definir a utilização que irá fazer deles.

Bittencourt (2010) afirma que a figura do professor é fundamental na decisão sobre como os livros didáticos serão utilizados. A nosso ver o material didático pode ser considerado como uma estratégia de inovação da prática docente e concordam Darido et al. (2010, p. 454) ao asseverar que, em geral, o material didático é um “instrumento a mais” nas mãos de um professor comprometido.

O que pode ser percebido quando os participantes desta pesquisa afirmam que não utilizarão, por exemplo, os planos de aula como “receitas de bolo”, engessados e prontos para serem utilizados por todos e em todo lugar. Ao contrário, apontam para os planos como pontos de partida para sua criatividade e capacidade de inovação, unindo-os a sua experiência e conhecimentos pessoais para transformá-los em novos planos e novas ideias que serão sempre adaptadas e direcionadas ao seu contexto cultural.

Vale lembrar que não só os professores inexperientes, o que era de se esperar, mas também os experientes em EFE e em capoeira são favoráveis aos planos de aula prontos, declarando que se valeriam destes quando suas estratégias se esgotassem, criando novas possibilidades de abordar a capoeira, renovando-se e adequando-se ao seu contexto.

Entende-se que não é possível ao professor trabalhar alheio à cultura/contexto a que ele, a escola e os alunos estão envolvidos. Os alunos são reais e suas estratégias didáticas precisam ser acomodadas a esta realidade sob pena de insucesso no que diz respeito ao aprendizado. É necessário partir daquilo que eles conhecem para ultrapassar estes conhecimentos e avançar.

Para Daólio (2002) levar em consideração as especificidades da cultura local é respeitar a tradição histórica e dinâmica cultural do grupo, não desvalorizando o conhecimento que o aluno já possui, sua cultura anterior. Acredita-se que há a necessidade de aproximar-se do mundo real dos alunos, o que contribuirá com uma efetiva aprendizagem, corroborando com o que preconizou Paulo Freire (1992, p.85)

sobre partir do que os alunos trazem consigo, sua compreensão de mundo, seus “saberes de experiência feitos”:

(...) não podemos deixar de lado o que educandos trazem consigo de compreensão do mundo (...). Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo (...). Respeitar esses saberes, de que falo tanto, para ir mais além deles (FREIRE, 1992, p. 85-86).

Partir do que os alunos trazem consigo para ir além deles, trazendo outras e novas possibilidades, também implica no professor ficar atento a sua linguagem, seu comportamento, suas formas de agir e de pensar que na atualidade estão impregnados e influenciados pelas tecnologias. Concorde-se com Sancho (1998) quando afirma que as tecnologias constituem um novo sistema cultural que reestrutura o mundo social, influenciando o ambiente, criando novas formas de vida e de fazer educação.

De acordo com Choppin (2000), a partir da década de 1990, observou-se notadamente uma verdadeira transformação na forma de apresentação dos livros didáticos. Esta transformação foi provocada pelos novos códigos de leitura introduzidos pelos computadores e pela renovada apreensão do conhecimento das novas gerações.

Imersos neste ambiente, como indivíduos da sociedade contemporânea, os participantes desta pesquisa indicam também como materiais didáticos filmes, vídeos, músicas, fotos, links da internet, dentre outros, que se pode assinalar como tecnologias que auxiliam no processo didático.

A utilização da internet, filmes, vídeos e do próprio blog, produto desta pesquisa, como material didático, são permeados por uma linguagem digital, envolvendo as novas TICs. E, por meio da união da imagem, do som e do movimento, oferecem informações mais realistas e possibilitam que o conhecimento aconteça por diferentes vias, provocando um maior aprofundamento do conteúdo a ser estudado (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2006).

Esclarecem ainda os autores, que estas tecnologias como materiais didáticos, oferecem também múltiplas formas de comunicação e interação colaborando para

um melhor relacionamento entre alunos e professores, o que pode tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais dinâmico, eficiente e significativo.

É possível assim inferir, baseando-se nos autores e na opinião dos participantes desta pesquisa, que há uma necessidade de atender a estas demandas, oferecendo diferentes materiais didáticos, uma vez não haver tradição na área da Educação Física deste tipo de material, os quais terão o objetivo de dar suporte aos professores no desenvolvimento das aulas de capoeira.

6.3.3 Blog como apoio didático

A utilização de um blog como apoio didático também foi apontada pelos participantes desta pesquisa com uma de suas necessidades em relação ao ensino da capoeira na escola.

Blogs podem ser considerados como ferramentas tecnológicas de fácil usabilidade, ou seja, a facilidade e a praticidade com que se pode utilizá-los e acessá-los, para a realização de uma determinada tarefa.

Por esta funcionalidade interativa, simplicidade na operação e de menor formalidade, os blogs vêm sendo utilizados por professores, pois além de poderem compartilhar informações e conhecimentos com seus pares e com alunos, podem motivar a estes, transformando os espaços de aprendizagem, facilitando a comunicação entre todos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2006).

Em um blog, são veiculados assuntos que expressam a opinião, a experiência e as pesquisas do(s) autor(es) sobre determinado tema, de livre acesso e de publicações virtuais cronológicas. Neles são apresentadas informações – textos, fotos, animações gráficas, sons, vídeos – por meio de uma linguagem multimidiática e todos que o acessam podem contribuir deixando também suas opiniões (CASTRO FILHO, 2008).

Os visitantes podem deixar suas mensagens, comentários, sugestões e outros links. Nestes espaços as pessoas adicionam links oferecendo dicas para o

grupo e navegadores, o que Braga (2008, p. 49) denomina de “circuito-blogue”: uma comunidade virtual em torno de um tema.

Todo o teor destas discussões e reflexões realizadas por estas comunidades, além dos conteúdos postados pelo blogueiro (nome que se dá ao autor do blog), podem ser acessados e até mesmo copiados pelos professores para que se utilizem destas informações de acordo com suas necessidades e de seus alunos, auxiliando-os em qualquer fase dos processos de ensino e de aprendizagem. Desta forma um blog pode tornar-se um apoio didático de diferentes usos no contexto escolar.

No contexto específico das aulas de Educação Física, Bianchi e Pires (2010), afirmam que blogs podem constituir-se em uma estratégia pedagógica positiva. Os autores relatam que professores da área, escolheram cada um uma turma de uma escola que trabalhavam, e criaram blogs coletivamente, envolvendo pesquisas sobre jogos, brinquedos e brincadeiras.

Os blogs desempenharam duplo papel, tanto como estratégia utilizada pela pesquisa para acompanhar, descrever e analisar as experiências pedagógicas realizadas na escola, quanto na condição de ferramenta didática empregada pelos professores-interlocutores e crianças (BIANCHI; PIRES, 2010).

Miranda (2010), também relata uma experiência de “oficina pedagógica de blogs na Educação Física”, que foi ministrada para acadêmicos da área, chamando atenção para “como” os blogs são desenvolvidos e podem ser utilizados em suas aulas. A autora afirma que blogs podem ser ferramentas pedagógicas positivas, como apoio didático, construindo e disseminando conhecimento, nas aulas de Educação Física.

De acordo com Sebriam (2009), professores de Educação Física se utilizam mais, em suas aulas, de CD-ROM/DVD e de ferramentas que produzem, apresentam e editam textos, uma vez ainda ser discutido na área como as novas TICs podem ser inseridas no contexto da Educação Física, ultrapassando a barreira da contemplação. Por outro lado, afirma ainda que estes profissionais se manifestam positivamente face ao uso das TICs em suas aulas, situação que pode ser reconhecida nesta pesquisa.

Assim sendo, esta subcategoria vem abordar as indicações dos participantes acerca das possibilidades de utilização do blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacao.fisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, resultado desta pesquisa, ou seja, “se” o usariam; “como” seria este uso; e ainda, “o que” utilizariam de seus conteúdos.

Ao serem questionados “se” acessariam o blog, os participantes responderam positivamente para o acesso desta ferramenta, conforme suas falas:

Com certeza!! A gente acessaria demais e sempre entraria neste site! (Participante 1).

Se tiver um site com tudo isso..., sempre vou entrar ali naquele site (Participante 3).

Certamente que sim! (Participante 4).

Acessaria muito! (Participante 5).

Nossa! Eu adoraria e entraria sempre! Principalmente num site que sabemos que tem alguém que pesquisa por trás (Participante 8).

Apontam ainda os participantes, confirmando a premissa de usabilidade do blog, por ter fácil acesso e ser prático, o quanto este poderia diminuir o tempo empregado na busca de informações na internet, pois é um fator significativamente presente na vida contemporânea: a falta de tempo.

Concorda Castro Filho (2008) ao afirmar que um blog interativo e de fácil manipulação pode auxiliar os professores e ainda diminuir o tempo gasto na busca por informações. Ter velocidade para acessar informações faz parte, atualmente, do conjunto de estruturação e composição do processo do conhecimento (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2006).

E a gente não tem, o tempo que a gente não tem!

Exatamente, a gente quer algo que não tenha que gastar muito tempo, tanta busca, (...) só que claro com qualidade teórica (Participante 7).

Em suas opiniões, os participantes demonstram ainda “como” e “o que” pretendem utilizar do blog, reafirmando que esta ferramenta também dará suporte e subsídios, facilitando seu cotidiano escolar, no desenvolvimento da capoeira em suas aulas.

Sinto a carência e o site vai me ajudar bastante, me dando elementos, ferramentas..., pois é, que facilite a minha prática. É quando a gente busca o conhecimento, e na internet é mais fácil, quando eu vou pesquisar alguma coisa que me dê fundamentos, que dê esses princípios, pra eu transmitir pra alguém, (...) na verdade o que a gente quer é subsídios, elementos lúdicos, uma maneira mais fácil de falar de história, de transmitir a história, de provocar um debate, (...) então, assim, o que eu quero buscar, tipo, encontrar elementos que facilite minha vivência, sabe?! É dessa maneira que eu pretendo entrar nesse site (Participante 9).

Aí vem o papel de o site: dar informação, que você vai fundamentar sua prática pedagógica dentro da escola (Participante 5).

Na perspectiva de “como” utilizariam o blog, os participantes foram indagados se participariam das discussões/fóruns provocados no blog, com outros professores, e ainda, se dariam retorno sobre algum assunto e/ou sugestão postada, compartilhando experiências (o que utilizou das sugestões do blog, se deu certo ou não na prática, dentre outros). As respostas foram positivas conforme se pode perceber em suas falas, abaixo.

Acho que seria muito interessante! Vou lá e digo: ó isso deu super certo, já isso... e aí outros professores, ou o próprio site pode me dar outras ideias e dali eu vou criando outras coisas... (Participante 1).

...Com outros professores, tirar uma dúvida, perguntar alguma coisa? E o site poder dar a resposta! Participaria sim! (Participante 8).

Dizer o que deu certo numa aula, compartilhar, né? e tal..., deu, não deu, ah! - eu usei, não deu nada certo! E aí trocar essas ideias? Com certeza! (Participante 6).

Utilizar-se da facilidade do blog para construir conhecimento, criando e recriando ideias, discutindo e refletindo com seus pares, por meio da internet é uma característica da atual sociedade da informação, composta por seres humanos influenciados pelas tecnologias.

Segundo Borba, Malheiros e Zulatto (2011, p. 90-91 e 130) a internet já impregnou a vida humana tornando-se um ambiente “natural”, pois já modificou o humano moldando seus pensamentos e modos de produzir o conhecimento. Afirmam ainda que o conhecimento, atualmente, é produzido por coletivos de “seres-humanos-com-mídias”.

Os autores esclarecem também que a partir destas interações, novas informações vão surgindo acerca do tema discutido, proporcionando um aprendizado colaborativo, por meio de discussões e reflexões entre os participantes. Isto resulta na liberdade de trocas, associações, significações e ressignificações do conhecimento, expandindo oportunidades de aprendizado.

A aprendizagem colaborativa nos remete à “Teoria do Conhecimento Autêntico” preconizada por Paulo Freire (1975), que nesta época, provavelmente não se sentia impregnado pelas novas tecnologias. O pensamento de Freire esclarece que um conhecimento autêntico nasce do encontro de dois ou mais sujeitos cognoscentes que aportam seus conhecimentos sobre um mesmo objeto cognoscível, que se retroalimentarão de novas formas de pensar sobre este objeto e criarão um terceiro conhecimento, sendo este chamado por ele de “autêntico” (FREIRE, 1975).

Despertar novas formas de aplicação de diferentes conteúdos (objetos cognoscíveis), encorajar contatos, cooperação e aprendizagem colaborativa, atingir um maior número de professores que poderão utilizar estes conhecimentos, dentro de suas possibilidades e realidade, são contribuições ofertadas pelas tecnologias multimidiáticas (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

Acredita-se que, a partir destas discussões, interações e, conseqüentemente, aprendizados que serão possibilitados pelo blog, é possível afirmar que novas ideias de aplicação da capoeira, na escola, poderão acontecer, congregando diversas temáticas que a fundamentam, contribuindo assim, para o desenvolvimento de seus estudos. E não se pode esquecer das relações humanas que também poderão ser provocadas por meio do blog, sejam elas virtuais ou, em consequência destas, pessoais. Para Forquin (1993) o que importa mesmo, na educação, é o “encontro dos humanos”.

Desta forma, um blog interativo e de fácil acessibilidade, pode tornar-se um material didático, por meio dos conteúdos apontados pelos participantes desta pesquisa, além das possibilidades de uso que irão fazer deste, como apoio para o desenvolvimento da capoeira nas aulas de Educação Física.

7 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CAPOEIRA: descrição do Blog

Para atender as demandas apresentadas pelos professores e alunos em processo de formação consultados, foi elaborado o blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, resultado desta pesquisa, que tem como objetivo principal auxiliar professores de Educação Física, no desenvolvimento da capoeira como tema de suas aulas, na escola.

O conteúdo foi selecionado e disponibilizado visando permitir a sua recuperação e utilização, sendo desenvolvido seguindo os parâmetros da Ciência da Informação, que dentre outras áreas de pesquisa, trata da organização e tratamento da informação em qualquer suporte, seja em papel ou eletrônico.

Segundo Le Coadic (2004), a Ciência da Informação é

uma ciência social rigorosa que se apoia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), ou seja, mais precisamente: a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso (LE COADIC, 1996, p. 26).

A informação, objeto de estudo da referida área, tem como função agregar conhecimento à sociedade por meio da modificação do estado de consciência dos indivíduos que a constituem. Este processo permite o seu aperfeiçoamento constante, podendo, a informação, ser considerada, como: “Conjuntos significantes com a competência e a intenção de gerar conhecimento no indivíduo, em seu grupo, ou a sociedade [...] instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo social.” (BARRETO, 1999, p. 167).

E é neste sentido, de agregar conhecimento à área de estudo da capoeira enquanto tema da cultura corporal, objeto de estudo da Educação Física, por meio da organização e tratamento desta informação, que, após análise das opiniões dos participantes e do que sugerem os autores pesquisados, foram selecionadas as informações mais pertinentes ao atendimento desta demanda, e que, posteriormente foram alocados no blog (Figura 11).

Firefox

Educação Física Escolar e Capoeira: aula ...

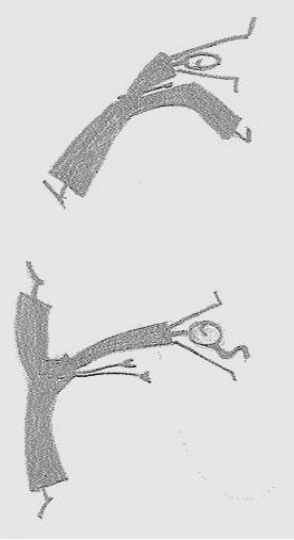
Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível

Histórico Vídeos Sites Músicas Artigos Sistematização Planos de Aula Instrumentos Berimbau Imagens Sobre

TERÇA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 2012

Histórico

FOTOS E DESENHOS



(LucianaMariaFSilva)

BUSCA

INSCREVA-SE

Postagens

Comentários

Share this on Facebook

Tweet this

View stats

(NEW) Appointment badge!

ARQUIVO

▼ 2012 (2)

▼ Agosto (2)

Histórico

Lattes

SEGUIDORES

Participar deste site

Google Friend Connect

Os registros históricos evidenciam que, quando a capoeira ensaiou seus "primeiros passos", no Brasil, o fez através de corpos africanos de várias etnias e reinos, trazidos pelos portugueses para a, então denominada, Terra de Santa Cruz. É possível afirmar, portanto, que, embora ela tenha sido "engravada" na África, ela já "nasceu" no Brasil pluriétnico. (...) Ou seja, ela foi "batizada no Brasil", como filha de uma condição de exploração a que foram submetidos seres humanos procedentes de diversas etnias africanas em terras recém-invasidas pelos portugueses (FALCÃO, 2004, p. 17).

Como colônia explorada pelos portugueses, o Brasil tornou-se uma nação escravocrata, trazendo negros aprisionados de diferentes regiões da África, em porões fétidos de navios negreiros. Desraigados de sua terra mãe, trazendo consigo sua cultura e seus sonhos criaram uma forma de lutar contra este contexto, em busca de sua libertação (FALCÃO, 2004).

Assim se originou a capoeira, da união de diversas culturas e etnias africanas, em terras brasileiras, como uma luta de resistência contra a escravidão (CAMPOS, 2001; SOARES, 2004). Corrobora Falcão (2004) afirmando que a Capoeira tem um caráter pluriétnico:

Pesquisar

Figura 11: Página principal do Blog.

Fonte: <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com/>

Segundo Nielsen (2000), os bons sites guardam a prática da simplicidade visando a sua usabilidade¹⁰; ou seja, permitem aos usuários da *web* rapidez para encontrar a informação (há um clique apenas), para realizar *downloads* e sua disponibilidade deve seguir um raciocínio lógico. De acordo com o autor há, ainda, outras regras a serem seguidas na *web designing* descritas, à seguir.

As informações centrais a que o site se designa devem ser disponibilizadas na direção dos olhos do usuário para que ele veja no momento em que abrir a janela do endereço. Também é recomendado que, a partir do momento que estejam no centro da página, sejam alocadas, na ordem de importância, da esquerda para direita, pois é desta maneira que se lê na maioria dos países ocidentais (NIELSEN, 2000).

Afirma ainda o autor que não se deve empregar muitas cores, informações, letras maiúsculas que impregnam a página tornando-a pesada. As cores utilizadas devem ser misturadas entre frias e quentes criando um visual equilibrado e agradável aos olhos. O ideal é que o ambiente virtual seja “*clean*” (NIELSEN, 2000).

Baseando-se nestas premissas, o leiaute do blog foi configurado visando a simplicidade e usabilidade, com as informações pertinentes aos resultados da demanda levantada, seguindo a ordem de importância do ponto de vista do professor e suas necessidades, público alvo deste blog. Os temas principais, disponíveis na direção dos olhos do internauta e da esquerda para a direita, são: **Histórico; Planos de aula, Sistematização; Vídeos; Sites; Músicas; Instrumentos; Berimbau; Artigos; Imagens.** Há ainda a página **Sobre**, que informa ao público acerca do objetivo do blog, que deve ficar claro para os visitantes.

Vale ressaltar que todos estes ícones estão há apenas um clique da informação que se procura, ou seja, caso o professor esteja buscando planos de aula para a capoeira, ele irá clicar neste ícone e rapidamente os planos aparecerão na tela abaixo dele. Além disso, os vídeos, artigos, filmes e sites que são indicados, também estão acessíveis a partir de um clique, pois seus enunciados fazem um link

¹⁰ A usabilidade: rapidez, eficácia e simplicidade na busca de uma informação, foi um tema exaustivamente frisado em recente congresso que tive oportunidade de participar - XVII *Encuentros Internacionales sobre Sistemas de Información y Documentación* (IBERSID, 2012) – na Espanha, acerca da informação, seus usos e usuários.

direto com os sites que os hospedam, abrindo uma nova página para estes, com rapidez e eficácia.

No que diz respeito ao jogo de cores que ilustram a página do blog, optou-se pelas cores, entre frias e quentes: azul turquesa (cor fria e agradável aos olhos) para o fundo do título do blog; branco (cor fria que suaviza) para as letras do título do blog; preto (cor fria que se destaca sobre o branco) para as letras dos ícones e textos postados; e, vermelho escuro (cor quente que equilibra o ambiente) para os títulos dos *gadgets*¹¹.

Preferiu-se ainda, guardando a simplicidade no que se refere ao ambiente virtual do blog, não se colocar muitas imagens, fotos e cores, deixando o espaço agradável e leve (*clean*).

Há ainda no blog uma caixa onde o usuário poderá fazer uma busca e recuperar os termos relevantes a sua pesquisa. Também é possível e será estimulada a postagem cooperativa de informações pertinentes à temática do blog, assim como dúvidas, que serão solucionadas dentro das possibilidades.

Como forma de difundi-lo, foram disponibilizados um ícone do facebook e outro do twitter (redes sociais), para que o usuário possa “curtir” e/ou “compartilhar” o blog, em suas páginas, além das postagens que serão realizadas no facebook, com a mesma intenção, na página pessoal da pesquisadora.

É possível “seguir” o blog e manter-se atualizado com novas postagens e ter acesso ao blog “Os Temas Transversais e a Capoeira na Educação Física”, da autora, cujo objetivo complementa o blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”.

O blog está protegido pelo licença *Creative Commons Atribuição-Não Comercial 2.5 Brasil*, que permite a utilização do seu conteúdo desde que citada a fonte, e foi desenvolvido na plataforma gratuita “blogger”, de propriedade do *google*.

¹¹ *Gadgets* traduzem-se por dispositivos ou instrumentos. No caso dos blogs são dispositivos de informações, destinados a um tema específico, que se inserem na interface do blog. Como por exemplo, no blog “Educação Física Escolar e capoeira: aula possível” existem os *gadgets*: “Fotos e desenhos”; “Busca”; “Inscreva-se”, dentre outros.

7.1.2 Planos de Aula

Estão disponíveis, no blog, seis planos de aula (APÊNDICE E) – dos quais o primeiro (Quadro 14) segue, abaixo, como exemplo -, considerando um período letivo, que na EFE deve ser dividido com outros temas da cultura corporal. Lembrando que é apenas uma sugestão para que os professores possam transpor didaticamente e adaptá-lo às suas necessidades e contexto, utilizando da maneira que lhe convier.

Quadro 14: Plano de aula 1.

AULA 1:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar a ginga, a bênção e meia-lua-de-frente. Conhecer/discutir/refletir sobre o que é a capoeira.	
- Roda de conversa: Para esta primeira aula leve algumas figuras da capoeira que estão disponíveis aqui mesmo no blog que podem ser impressas e coladas na parede antes que os alunos cheguem na sala de aula. Se for possível, passe slides com fotos e/ou um pequeno vídeo com o objetivo de demonstrar e discutir sobre o que é a capoeira evitando confusão e possíveis preconceitos religiosos muito comuns entre os alunos (texto de apoio no ícone “A Capoeira – (SILVA, 2012)”, neste blog). Pergunte para os alunos se conhecem a capoeira; o que acham que faz parte da capoeira; se já assistiram alguma apresentação; se alguém já a vivenciou. Vá montando uma lista com eles sobre tudo o que acham que faz parte do contexto da capoeira para discutir no final da aula.	
- Vivências: - Divida os alunos em duplas. Cada dupla terá um giz nas mãos e irão desenhar, cada um o triângulo do outro, no chão. Cada ponto da base deste triângulo deve ser desenhado onde os pés estiverem na posição de base da ginga: o primeiro aluno fica de pé, com as pernas um pouco afastadas e o outro irá fazer um pequeno círculo em volta de cada um dos pés do primeiro. Em seguida o professor solicita que este aluno desloque uma de suas pernas para trás e tente permanecer em equilíbrio nesta posição. O segundo aluno irá desenhar o terceiro ponto que formará o triângulo. Após todos os alunos terem seus triângulos desenhados o professor ensina a dinâmica da ginga. - Mostre as figuras da ginga, da bênção e da meia lua de frente. Solicite aos alunos que realizem estes movimentos da maneira que estão percebendo. Bênção. Faça com os alunos um varal com folhas de rascunho penduradas na altura da cintura. Solicite que, se desloquem lateralmente e tentem, da base da ginga, empurrar as folhas com o pé (chute frontal, pé flexionado). A perna é estendida totalmente, empurrando as folhas. Meia-lua-de-frente. peça aos alunos que imaginem desenhar uma meia lua, a sua frente, com a perna que está atrás, vindo para frente e retornando. Agora dificulte um pouco solicitando que ginguem e realizem a meia-lua-de-frente, para os dois lados. - Faça uma brincadeira de pega-pega, na qual para não serem pegos, eles deverão realizar um dos três movimentos aprendidos.	
- Roda Final: Discuta com os alunos sobre tudo o que foi visto e discutido na aula. Pergunte se acham que o que realizaram na aula faz parte da capoeira; suas opiniões sobre a capoeira ser luta, jogo, brincadeira, etc; Explique os motivos pelos quais a capoeira comporta estas definições. Monte, em conjunto com eles, uma definição própria da capoeira (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007). - Solicite uma pesquisa para a próxima aula sobre a trajetória história da capoeira (texto de apoio no ícone “Histórico” – (SILVA, 2012), neste blog), que será discutida na 2ª aula.	

7.1.3 Vídeos

Como o título sugere, aqui estarão disponíveis *links* para vídeos na internet, assim como lista de “sugestão de filmes” sobre o tema.

a) Sugestão de vídeos:

- SAI PIRANHA, 2010. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Uy76fasrvMI>>. Acesso em 15 jan. 2012.

- MOVIMENTOS DA CAPOEIRA 1, 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L9SSMLij9hc&feature=related>> Acesso em: 18 jan. 2012.
- MOVIMENTOS DA CAPOEIRA 2, 2010. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=sGj0lOXl2u8&feature=related>. Acesso em: 18 jan. 2012.
- DOCUMENTÁRIO CAPOEIRA. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/tv/materias/BRASILIDADE/421809-CAPOEIRA.html>. Acesso em: 19 jan. 2012.
- O FIO DA NAVALHA, 2007. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=m1xs-QansJM&feature=mfu_in_order&list=UL>. Acesso em: 30 jan. 2011.

b) Sugestão de filmes:

- Mestre Bimba, a capoeira iluminada (2005). Luiz Fernando Goulart.
- Pastinha, uma vida pela capoeira (1999). Antônio Carlos Muricy.
- Maré capoeira (2005). Paola Barreto.
- Besouro (1999). João Daniel Thikormiroff.

7.1.4 Sites

Neste tópico serão disponibilizados sites e blogs relacionados ao tema Educação Física Escolar e Capoeira.

- Brincadeiras de capoeira: www.brincadeiradeangola.com.br
- Músicas de capoeira: <http://www.letras.com.br/capoeira>
- blog: <http://musicasdecapoeira.wordpress.com/>
- Cronologia e documentos históricos:
http://www.capoeira-palmares.fr/histor/index_pt.htm#p1
- FICA (Federação Internacional de Capoeira): <http://www.capoeira-fica.org/>
- www.portalcapoeira.com.br

7.1.5 Músicas

A música na roda capoeira tem papel fundamental, pois dá ritmo e animação, reaviva a memória histórica, mantendo suas tradições, além de promover princípios éticos a serem respeitados durante a roda (VEIRA, 1995).

A) Ladainha: em geral, retratam a condição do negro escravo e sua luta pela libertação:

*Às vezes me chamam de negro,
Pensando que vão me humilhar
Mas o que eles não sabem é que só me fazem lembrar
Que eu venho daquela raça, que lutou pra se libertar
Que criou o Maculelê
E acredita no camdomblé
E que tem um sorriso no rosto
A ginga no corpo
E o samba no pé
Que fez surgir de uma dança
Luta que pode matar
Capoeira, arma poderosa
Luta de libertação
Brancos e negros na roda se abraçam como irmãos
Perguntei ao camará, o que é meu?
É meu irmão! (coro)
Ô, meu irmão do coração, camará
É meu irmão! (coro)
Ô Camará o que é meu?
(autor desconhecido)*

B) Canto corrido: chama a atenção daquele que é visitante na roda e que por algum motivo quer jogar de uma forma mais violenta ou inadequada. Este tem função ética, chamando a atenção do capoeirista para que a mantenha durante o jogo:

*Voa baixo pavão, voa baixo pavão,
Aqui não é seu terreiro, nem também o seu sertão...
(domínio público)*

C) Cânticos que refletem a superação da condição dos negros oprimidos (FALCÃO, 2005):

Escorregar não é cair, é um balanço que o corpo dá...
(domínio público)

*Passarinho que come pedra
Sabe o estômago que tem
Cada macado no seu galho
É um ditado que convém*
(domínio público)

D) Músicas que refletem a discriminação que acontecia contra as mulheres capoeiristas: por ser um meio marcadamente masculino e que ainda são cantadas nos dias de hoje (FALCÃO, 2005). Não há como afirmar que este preconceito tenha mudado, o que mudou é que o número de mulheres que praticam capoeira aumentou significativamente nos últimos anos, apesar de ainda ser pequeno o número de Mestras de capoeira:

*Se essa mulher fosse minha, eu tirava da roda já, já
Dava uma surra nela que ela gritava... chega!
Se essa mulher fosse minha, eu lhe ensinava a viver
Dava mamão com farinha semana inteirinha pra ela comer...*
(domínio público)

*A mulher e a galinha são dois bichos interesseiros
A galinha pelo milho e a mulher pelo dinheiro*
(domínio público)

*Mulher pra mim tem que ter manter a estiva
Tem que jogar capoeira, ser boa, gostosa e bonita
Bicho bom o que é... É mulher*
(domínio público)

E) Músicas que enaltecem as mulheres capoeiristas:

*Ai, ai Aidê! Olha joga bonito que eu quero ver.
 Ai, ai Aidê! Olha joga bonito pra mim aprender.
 Ai, ai Aidê! Olha joga bonito que pra mim é um prazer.
 Ai, ai Aidê! Olha joga bonito, cantei pra você!
 (domínio público)*

F) Músicas que representam a presença das crianças na roda:

*Olha chora menino! nhem, nhem, nhem
 O menino chorou! nhem, nhem, nhem
 É por que não mamou! nhem, nhem, nhem
 Cala a boca menino! nhem, nhem, nhem
 É menino chorão! nhem, nhem, nhem
 (domínio público)*

G) Cantos corridos tradicionais que provocam animação na roda:

*Oi sim, sim, sim
 Oi não, não, não
 Mas hoje tem, amanhã não
 Mas hoje tem, amanhã não
 Oi sim, sim, sim
 Oi não, não, não
 (domínio público)*

*Dona Maria, como vai você?
 Como vai você? Como vai você?
 Dona Maria como vai vosmecê?
 Joga menino que eu quero ver
 Dona Maria como vai vosmercê?
 (domínio público)*

*Camugerê, como tá, como tá?
 Camugerêeee!*

*Como vai vosmecê?
 Camugerêeee!
 Eu vou bem de saúde
 Camugerêeee!
 (domínio público)*

*Abalô capoeira, abalô
 Mas se abalô deixa abalá
 (domínio público)*

Sobre este cântico, especificamente, o participante 5, desta pesquisa, Mestre de capoeira, conta o seguinte fato curioso.

Tem uma música que a gente canta na capoeira: "...abalô capoeira, abalô..." e essa musica na verdade, é assim: "...abalô cachoeira, abalô...", aí ele foi explicar porque. Aí falou que em 1930 teve lá um... não! Em 1920, teve uma proibição dos terreiros, né; os terreiros de candomblé e tal, lá na Bahia. Aí teve a maior confusão porque era uma cidade que tinha muitos terreiros e a cidade era chamada de cachoeira e depois teve uma quase revolução lá! Aí a música foi em homenagem a isso...; "...abalô Cachoeira, abalô...", aí nisso foi trazido pra dentro da capoeira (Participante 5).

H) Cântico que, em geral, é utilizado para finalizar a roda:

*Oi adeus, adeus
 Boa viagem!
 Eu vou membora,
 Boa viagem!
 Eu vou, eu vou,
 Boa viagem!
 Eu vou agora,
 Oi adeus!
 Adeus, adeus!
 (domínio público)*

7.1.6 Instrumentos

No blog, foi disponibilizada a página “Instrumentos” que discorre sobre o a confecção do atabaque e do caxixi artesanais. Para o berimbau, devido a sua importância para a capoeira e, naturalmente, ter uma possibilidade de maior procura, foi construída uma página exclusiva, tornando o tema mais acessível.

7.1.6.1 Atabaque artesanal

O atabaque artesanal é muito simples e auxilia na preservação do meio ambiente. Sugere Lopes (2011) que seja utilizado um recipiente cilíndrico grande, de tamanho variando entre 30 a 100 cm, como um balde plástico, por exemplo, ou um galão de alimento que já está fora de uso. O autor ressalta que todo recipiente a ser utilizado deve ser bem limpo, ficando livre de resíduos e odores.

Lembra-se ainda dos cuidados em verificar se não há nenhum tipo de rachadura ou pedaços pontiagudos do plástico que possam vir a machucar quem irá manusear o futuro instrumento. Caso isso ocorra utilize uma lixa de parede para raspá-lo. Também cuide para retirar a alça do balde e seu atabaque está pronto para ser tocado.

7.1.6.2 Caxixi de material reciclável

Segundo Lopes (2011) para fazer o caxixi são necessários os seguintes materiais:

- . Garrafas de refrigerante pequenas;
- . Fita adesiva;
- . Pedrinhas pequenas, feijão, arroz, conchinhas do mar;
- . Barbante ou grampos de grampeador;
- . Tesourinha.

Recorte a garrafinha ao meio para utilizar a parte de baixo. Coloque as pedrinhas dentro e encaixe uma outra parte de baixo de uma segunda garrafa; passe fita adesiva em volta. Com as partes que sobraram vá cortando tiras de mesma largura que servirão para as alças dos caxixis. Pegue uma alça e cole de um lado a outro da parte de cima de seu caxixi bem firme para não sair, deixando uma largura que dê para passar os dois dedos que irão segurá-lo.

7.1.6.3 Berimbau

Para fazer o berimbau serão necessários os seguintes materiais:

- . um cano de pvc que neste caso específico será de 1.50m, mas ele pode ser menor ou maior;
- . arame galvanizado de fazer cerca, fino e flexível, 2.00m, aproximadamente;
- . alicate de corte e alicate comum;
- . um prego;
- . um cadarço de tênis, em algodão, para não escorregar no pvc, ou cordão grosso;
- . uma garrafa pet de 2L, vazia e lavada para a cabaça;
- . um palito de churrasco ou caneta vazia para a baqueta;
- uma pedra ou uma moeda.

Faça um furo em cada uma das extremidades traseiras do pvc, com o prego quente, segurando-o com o alicate comum. Esta será a verga do berimbau. Em um dos furos será amarrada uma ponta do arame com cuidado para não deixar pontas. Na outra extremidade do arame faça um nó que deixe um laço, no qual você amarrará o cadarço (reserve uma parte deste para a cabaça – 20cm). Esta parte será passada no outro furo feito no pvc (parte de cima) esticando bem o arame para que fique bem preso e dê o som necessário. Em seguida, segure com uma das mãos o arame para não soltar e dê algumas voltas, com o cadarço, em torno do pvc e amarre bem.

Corte a parte debaixo da garrafa pet com cuidado para não deixar pontas que possam machucar depois e faça dois furos com o prego quente no fundo dela com uma distância de aproximadamente 3cm. Perpasse a outra parte do cadarço em um e outro furo, e amarre-o firmemente, deixando um espaço para que possa ser encaixado na verga (pvc). Em seguida, introduza a cabaça pelo cadarço, na verga de seu berimbau, com a parte da garrafa encostada no pvc. É necessário que fique bem justo e não tome muito espaço da verga.

Pegue sua baqueta de palito de churrasco ou uma caneta vazia, a pedra ou a moeda e já pode tocar seu berimbau.

7.1.6.4 Pauta para tocar berimbau

As pautas para tocar berimbau foram desenvolvidas por Mestre Zulu, em seu livro *Idiopraxis de capoeira*, de 1995, baseadas em pautas de notas musicais que se utiliza para tocar qualquer instrumento.

Desta forma, as figuras com os toques Angola (Figura 12), São Bento Pequeno (Figura 13), e São Bento Grande (Figura 14), foram adaptadas para esta pesquisa daquelas desenvolvidas por Mestre Zulu, que passam a ser descritas, a seguir, assim como os toques, o tipo de jogo e a legenda correspondente.

a) O toque de angola (Figura 12) é lento e o jogo, de mesmo nome, acompanha o mesmo ritmo do berimbau.

O toque: 2 chiadas, 1 solta, 1 presa, caxixi.

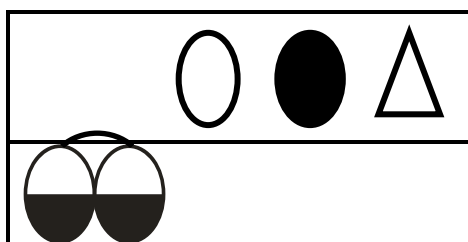


Figura 12: Toque angola.

b) O toque São Bento Pequeno (Figura 13) é de ritmo médio, o jogo denomina-se São Bento Pequeno, mais rápido do que o jogo de angola com a predominância de coreográficos, podendo utilizar-se de movimentos rasteiros e altos.

O toque: 2 chiadas, 1 presa, 1 solta, caxixi.

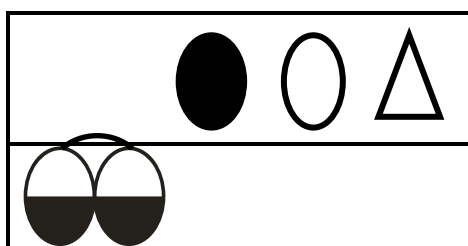


Figura 13: Toque São Bento Pequeno.

c) O toque São Bento Grande (Figura 14) é de ritmo rápido, o jogo denomina-se “alto-ligeiro” (ZULU, 1995) e os golpes mais utilizados, preferencialmente, são os rodados.

O toque: 2 chiadas, 1 presa, 2 soltas.

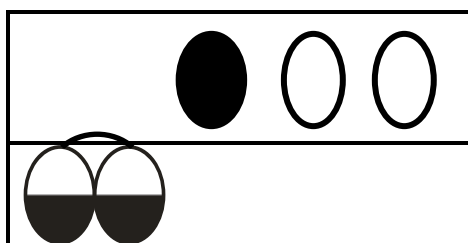


Figura 14: Toque São Bento Grande.

d) LEGENDA:

d1: SOLTA ○ : a pedra ou dobrão não tocam no arame do berimbau, somente é dada uma batida, no arame, com a baqueta.

d2: PRESA ● : a pedra encosta fortemente no arame, prendendo-o e, ao mesmo tempo, a baqueta dá uma batida forte no arame, um pouco acima de onde a pedra está sendo presa.

d3: CHIADA ◐ : a pedra apenas encosta no arame e, ao mesmo tempo, a baqueta dá uma batida no arame, um pouco acima de onde a pedra está sendo encostada, provocando um som chiado (*tchi-tchi*).

d4: CAXIXI: △

7.1.6.5 Imagens

Esta página do blog disponibiliza diferentes imagens, baseadas em desenhos, do jogo da capoeira, ginga, golpes, coreográficos, esquivas, movimentação rasteira, projeção e desequilibrantes que podem ser copiados e utilizados didaticamente pelos professores no desenvolvimento da capoeira em suas aulas, como se pode visualizar nas Figuras dos fundamentos descritos a seguir.

a) Jogo da capoeira:

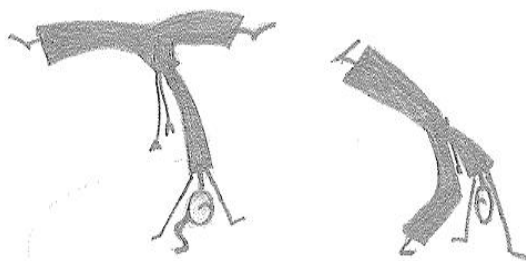


Figura 15: Jogando capoeira A.
Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 16: Jogando capoeira B.
Fonte: Criação e desenho da autora.

b) Ginga:



Figura 17: Ginga: Movimento básico da capoeira.
Fonte: Criação e desenho da autora.

c) Golpes:



Figura 18: Bênção.
Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 19: Meia-lua-de-frente.
Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 20: Martelo.
Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 21: Chapa-lateral.
Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 22: Queixada.

Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 23: Rabo-de-arraia.

Fonte: Criação e desenho da autora.

d) Coreográficos:

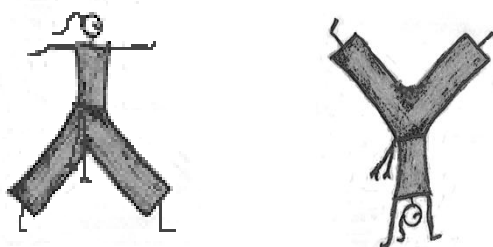


Figura 10: Aú.

Fonte: Criação e desenho da autora.

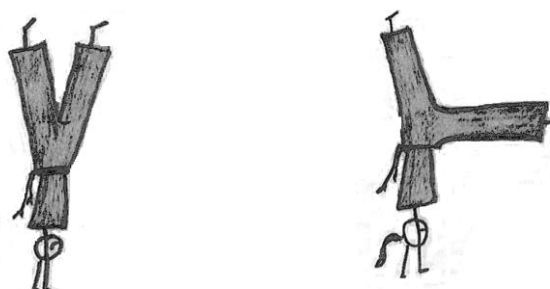


Figura 24: Bananeira.

Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 25: Bananeira-de-angola.
Fonte: Criação e desenho da autora.

e) Esquivas:



Figura 26: Esquiva lateral.
Fonte: Criação e desenho da autora.

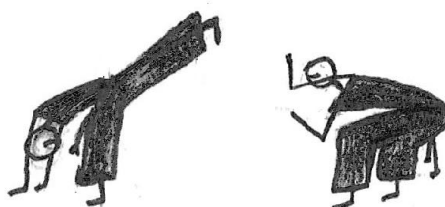


Figura 27: Cocorinha.
Fonte: Criação e desenho da autora.

f) Movimentação rasteira:

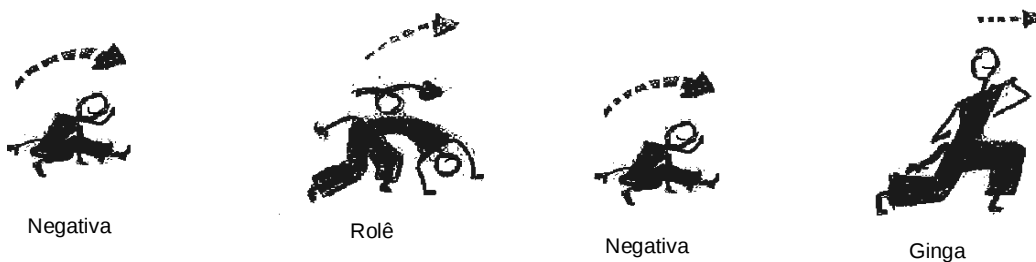


Figura 4: Negativa e rolê.
Fonte: Criação e desenho da autora.

g) Projeção:



Figura 5: Tesoura-de-costas.

Fonte: Criação e desenho da autora.

h) Desequilibrantes:



Figura 6: Boca-de-calça.

Fonte: Criação e desenho da autora.



Figura 7: Banda-de-frente.

Fonte: Criação e desenho da autora.

A “Lista de Artigos” (ANEXO B) e o “Histórico” (subcapítulo 2.1) também estão disponíveis, cada um em sua respectiva página temática do blog.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso medo mais profundo é nossa luz, não nossa escuridão que mais nos assusta...
Nosso medo mais profundo não é o de sermos inadequados...
Nosso medo mais profundo é que somos poderosos além da medida.

(Marianne Williamson - **Nelson Mandela** usou esse texto em um de seus famosos discursos).

Nesse momento de nossas reflexões finais, reportamo-nos ao que nos impulsionou a realizar esta pesquisa: a presença ainda insatisfatória da capoeira nas aulas de Educação Física, apesar de ser uma prática corporal genuinamente brasileira, e, a necessidade do desenvolvimento de endereços eletrônicos informacionais que sejam resultados de pesquisas, uma vez ser a internet uma significativa fonte de informação da atualidade.

Pode-se inferir da análise dos resultados deste estudo que a sua finalidade e objetivo foram alcançados, pois foi possível pesquisar as necessidades e interesses dos professores de Educação Física, com relação à utilização da capoeira em suas aulas, para que possibilitasse a sua aplicação, na Educação Física Escolar (EFE), disponibilizando em um blog material didático-pedagógico com este propósito.

No sentido de encontrar respostas e embasamento para esta pesquisa, buscou-se, inicialmente, por meio de uma revisão de literatura, investigar sobre a Capoeira, a Educação Física Escolar e as Tecnologias da Informação e Comunicação.

Dentre outras informações, percebeu-se que a quantidade de pesquisas com enfoque sociocultural, relacionadas à capoeira, se sobrepõem aos estudos que vêm sendo publicados sob o enfoque pedagógico. O que também ocorre com a Educação Física Escolar; situações preocupantes que precisam ser revertidas com mais estudos e trabalhos na área.

E o mesmo acontece em relação às publicações científicas sobre Capoeira, Educação Física Escolar e Tecnologias, que ainda são poucas e incipientes demonstrando, também, a necessidade de novos estudos envolvendo o uso das

tecnologias no ambiente escolar, uma vez que as mesmas fazem parte da sociedade contemporânea.

Após estas constatações iniciais, procurou-se desvelar, em dois grupos focais, as opiniões de 9 professores e alunos em processo de formação em Educação Física, com e sem experiência em capoeira, sobre os conhecimentos necessários em sua prática pedagógica para inserirem, em suas aulas, a capoeira, sendo a mesma um dos temas da cultura corporal, objeto de estudo da área.

Além de responderem os questionamentos centrais deste trabalho, os participantes também comentaram sobre alguns conteúdos relevantes. Ao analisar suas falas, foi possível constatar que é importante que a capoeira esteja na escola, sob a responsabilidade dos profissionais da Educação, e que o ideal é que seja desenvolvida nas aulas de Educação Física para que todos os alunos tenham acesso e possam conhecê-la, reproduzi-la e usufruir de seus benefícios.

Constatou-se também, que a capoeira, apesar de ter sido reconhecida como patrimônio da cultura brasileira, tornando-se um dos ícones de identidade deste país; ser praticada por milhões de brasileiros e difundida internacionalmente; e de ser sugerida por muitos autores da Educação Física como um dos temas a serem desenvolvidos pelos professores; ainda não está presente de forma satisfatória nas aulas de Educação Física.

Percebeu-se que, de acordo com as falas dos participantes desta pesquisa, dentre outros, os fatores que excluem a capoeira das aulas de Educação Física são a insegurança dos professores em ministrá-la e a discriminação religiosa com relação à capoeira. Inferiu-se, a partir daí, que o ideal é que eles tivessem vivenciado a capoeira como praticante e como aluno em sua fase escolar, e ainda, que tivessem cursado como disciplina em sua formação acadêmica, pois seria de fundamental importância para que adquirissem conhecimento e segurança para desenvolvê-la.

A não vivência da capoeira na fase escolar e o não oferecimento da disciplina da capoeira na graduação foram observados nas pesquisas realizadas em relação a currículos dos cursos de Educação Física das Universidades do Nordeste e nas

Propostas Curriculares Estaduais. Alguns currículos não prevêm a disciplina como obrigatória, e nas propostas, embora seja sugerida, percebe-se que é dada pouca ênfase à capoeira, o que, possivelmente, influencia na sua pouca utilização nas escolas.

Neste sentido, sugere-se, como uma das medidas que podem contornar este problema, que a capoeira seja incluída como disciplina obrigatória nos currículos dos cursos de Educação Física o que, provavelmente, unido a outros fatores, possibilitará que os professores de EFE a utilizem em suas aulas.

Considera-se, ainda, que é necessário ao professor de Educação Física estar ciente e consciente do que é a capoeira, respaldando-se teoricamente, para estar apto a explicar à comunidade escolar e, principalmente aos seus alunos, acerca do que é a capoeira, seus objetivos, suas raízes, dentre outros.

A capoeira apresenta um legado que se originou das etnias africanas, assim como algumas religiões existentes, no Brasil, que também foram herdadas dos negros africanos. Destarte, tendo esta mesma origem, suas características se aproximam e muitas vezes se associam, porém a capoeira não é uma religião, devendo ser abordada na escola no sentido de contribuir para que ela seja praticada por todos.

Foi possível ainda identificar os conhecimentos necessários aos professores de EFE, acerca da capoeira, e que tipo de apoio necessitam, para inseri-la como conteúdo de suas aulas. Neste sentido, é imprescindível iniciar pela sistematização dos conteúdos da capoeira, para que estes sejam organizados e selecionados, apontando o quê e em que ordem este tema deve ser abordado na escola, uma vez ser uma temática de assuntos extensos e diversificados.

Os materiais didáticos também foram apontados como necessários, pois auxiliam os professores nos processos de ensino e de aprendizagem, em todas as suas fases, dando-lhes suporte, sendo estes indicados como: Planos de aula; Filmes e vídeos; Músicas; Instrumentos musicais; e, Imagens.

Os professores e alunos em processos de formação concordaram, ainda, com a utilização do blog como material didático, enquanto facilitador do ensino da capoeira, por ser considerado como ferramenta tecnológica de fácil usabilidade, ou seja, tem facilidade e praticidade para a realização de uma determinada tarefa, com eficácia e simplicidade, sendo utilizados por professores, pois podem compartilhar informações e conhecimentos com seus pares e alunos.

Neste sentido, os blogs podem ser utilizados de diferentes formas no contexto escolar. Podem ser criados pelos professores servindo de apoio para o acompanhamento e andamento de suas aulas junto aos alunos. Podem também, ser criados pelos alunos, coletivamente, e cada turma ter o seu próprio com suas experiências, na escola, como a realização de pesquisas, servindo como mediador pedagógico, dentre outras possibilidades.

Nesta pesquisa, desvelou-se um dado curioso: professores experientes ou não em capoeira e em EFE, apontaram para a busca dos mesmos conhecimentos, e para as mesmas necessidades, com relação ao ensino da capoeira na escola. Em geral, professores iniciantes têm um certo medo do “novo”, e os experientes possuem confiança e competência pedagógica para desenvolver diferentes assuntos, pois já estão mais habituados ao contexto escolar, embora isto não tenha sido percebido na pesquisa.

De acordo com Zabala (1994) o trabalho dos professores traz uma perspectiva da sua própria prática, em geral: incerteza, instabilidade, singularidade, conflito de valores, não separando o autor, os professores iniciantes dos iniciados, ou seja, estas situações se repetem em toda a sua vida profissional, provavelmente porque cada turma, disciplina ou tema novos, requerem novas dinâmicas, metodologias e aprendizados contínuos.

O que vem comprovar a necessidade de estudos e criação de materiais (como o blog, por exemplo) que auxiliem os professores em seu fazer didático, subsidiando e incentivando, neste caso, o ensino da capoeira, nas aulas de Educação Física.

O professor trabalha em um contexto indeterminado e imprevisível, e se espera que ele seja capaz de considerar todas as variáveis que intervêm nas suas

ações para adaptá-las. Assim, o professor se aproxima das ferramentas didáticas e as utiliza da forma que lhe convier, de acordo com seu contexto e necessidades, transpondo-as para sua realidade, utilizando toda a sua criatividade.

Portanto, utilizar-se da facilidade do blog para construir conhecimento, criando e recriando ideias, discutindo e refletindo com seus pares, por meio da internet é uma característica da atual sociedade da informação, composta por seres humanos profundamente influenciados pelas tecnologias.

Acredita-se que, a partir destas discussões, interações e, conseqüentemente, aprendizados que serão possibilitados pelo blog, novas ideias de aplicação da capoeira, na escola, poderão acontecer, congregando diversas temáticas que a fundamentam, contribuindo assim, para o desenvolvimento de seus estudos.

Deste modo, após análise das opiniões dos participantes e do que sugerem os autores pesquisados, foi desenvolvido o blog “Educação Física Escolar e Capoeira: aula possível”, disponível no endereço eletrônico <http://www.educacaofisicaescolarecapoeira.blogspot.com>, com a finalidade de auxiliar os professores de Educação Física, na inserção da capoeira como tema de suas aulas, na escola.

O conteúdo do blog foi selecionado e disponibilizado visando permitir a sua recuperação e utilização, sendo desenvolvido seguindo os parâmetros da Ciência da Informação, que dentre outras áreas de pesquisa, trata da organização e tratamento da informação em qualquer suporte, seja em papel ou eletrônico, sendo também observadas as recomendações, no que diz respeito à área de *web designing*.

Baseando-se nestas premissas, o leiaute do blog foi configurado visando a sua simplicidade e a sua usabilidade, com as informações pertinentes aos resultados da demanda levantada, seguindo a ordem de importância do ponto de vista do professor – usuário – e suas necessidades – demandas.

Assim, os temas principais, disponíveis na direção dos olhos do internauta e da esquerda para a direita, são: **Histórico; Planos de aula, Sistematização; Vídeos; Sites; Músicas; Instrumentos; Berimbau; Artigos; Imagens**. Há ainda o

ícone **Sobre**, que informa ao público acerca do objetivo do blog, que deve ficar claro para os visitantes.

Vale ressaltar que todos estes ícones estão há apenas um clique da informação que se procura, ou seja, caso o professor esteja buscando planos de aula para a capoeira, ele irá clicar neste ícone e rapidamente os planos aparecerão na tela. Além disso, os vídeos, artigos, filmes e sites que são indicados, também estão acessíveis a partir de um clique, pois seus enunciados fazem um link direto com os sites que os hospedam, abrindo uma nova página para estes, com rapidez e eficácia.

O blog disponibiliza o seguinte conteúdo: o histórico da capoeira; suas possibilidades conceituais; lista de referências sobre a capoeira e a EFE; sistematização da capoeira para a EFE; materiais didáticos (planos de aula, indicação de filmes, vídeos, sites e referências bibliográficas, músicas de capoeira e seus significados, pauta para tocar berimbau, fotos e figuras); além do espaço para os visitantes deixarem suas postagens e compartilhar o conteúdo em suas redes sociais.

As figuras foram criadas com simplicidade e leveza buscando-se ser o mais didática possível, para permitir a sua compreensão temática por profissionais da área e estudantes. Buscam, dentro do possível, a representação sógnica do prazer de realizar os movimentos em harmonia consigo mesmo, com o outro, com a música e com todo o contexto que envolve a prática da capoeira, perceptível enquanto significante - representação subjetiva - de cada capoeirista.

Durante o processo de elaboração do blog foi possível constatar que, produzir um blog científico, organizado a partir das recomendações da literatura, com links apropriados, rápidos, de construção lógica, não é fácil. Muitas foram as tentativas e erros na diagramação e na editoração, algumas com sucesso outras nem tanto.

Para ultrapassar estes limites seria necessário uma equipe de pesquisadores multidisciplinares, que permitisse estudos acerca da linguagem técnica dos códigos HTML, ou ainda, a contratação dos serviços de um profissional da *web designing* ou técnico em informática que poderia produzir diferentes *templates* (desenho do blog), com múltiplos recursos de cores, fotos e disponibilização de mais ícones e links, que

estão disponíveis em plataformas não gratuitas. O que se pretende realizar na continuação desta pesquisa.

Não se tem a pretensão, com esta pesquisa, de esgotar e de generalizar o tema aqui discutido. Assim, sugere-se que trabalhos futuros, possam ser realizados, inclusive em outras regiões do país, para que os professores possam manifestar suas opiniões e necessidades quanto à interface entre Tecnologias da Informação e da Comunicação e Capoeira. Posteriormente, os resultados destes estudos poderão ser relacionados podendo emergir uma proposta de sistematização dos conteúdos da capoeira, assim como de outros temas da cultura corporal para a EFE.

Portanto, os estudos aqui iniciados serão continuados, principalmente com relação ao blog construído, com novas postagens, revisão frequente de seu conteúdo, e, fomento dos encontros virtuais com o público interessado, para discussão de temas pertinentes à área.

Além disso, em breve oportunidade, será realizada a avaliação do blog junto a professores de Educação Física que o utilizem em suas aulas, e ainda, por professores do ensino superior que possam fazer uso deste na graduação e na pós-graduação.

Este estudo aponta para a relevância de se estudar a capoeira, principalmente com enfoque pedagógico, entendida como uma significativa prática corporal brasileira, que deve ser vivenciada na Educação Física, por todos, devido as suas importantes contribuições no que diz respeito à educação e à formação de indivíduos, e, em respeito ao direito do aluno de conhecer, usufruir e transformar toda e qualquer forma de manifestação da cultura corporal brasileira.

Aponta, ainda, que diferentes pesquisas devem ser apoiadas e financiadas no que diz respeito à Educação Física Escolar e o uso das tecnologias pelos professores da área. Estes se manifestam a favor de utilizá-las, porém ainda não sabem “como” usá-las em suas aulas, apesar de estarem mergulhados em uma sociedade impregnada pelas tecnologias e, aparentemente, as empregarem cotidianamente em sua vida particular e até mesmo para prepararem suas aulas.

Assim sendo, há uma expectativa de que os professores, alunos em formação e capoeiristas utilizem o blog e seus conteúdos como instrumentos didáticos, contribuindo, neste sentido, para a formação e desenvolvimento humanos, apoiados pela tecnologia, pois “ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida aos seus próprios olhos.” (FORQUIN, 1993, p.09).

REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado da Educação. **Orientações curriculares para o ensino fundamental**: Caderno 1 - Educação Física. Acre, 2010.

ABIB, P. R. J. **Capoeira angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

ABREU, F. J. **Capoeiras Bahia, século XIX**. Imaginário e documentação. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005. 170 p.

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte SEE/AL. **Referencial curricular da educação básica para as escolas públicas de alagoas**. Alagoas, 2010.

ALMEIDA, R. C. A. **A saga de mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 2002. 201 p.

ARROYO, M. A. **Experiências de inovação educativa**: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F. B. (Org). **Currículo**: políticas e práticas. Campinas: Papirus, 1999.

AULETE, F. J. C. **Aulete digital**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em: < <http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em 15 fev. 2012.

BANDURA, A. Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.2, p. 128-163, 1990.

BANDURA, A. Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. **Educational Psychologist**. v. 28, p. 117-148, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1. ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 167-177, 1999.

BARNI, M.; SCHNEIDER, E. J. **A educação física no ensino médio**: relevante ou irrelevante? Florianópolis: Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-02.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

BENTO, C.C.; GONÇALVES JUNIOR, L.; CARMO, C. S.; COLOCCA, E. A. A prática social de jogos de origem ou descendência africana: educação para e nas relações étnico-raciais. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, nov. 2011.

BETTI, M.; FERRAZ, O. L.; DANTAS, L. E. P. B. T. Educação Física Escolar: estado de arte e direções futuras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 25, n. esp., p. 105-15, dez. 2011.

_____. **A Janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas: Papirus, 1998.

_____; BETTI, I. C. R. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Motriz**, v. 2, n. 1, p. 10-15, jun. 1996.

BIANCHI, P.; PIRES G. L. Possibilidades para o ensino-aprendizagem com TICS na Educação Física Escolar: uma experiência com blogs. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 45 - 55, 2010.

BITTENCOURT, C. F. **Livros didáticos de história: práticas e formação docente.** In: SANTOS, L. et al (Orgs.). **Convergências e tensões no campo do trabalho docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 544-563.

BORBA, M.; MALHEIROS, A. P. S.; ZULATTO, R. B. A. **Educação a distância online.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social.** 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

_____. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, v.19, n.48, ago. 1999.

BRAGA, A. A. **Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

BRANDÃO, M. L. **Manual para publicação científica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

BRASIL. Lei nº. 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.** Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 3º e 4º ciclos.** Brasília, 1998. v. 7.b.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais Mais: Linguagens, Códigos e suas tecnologias.** Brasília: MEC; SEMTEC, 2003.

CAMPOS, H. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência.** Salvador: SCT/ EDUFBA, 2001. 184p.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: o pequeno manual do jogador.** São Paulo: Ground, 2010.

CAPOEIRA FIGHT, 2006. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KMx9KKzG4-0&feature=related>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da capoeira bahiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. Brasília: Ministério do Esporte/1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010. 224p.

CASTRO FILHO, J. A. Linguagens Midiáticas e Comunicação em EaD. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 79, p. 47-58, 2008.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Coleção Escola Aprendente: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Educação Física. v. 2, Fortaleza, 2008.

CHOPPIN, A. Los manuales escolares de ayer a hoy: un ejemplo de Francia. **História de La Educación**, Salamanca, n. 19, 2000, p.13-37.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

COSTA, L. (Org.) et al. Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/173.pdf>. Acesso em: 16 ago 2010.

DAOLIO, J. **A cultura da/na Educação Física**. 2002. 112 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2007.

DARIDO, S. C. A avaliação em Educação Física Escolar: das abordagens á prática pedagógica. In: Seminário de Educação Física escolar, 5.,1999, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1999, p.50-66.

_____. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em educação física escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), p 5-25. 2001.

_____. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em educação física. V Simpósio Paulista de Educação Física. **Motriz**, v. 1, n. 2, p. 124-128, dez. 1995.

_____, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e ações. **Motriz**, v. 5, n. 2, p. 138-145, dez. 1999.

_____. IMPOLCETTO, F. M.; BARROSO, A. L. R.; RODRIGUES, H. A. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2, p. 450-457, abr./jun. 2010.

_____; RANGEL, I. C. A. (Coords). **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Educação Física no Ensino Superior).

_____; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física:** possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papirus, 2007.

_____. et al. A Construção de um livro didático na educação física escolar: discussão, apresentação e análise. In: PINHO, Sheila Zambel de. SAGLIETTI, José Roberto Corrêa. (Org.). **Núcleos de ensino**. 1 ed. São Paulo: Unesp – Publicações, 2008, p. 387-409.

DEMO, P. Aprendizagens e Novas Tecnologias. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, vol. 1, n.1, p. 53-75, ago. 2009.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Educação Básica Ensino Fundamental:** série anos finais. Distrito Federal, 2010.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria da Educação. **Currículo Básico Escola Estadual.** Vitória, 2009.

FALCÃO, J. L. C. **A capoeira na “roda” científica brasileira (1980 a 2006):** panorama e perspectivas da produção *stricto sensu* sobre a capoeira no Brasil. In: GONÇALVES, A. M. T. (Org). **Capoeira em perspectivas**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2012. p. 43-61.

_____. **O Jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

_____; SILVA, B. E. S.; ACORDI, L. O. Capoeira e os passos da vida. In: DAMIANI, I. R.; SILVA, A. M. (Orgs). **Práticas corporais**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005. p. 17-45.

_____. O Jogo da Capoeira em Jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.27, n.2, p 59-74, 2006.

FELTZ, D. L.; CHASE, M. A. The Measurement of Self-Efficacy and Confidence in Sport. In: DUDA, J. L. **Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement**. Purdue University: Book Crafters, 1998.

FIDALGO, F.; MACHADO, L. (Org.). **Dicionário da Educação Profissional**. Núcleo de estudos sobre trabalho e educação. Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, 2000.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo, Scipione. 1989.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005. 77 p.

GASPARI, T. C.; SOUZA JUNIOR, O.; MACIEL, V.; IMPOLCETTO, F. M.; VENÂNCIO, L.; ROSÁRIO, L. F.; IÓRIO, L.; TOMAZZO, A.; DARIDO, S. C. A realidade dos professores de educação física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 14, p.109 - 137, 2006.

GINGA ACROBÁTICA, 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=0aR8NxUzILE>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano**: currículo em debate matrizes curriculares. Goiânia, 2009.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 120 p.

GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**: Revista de Educação Física (Online), v. 15, p. 01-09, 2009.

GONZÁLEZ, F. J. Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (org). **O fenômeno esportivo**: ensaios críticos-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p.69-109.

GOULART, L. F. **Mestre Bimba, a capoeira iluminada**. Bahia: Lumen Produções. 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto, 1992.

HUI-MIN LAI; CHIN-PIN CHEN. Factors influencing secondary school teachers' adoption of teaching blogs. **Computers & Education**, v. 56, n. 4, p 948-960, maio 2011.

IBERSID - ENCUNTROS INTERNACIONALES SOBRE SISTEMAS DE INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN. 17. Zaragoza, Espanha. 2012. **Anais...** Universidad de Zaragoza: Scire: representación y organización del conocimiento. 2012.

IMPOLCETTO, F. M.; THOMAZZO, A.; BONFA, A. C.; BARROS, A. M.; SA, C. S.; BROUCO, G. R.; RODRIGUES, H.; TERRA, J.; IORIO, L. S.; VENANCIO, L.; ROSARIO, L. F.; SOUZA JUNIOR, O.; GASPARI, T.; BATTISTUZZI, V. M.; DARIDO, S. C. Educação Física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários sistematização dos conteúdos

da Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v. 6, n. 1, p. 89-109, 2007.

IÓRIO, L. S.; DARIDO, S. C. Educação Física, capoeira e Educação Física Escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v. 4, n. 4, p. 137-143, 2005.

IPHAN. **Parecer 031/08 – Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Salvador: 2008. Disponível em: <www.portal.iphan.gov.br>. Acesso em 05/10/2011.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007. 141 p.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003. 157 p.

KUNZ, E. **Educação física**: ensino & mudanças. Ijuí: Unijuí. 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. 152 p.

LAWSON, H. Beyond positivism: research, practice and undergraduate professional education. **Quest**, v.42, p. 161-183, 1990.

LERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LOPES, O. P.; **Capoeira**. In: DARIDO, S. C. (Org.). **Educação Física Escolar**: compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011. p. 94-150.

LUSSAC, R. M. P. A polivalência da multifacetada capoeira. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 142, mar. 2010. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd142/a-polivalencia-da-multifacetada-capoeira.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao treinamento esportivo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 308 p.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Educação Física**: 1º ao 9º ano. Maranhão, 2009.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado da Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso**.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Referencial para o Ensino Médio**: área linguagens, códigos e suas tecnologias. Campo Grande, 2003.

MATTHIESEN, S. Q.; DARIDO, S. C.; LORENZETTO, L. A.; IÓRIO, L. S.; RANGEL, I. C. A.; RODRIGUES, L. H.; NETO, L. S.; MOTA, E. V. S.; VENÂNCIO, L.; CARREIRO, E. A.; MONTEIRO, A. A.; GALVÃO, Z. Linguagem, Corpo e Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física**, v. 7, n. 2, p. 129-139, 2008.

MELO, V. T. T. A capoeira na escola e na educação física escolar. **Motrivivência**, n. 37, p. 190-199, 2011.

MELLO, A. S. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 8., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa. Disponível em: <http://br.oocities.com/capoeiranomade/A_historia_da_capoeira_na_perspectiva_da_cultura_corporal-Andre_Mello.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2011.

MENDES, D. S. Articulações entre lazer e mídia na educação física escolar. **Motrivivência**, n.31, p. 241-250, 2008.

MERCADO, L. P. L. Integração das mídias nos espaços de aprendizagem. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 79, p. 17-44, 2008.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Proposta Curricular: Educação Física Ensinos Fundamental e Médio**. Minas Gerais, 2009.

MIRANDA, L. V. T. Oficinas pedagógicas de blogs na educação física: um relato de experiência. **Motrivivência**, n. 34, p. 208-222, 2010.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MUNAKATA, K. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das ideias à materialidade. In: VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana. San Luís Potosí. **Anais do Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana**. ISBN 998-7727-87-X, 2003.

NASCIMENTO, P. R. B. **A capoeira no contexto da escola e da educação física**. 2005. 145 f. Dissertação (Mestre em Educação Das Ciências) - Departamento de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2005.

_____; FENSTERSEIFER, P. E. A inserção da capoeira nos espaços formais de educação: jogo de dentro/jogo de fora. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 12, n. 111, ago. 2007. Disponível em: <_____. Acesso em: 23 . 2012.

NIELSEN, Jacob. **Designing web usability**. Indianapolis: New Riders Publishing, 2000. 419 p.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

O FIO DA NAVALHA, 2007. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=m1xs-QansJM&feature=mfu_in_order&list=UL>. Acesso em: 30 jan. 2011.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**. Ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. 200 p.

OLIVEIRA, A. L. **Os significados dos gestos no jogo da capoeira**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Educação Física**. Paraná, 2008.

_____. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Educação Física: Ensino Médio**. Curitiba, 2006.

PEREIRA, R. S.; SILVA, M. R.; PIRES, G. L. Representações de corpo e movimento no ciberespaço: notas de um estudo etnográfico no jogo second life. **Licere**, v.12, n.2, 2009.

PERNAMBUCO. **Orientações teórico-metodológicas: educação física ensino fundamental e médio**. Pernambuco, 2008.

PESCUMA, D.; CASTILHO, A. P. F. **Projeto de pesquisa: o que é? Como fazer?** São Paulo: Olho D'água, 2010. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009.

RANGEL, I. C. A.; SILVA, E. V. M.; SANCHEZ NETO, L.; DARIDO, S. C.; IÓRIO, L. S.; MATTHIESEN, S. Q.; GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; LORENZETTO, L. A.; CARREIRO, E. A.; VENÂNCIO, L.; MONTEIRO, A. A. Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz**, v. 14, n.2, p. 156-167, abr./jun. 2008.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C., A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, v.11, n.3, p.167-178, set./dez. 2005.

RIBEIRO, D.S. As Tecnologias: do software livre às experiências com a Educação Física e Mídia. **Motrivivência**. n. 34, p. 87-105, 2010.

RIO DE JANEIRO. **Proposta Curricular: um novo formato educação física**. Rio de Janeiro, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular: Lições do Rio Grande. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Artes e Educação Física**. v. 2. Porto Alegre, 2009.

RONDÔNIA. **Referencial Curricular do Estado de Rondônia**. Educação Física: ensino fundamental. [s.d]

SANCHO, J. M. **Para uma tecnologia educacional**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Art Med. 1998.

SANTOS, C. F. C. A Mídia nas Aulas de Educação Física: Uma possibilidade. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. **Anais...** Recife, setembro de 2009.

SANTOS, G. O. **Da Capoeira e a Educação Física**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Proposta Curricular Educação Física**: ensino fundamental ciclo II e ensino médio. São Paulo, 2008.

SAVIANI, D.; **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SCHIAVON, L. M. S. **O projeto crescendo com a ginástica**: uma possibilidade na escola. 2003. 184f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

SEBRIAM, D. C. S. **Utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino de educação física**. 2008. 184f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, Universidade Nacional de Educação a Distância, Espanha, Universidade de Poitiers, França. Madrid, 2009.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Rede Estadual de Ensino de Sergipe**. Aracaju, 2011.

SACRISTÁN, J. G. **Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre, Artmed, 2000.

SILVA, E. L. **O corpo na capoeira. Introdução ao estudo do corpo na capoeira**. Campinas: UNICAMP, v. 1, 2008. 96p.

SILVA, G. O.; HEINE, V. **Capoeira**: um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.

SILVA, L. M. F.; GONZALEZ, R. H. A Capoeira e a teoria da autodeterminação. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 15, n. 150, nov. 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd150/a-capoeira-e-a-teoria-da-autodeterminacao.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

_____; DARIDO, S. C. A capoeira na educação física escolar: análise de algumas propostas curriculares estaduais brasileiras. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR – CONPEF, V, 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2011. CD ROM.

_____; DARIDO, S.C. A capoeira e o uso da tecnologia da informação e da comunicação em seu processo de ensino e aprendizagem. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1 (Supl.1), jan./mar. 2011. Disponível em: < http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/4526/pdf_89>. Acesso em: 29 fev 2012.

_____, L. M. F.; RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Cultura ou culturas? Concepções de cultura na educação física sob a perspectiva de Cuche. **Pensar a Prática** (UFG. Impresso), 2012. No prelo.

SILVA, P. C. C. Capoeira e Educação Física – uma história que dá jogo. Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 23, n. 1, p. 131-145, set. 2001.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, M.S.L. **Orientações para apresentação e redação de projetos de pesquisa e trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Coopmed, 2011.

SOUZA, S. A. R.; OLIVEIRA, A. B. O. Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. **Rev. Educ. Fís/UEM**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2001.

TANI, G.; Manuel, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/Edusp. 1988.

TOYNBEE, A. O uso e abuso da ciência e da tecnologia. **Parcerias Estratégicas**, v. 6, n. 11, 2001. Disponível em: <http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewArticle/174>. Acesso em: 16 ago. 2010.

VIEIRA, L. R. **O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

_____; ASSUNÇÃO, M.R. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista Textos do Brasil**, Ministério das Relações Exteriores, n. 14, p. 09-19, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Análise e Descrição das Propostas Curriculares Estaduais

ACRE – recomendada para o 6º ano do ensino fundamental.

Dimensão procedimental: vivência de diferentes práticas da cultura corporal que ampliem as relações entre teoria e prática a respeito das capacidades físicas e habilidades motoras discutidas. Exemplo: Capoeira ou ginástica artística – alguns movimentos que requeiram flexibilidade, jogos de invasão e conquista que mobilizem a corrida e permitam estabelecer relação com a resistência aeróbia ou a velocidade.

Dimensão conceitual: Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas lutas, ginásticas e danças, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.

Dimensão atitudinal: propõe a adoção de uma postura despojada de preconceitos ou discriminações a partir das manifestações da cultura corporal. Além de destacar o reconhecimento e valorização das diferenças culturais, sexuais e sociais, e ainda o desenvolvimento da autonomia e da cidadania (ACRE, 2010).

1. GOIÁS - recomendada do 6º ao 9º anos do ensino fundamental.

Dimensão procedimental: Vivenciar: elementos técnicos e táticos básicos; regras, sistemas táticos e rituais; exercícios preparatórios para cada tipo de luta (Capoeira, karatê, judô e outras).

Dimensão conceitual: Identificar e compreender: origem e as transformações históricas das lutas (Capoeira, judô, karatê e outras); significado cultural e filosófico de cada uma delas; relações entre as lutas e os problemas sociais tais como: violência, consumismo, uso de substâncias químicas prejudiciais à saúde, corpolatria, preconceito;

Conhecer os benefícios da prática de cada modalidade de luta (capoeira, judô, karatê e outras).

Dimensão atitudinal: Identificar e compreender: princípios éticos, tais como: respeito, disciplina, autonomia, solidariedade, amizade, cooperação, honestidade, justiça. Compreender as lutas na perspectiva de inclusão/exclusão dos sujeitos (GOIÁS, 2009).

2. MARANHÃO - recomendada do 5º ao 9º anos do ensino fundamental.

Dimensão procedimental: Lutas de distância: seus principais fundamentos e formas de manifestações.

Dimensão conceitual: Reconhecer as lutas como manifestações da cultura corporal de diversas civilizações; Identificar a história e as características das diferentes formas de lutas; Perceber a violência como problema de ordem social e sua relação com a prática formal de diferentes estilos de lutas; Reconhecer a influência do modelo esportivo na prática e evolução de estilos de lutas de origem milenar e moderna; Perceber a Capoeira e diferentes tipos de lutas indígenas brasileiras como manifestações da cultura corporal do povo brasileiro.

A dimensão atitudinal não foi encontrada (MARANHÃO, 2009).

3. MINAS GERAIS – recomendada da 6ª a 9ª séries do ensino fundamental (nomenclatura utilizada pela proposta).

Dimensão procedimental: vivenciar e identificar os elementos básicos da capoeira.

Dimensão conceitual: conhecer a origem e a história da capoeira, diferenciar a capoeira angola da capoeira regional.

A dimensão atitudinal não foi encontrada (MINAS GERAIS, 2009).

4. **PARANÁ** – recomendada do 6º ao 9º anos do ensino fundamental e ensino médio.

Dimensão procedimental: Experimentar a vivência de jogos de oposição. Apresentação e experimentação da música e sua relação com a luta. Vivenciar movimentos característicos da luta como a ginga, esquiva e golpes; rolamentos e quedas; projeção e imobilização.

Dimensão conceitual: Pesquisar e analisar a origem das lutas de aproximação e da Capoeira, assim como suas mudanças no decorrer da história.

Dimensão atitudinal: aquisição de valores e princípios essenciais para a formação do ser humano: cooperação, solidariedade, o autocontrole emocional, o entendimento da filosofia que geralmente acompanha a prática das lutas e, acima de tudo, o respeito pelo outro, pois sem ele a atividade não se realizará (PARANÁ, 2006 e 2008).

5. **PERNAMBUCO** - recomendada para o 2º ano do ensino médio.

Dimensão procedimental: identificação e categorização dos movimentos de combate corpo-a-corpo. Compreensão das técnicas mais aprimoradas e criação outras formas de combate.

Dimensão conceitual: Produção de texto escrito visando à compreensão e a explicação da luta de forma contextualizada, reorganizando o conteúdo e apresentando uma nova síntese para comunidade escolar. Reconhecimento das regularidades subjacentes às modalidades Capoeira, judô e karatê.

Dimensão atitudinal: reflexão sobre conceitos valores, hábitos, atitudes que constituem as lutas nas aulas de EFE e em outros espaços e tipos da prática corporal, particularizando o estudo da luta, confrontando a resistência orgânica geral e a resistência muscular localizada (PERNAMBUCO, 2008).

6. RIO DE JANEIRO - recomendada para a 1ª série do ensino médio.

Dimensão procedimental: Aprender e executar gingas, fintas, golpes, cânticos, ritmo, movimento e noções básicas de ataque e defesa relacionadas à luta. Participar das lutas de forma recreativa e competitiva no contexto escolar.

Dimensão conceitual: Conhecer e compreender os aspectos históricos, sociais e culturais relacionados às lutas (capoeira).

Dimensão atitudinal: Desenvolver habilidades intelectuais: criatividade, diálogo e tomada de consciência da prática. Desenvolver atitudes respeitadas, cooperativas e solidárias em relação ao outro e ao seu desempenho nas atividades físicas (RIO DE JANEIRO, 2010).

7. RIO GRANDE DO SUL – 7ª e 8ª séries (nomenclatura utilizada pela proposta) do ensino fundamental.

Dimensão procedimental: Saberes corporais - Lutas para saber praticar e conhecer - Roda de capoeira (rituais e códigos). Princípios táticos elementares: movimentação contínua e cadenciada em diferentes ritmos; circularidade da movimentação; mudanças de direção; paradas momentâneas/breves, mudanças de ritmo repentino; apreciar as distâncias conforme o contexto do jogo; contra golpear. Elementos técnico-táticos básicos: ginga; ataque e defesa; aú; bênção; chapa de costas; meia-lua; martelo de chão; meia-lua de compasso; rabo de arraia; negativas; esquivas. Acrobacias: queda de rim; parada de mão (bananeira); parada de cabeça; macaco; rolê. Conhecer diversas formas de interação entre os adversários nas lutas. Técnicas, táticas e estratégias elementares de desequilíbrio, imobilização, exclusão de espaços delimitados. Cantar e acompanhar o ritmo das cantigas nas rodas de Capoeira (ritmo, músicas, cantigas, uso dos instrumentos).

Dimensão conceitual: Saberes conceituais – conhecimentos técnicos: reconhecer distintas formas de ação sobre o corpo do adversário

(desequilíbrio, imobilização, exclusão, ataque, defesa, contra-ataque). Identificar os conceitos vinculados ao mundo das lutas (artes marciais, esportes de combate, técnicas de defesa pessoal). Reconhecer semelhanças e diferenças entre as lutas com base em critérios das lógicas internas e externas (Lógica externa: artes marciais, técnicas de defesa pessoal; contexto de criação; lugar de origem. Lógica interna: tipo de domínio de corporal visado, tipo de interação permitida/ privilegiada, distância de combate, etc)

Saberes conceituais – conhecimentos críticos: diferenciar e problematizar a relação entre lutas, briga e violência. Compreender as lutas como manifestações culturais produzidas por grupos sociais em determinados períodos e circunstâncias históricas. Entender o processo de esportivização das lutas. Identificar e valorizar a Capoeira como uma técnica de defesa e uma manifestação corporal conectada a outras dimensões culturais de um grupo social específico.

A dimensão atitudinal não foi encontrada (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

8. RONDÔNIA – recomendada para o 5º e 9º anos do ensino fundamental.

Dimensão Conceitual - Para o 5º ano: Luta - Identificação e análise das lutas e suas possibilidades no ambiente escolar (Capoeira, judô, dentre outras).

Dimensões Conceitual, procedimental e atitudinal - Para o 9º ano:
Dança - Reconhecimento, valorização e reprodução a Capoeira como dança.

9. SÃO PAULO – recomendada para a 8ª série do ensino fundamental e 2ª série do ensino médio.

Dimensão procedimental: vivenciar o jogo, o esporte, a ginástica, a luta, a atividade rítmica e o exercício físico.

Dimensão conceitual: possuir várias informações e conhecimentos dos significados/sentidos e intencionalidades presentes nas lutas.

Para a 8ª série: Capoeira como luta, jogo e esporte. Princípios técnicos e táticos. Processo histórico.

Para o ensino médio: A importância das técnicas e táticas no desempenho esportivo e na apreciação do espetáculo esportivo. O ritmo nas lutas: ritmo vital; o ritmo como organização expressiva do movimento; tempo e acento rítmico.

A dimensão atitudinal não foi encontrada (SÃO PAULO, 2008).

10. SERGIPE – recomendada para o 6º e 7º anos do ensino fundamental.

Dimensão procedimental: Conhecer artes marciais existentes e seus princípios. Executar alguns movimentos básicos da Capoeira.

Dimensão conceitual: compreender as regras e as estratégias de jogo. Discutir a origem da Capoeira e pontuando os fatores que demonstram que ela é uma manifestação genuinamente brasileira.

A dimensão atitudinal não foi encontrada (SERGIPE, 2011).

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE)**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)**

Caros professores,

Sou **LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA**, RG 813.394/ES, aluna do curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, área de Tecnologias nas Dinâmicas Corporais, vinculado a UNESP, campus de Rio Claro e integrante do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física – LETPEF.

Sob a supervisão e orientação da Prof^a Dr^a SURAYA CRISTINA DARIDO, RG 918.551.6, professora do Departamento de Educação Física, vinculado ao Instituto de Biociências da UNESP – Rio Claro, estou desenvolvendo minha dissertação de mestrado, e sou a pesquisadora responsável por esta pesquisa que tem como objetivo construir um *site*, que contenha informações sobre como ensinar a Capoeira na escola, como conteúdo da Educação Física, a partir das expectativas de professores da rede escolar, que são vocês.

Assim, convido-os a participar da realização desta pesquisa para que eu possa investigar o que vocês precisam saber sobre a Capoeira para utilizá-la como tema de suas aulas, uma vez perceber-se que, ainda nos dias de hoje, a Capoeira não se faz presente nas aulas de Educação Física, apesar de todo o seu potencial educativo e ter sido reconhecida como patrimônio imaterial da cultura brasileira.

Para atingir o objetivo da dissertação serão feitos Grupos Focais, para os quais vocês estão sendo convidados, que é uma técnica de pesquisa na qual vamos nos reunir em grupos de seis pessoas para conversarmos sobre a Capoeira, seus conteúdos, formas para ensiná-la, seus ritmos e instrumentação. Vocês vão poder falar o que pensam livremente pois se basearão em sua própria experiência e vivência, mesmo que não a conheçam, pois serão feitos dois grupos: um com professores que já praticaram Capoeira e outro com professores que não a conhecem.

As reuniões acontecerão em uma sala de aula do Instituto de Educação Física e Esportes –IEFES/UFC, onde ficaremos sentados em círculo e tudo será filmado para que não se perca nada do que for conversado.

O risco e/ou desconforto mínimos, a que você estará exposto durante a pesquisa, será o de se sentir constrangido de expor sua opinião, devido à câmera e por estar junto de outras pessoas que estarão te ouvindo e envolvidos na discussão.

Para que isso não aconteça você terá a liberdade de não falar nada sobre o que está sendo discutido, ou seja, pode emitir sua opinião somente para as questões que se sentir à vontade para falar. Além disso, você NÃO será obrigado a ficar durante toda a reunião, podendo se retirar a qualquer momento sem nenhum prejuízo para você.

Esta pesquisa terá como resultado um *site*, que todos poderão utilizar, opinar, refletir e aprender cooperativamente, sobre como aplicar a Capoeira na escola, sendo estes os benefícios esperados.

Antes e durante a realização da pesquisa estarei à disposição de vocês para esclarecer qualquer dúvida e/ou problema que venha a ocorrer.

Vocês têm total liberdade em se recusar a participar e também podem retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Esclareço que é garantido o sigilo e guarda das filmagens obtidas durante a pesquisa, assegurando sua privacidade e imagem, as quais não serão divulgadas.

Caso você aceite este convite, por favor preencha seus dados abaixo e assine concordando em participar, tendo sido esclarecido(a) pelo presente Termo e verbalmente de todos os procedimentos que serão realizados, assinando-o em duas vias sendo que uma delas ficará em seu poder e a outra com o pesquisador responsável.

Nome:

RG:

Data Nasc.: ____ / ____ / ____.

Sexo: () F () M

End:

Tels para contato:

Eu,

_____, **CONCORDO EM PARTICIPAR DESTA PESQUISA**, que tem como título do projeto: Tecnologias da Informação e Comunicação: desenvolvimento de um site para o ensino da capoeira na escola, sob a responsabilidade da pesquisadora, mestrandia Luciana Maria Fernandes Silva, conforme dados abaixo listados.

Título do Projeto: “Tecnologias da Informação e Comunicação: desenvolvimento de um site para o ensino da capoeira na escola”.

Pesquisador Responsável: LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA.

Cargo/função: Aluno-pesquisador.

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Rio Claro.

Endereço: Av. 24-A, 960, Bela Vista, Rio Claro/SP.

Dados para Contato: fone 19-8286-3340 e 96063695.

email: lucianamariafsilva@yahoo.com.br

Luciana Maria F. Silva
Pesquisador Responsável

Suraya Cristina Darido
Orientador

Participante

APÊNDICE C - ROTEIRO GRUPO FOCAL 1**Roteiro para grupo focal de professores de Educação Física
SEM experiência em Capoeira**

1. Formação acadêmica:
2. Já utilizou a Capoeira em suas aulas de Educação Física?
3. Pode nos contar como foi?
4. Vocês a utilizariam?
5. Acham que é possível ensiná-la na escola?
6. Qual a maior dificuldade, em sua opinião, que o impede de utilizá-la em suas aulas?
7. O que acham que precisariam saber de Capoeira, para utilizá-la?
8. Seria interessante ter um site que te desse sugestões de como utilizá-la?
9. Vocês o acessariam?

APÊNDICE D - ROTEIRO GRUPO FOCAL 2**Roteiro para grupo focal de professores de Educação Física
COM experiência em Capoeira**

1. Formação acadêmica:
2. Formação em Capoeira:
3. Já exerceu atividade de docência com a Capoeira, na escola?
4. Aham que é possível ensiná-la na escola?
5. Por que não? *
6. Como desenvolveram suas aulas, na prática?
7. Sentiram falta de algum apoio/conhecimento para dar essas aulas?
8. Seria interessante ter um site que te desse esse apoio ou sugestões de como utilizá-la?
9. O que vocês sugeririam que tivesse neste site?
10. Vocês o acessariam?

*(caso haja alguém que ainda não a tenha utilizado).

APÊNDICE E – CONTEÚDO COMPLETO DO ÍCONE “PLANO DE AULA”

Plano de aula 1.

AULA 1:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar a ginga, a bênção e meia-lua-de-frente. Conhecer/discutir/refletir sobre o que é a capoeira.	
- Roda de conversa: Para esta primeira aula leve algumas figuras da capoeira que estão disponíveis aqui mesmo no blog que podem ser impressas e coladas na parede antes que os alunos cheguem na sala de aula. Se for possível, passe slides com fotos e/ou um pequeno vídeo com o objetivo de demonstrar e discutir sobre o que é a capoeira evitando confusão e possíveis preconceitos religiosos muito comuns entre os alunos (texto de apoio no ícone “A Capoeira – (SILVA, 2012)”, neste blog). Pergunte para os alunos se conhecem a capoeira; o que acham que faz parte da capoeira; se já assistiram alguma apresentação; se alguém já a vivenciou. Vá montando uma lista com eles sobre tudo o que acham que faz parte do contexto da capoeira para discutir no final da aula.	
- Vivências: - Divida os alunos em duplas. Cada dupla terá um giz nas mãos e irão desenhar, cada um o triângulo do outro, no chão. Cada ponto da base deste triângulo deve ser desenhado onde os pés estiverem na posição de base da ginga: o primeiro aluno fica de pé, com as pernas um pouco afastadas e o outro irá fazer um pequeno círculo em volta de cada um dos pés do primeiro. Em seguida o professor solicita que este aluno desloque uma de suas pernas para trás e tente permanecer em equilíbrio nesta posição. O segundo aluno irá desenhar o terceiro ponto que formará o triângulo. Após todos os alunos terem seus triângulos desenhados o professor ensina a dinâmica da ginga. - Mostre as figuras da ginga, da bênção e da meia lua de frente. Solicite aos alunos que realizem estes movimentos da maneira que estão percebendo. Bênção. Faça com os alunos um varal com folhas de rascunho penduradas na altura da cintura. Solicite que, se desloquem lateralmente e tentem, da base da ginga, empurrar as folhas com o pé (chute frontal, pé flexionado). A perna é estendida totalmente, empurrando as folhas. Meia-lua-de-frente. peça aos alunos que imaginem desenhar uma meia lua, a sua frente, com a perna que está atrás, vindo para frente e retornando. Agora dificulte um pouco solicitando que ginguem e realizem a meia-lua-de-frente, para os dois lados. - Faça uma brincadeira de pega-pega, na qual para não serem pegos, eles deverão realizar um dos três movimentos aprendidos.	
- Roda Final: Discuta com os alunos sobre tudo o que foi visto e discutido na aula. Pergunte se acham que o que realizaram na aula faz parte da capoeira; suas opiniões sobre a capoeira ser luta, jogo, brincadeira, etc; Explique os motivos pelos quais a capoeira comporta estas definições. Monte, em conjunto com eles, uma definição própria da capoeira (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007). - Solicite uma pesquisa para a próxima aula sobre a trajetória história da capoeira (texto de apoio no ícone “Histórico” – (SILVA, 2012), neste blog), que será discutida na 2ª aula.	

Plano de aula 2.

AULA 2:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar o martelo e o aú. Discutir/refletir sobre o histórico da capoeira e multiculturalismo.	
Nesta aula acrescente as figuras da bênção e do aú. - Roda de conversa: Discuta com os alunos acerca das pesquisas que fizeram sobre o histórico da capoeira. Em que local se originou a capoeira? Quem a praticava e por quê? Qual a relação da escravidão e a origem da capoeira? Existem misturas de diferentes povos na sua criação? Antes desta leitura tinham algum conhecimento sobre sua origem?	
- Vivências: Solicite aos alunos que fiquem em duplas e ginguem um de frente para o outro. O aluno A irá tentar tocar o joelho do aluno B e este tentará impedir. Depois trocam. Em seguida os dois alunos irão tentar tocar os joelhos do outro ao mesmo tempo. Ainda em duplas solicite-os que, o aluno A irá se deslocar para todas as direções gingando, e o aluno B irá acompanhá-lo. Depois trocam. Em seguida um tentará acompanhar o outro sem que seja combinado anteriormente quem vai seguir quem. Martelo. Solicite aos alunos que imaginem uma madeira a sua frente, de lado, e que irão tocá-la com o peito do pé. Também utilize a figura que está na parede para que eles tenham uma noção anterior e a tenham como referencial para criar seu próprio movimento. Em seguida utilize algumas cadeiras e solicite que eles as utilizem como alvo para o martelo, apenas tocando, sem usar força para não se machucarem. - Aú. Utilizando a parede da quadra. Explique o que é um aú demonstrando a figura. Solicite-os que, em fila, de frente para a parede, coloquem as mãos no chão, próximas à parede e caminhem por ela levando as pernas, semi-flexionadas, de um lado a outro. A cada vez que passarem irão esticando as pernas e aumentando a distância da parede. Em seguida faça círculos grandes no chão e solicite que eles façam o mesmo movimento em cima da linha desenhada. Depois vá traçando semi-círculos e diminuindo a curvatura até realizarem o aú em uma linha reta. - Monte uma pequena dramatização sobre a história da capoeira com os alunos divididos em grupos, cada grupo irá representar um momento da história: a capoeira na escravidão, como prática proibida, nas academias e na atualidade. Depois reflita com eles sobre o que assistiram, na roda final.	
- Roda Final: - retome a discussão com os alunos sobre por que a capoeira é considerada uma luta de libertação; os motivos pelos quais chegou a ser proibida no Brasil; compare aos dias de hoje a escravidão e a realidade atual dos negros e da própria capoeira. Existem preconceitos? Porque sua prática ainda é discriminada por alguns? Por que praticamos tantos esportes de origens européias e americanas e não a capoeira de origem afro-brasileira? - Discuta ainda sobre como se deu a evolução da capoeira de prática proibida à Patrimônio imaterial da cultura brasileira. O que isso significa? (texto de apoio: Certidão da roda de capoeira, site do IPHAN: www.portal.iphan.gov.br).	

Plano de aula 3.

AULA 3:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar a bananeira-de-angola e bananeira. Discutir/refletir sobre os instrumentos musicais utilizados na capoeira.	
Para falar sobre os instrumentos da capoeira leve figuras, também disponíveis aqui mesmo no blog e/ou um pequeno vídeo que eles possam visualizar o berimbau, o pandeiro e o atabaque que são os mais utilizados. Se tiver possibilidade leve os instrumentos para que vivenciem e conheçam.	
- Roda de conversa: Pergunte aos alunos se conhecem os instrumentos utilizados na capoeira. Qual o papel dos instrumentos na roda de capoeira? E o berimbau, qual sua importância na roda?	
- Vivências: - Bananeira-de-angola. Solicite aos alunos que desenhem com giz um pequeno triângulo no chão, que será a base da bananeira-de-angola. Inicialmente solicite que eles coloquem as duas mãos, uma em cada ponta da base do triângulo procurando ficar confortável na posição. Em seguida irão colocar a cabeça na ponta do triângulo. Dica: o triângulo deve ser bem distribuído, pois só assim eles conseguirão o equilíbrio futuro necessário ao movimento, e ainda, a parte da cabeça que deve tocar é o alto da mesma. Agora solicite que coloquem os joelhos em cima dos cotovelos e tentem tirar os pés do chão e equilibrarem-se alguns segundos nesta posição. Somente depois lance o desafio de irem estendendo as pernas, ficando com a coluna reta, podendo ainda, desafiá-los para, em equilíbrio, movimentar as pernas. - Bananeira. Após os alunos terem explorado o movimento anterior faça uma atividade lúdica: alunos em um círculo, ou em vários círculos, e cada um com uma bola grande. A bola deverá ser movimentada pelos alunos apenas com os pés, porém com as mãos ao chão (de cabeça para baixo). Se for possível comece com uma bola pequena e vá aumentando o tamanho dela para que os alunos sejam obrigados a elevar as pernas. Em seguida solicite que tentem realizar os dois tipos de bananeira em duplas, um dando suporte para o outro, fazendo a segurança. - Vivenciando os instrumentos: inicialmente relembre, batendo palmas junto com os alunos, o ritmo da capoeira (<i>tchim, tchim dão, dão, tchim, tchim dão, dão</i>) – pode utilizar-se de músicas em cd's. Sentados em roda. Todos vivenciarão os três instrumentos (pandeiro, atabaque e berimbau). Atabaque: realizam 4 batidas com as mãos no chão: 1,2, 3,4 – as duas primeiras unidas, um tempo, e as duas últimas batidas unidas também, reproduzindo o som do atabaque. Pandeiro: 4 batidas também, como no atabaque: 1,2, 3,4. Neste caso farão uma batida no chão com as duas mãos e uma palma (1,2); repete (3,4). Berimbau: (<i>tchim, tchim dão, dão; tchim, tchim dão, dão</i>) esse som é feito somente com a boca. Todo o grupo: divida os alunos em quatro pequenos grupos – berimbau, pandeiro, atabaque e as palmas.	
- Roda Final: - Converse com os alunos sobre toda a aula, o que aprenderam, suas sensações e dificuldades e relembre sobre os instrumentos da capoeira. Qual a importância do berimbau e suas funções na roda. Qual a origem dos instrumentos. Discuta acerca de como acham que os instrumentos são confeccionados e a diferença entre os que são feitos industrialmente (atabaque e pandeiro) e o berimbau que continua, até hoje, sendo artesanal; a madeira utilizada e seu replantio (texto de apoio: blogtemastransversaisnacapoeira.blogspot.com). Termine com uma atividade lúdica musical adaptada: utilize a cantiga “oi sim, sim, sim..., oi não, não, não...”. O coro deve responder ao contrário do que o professor cantou “oi não, não, não..., oi sim, sim, sim...”. O professor pode variar para baixo/alto, quente/frio, aproveitando para trabalhar noções de antônimos (FALCÃO, 2005). Sugira uma oficina de confecção de berimbau que pode ser realizada juntamente com o professor de artes.	

Plano de aula 4.

AULA 4:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar o rabo-de-arraia, esquiva, rolê e negativa. Discutir/refletir sobre os cânticos da capoeira.	
- Roda de conversa: discuta com seus alunos sobre o que pesquisaram acerca dos cânticos, seu papel na roda de capoeira, o significado de suas letras.	
- Vivências: Utilize uma corda grande. Inicie com a brincadeira do relógio, girando a corda e todos devem livrar-se dela com diferentes movimentos de capoeira. Em seguida estique a corda e solicite aos alunos que passem por ela de diversas maneiras. Sugestões: Somente por cima fazendo bananeira, aú, e os golpes já aprendidos aproveitando para que relembrem de todos os fundamentos. Varie as alturas. Somente por baixo: gingando; vá abaixando a corda. Gingando até chegar na corda, de lado para ela. Para ultrapassá-la deverão se abaixar de lado passando a corda para o outro lado e desta forma já estarão realizando a esquiva lateral. Da mesma forma vá abaixando e sugerindo que passem para o outro lado com uma das mãos no chão e a outra protegendo o rosto, sem tocar na corda (início do rolê e negativa). Alunos em dupla. Aluno A, irá desferir somente a meia-lua-de-frente e o aluno B deverá esquivar-se como passou pela corda. - Negativa e rolê: Dinâmica do morto-vivo. Alunos gingando, espalhados pela sala. Utilize um aparelho de som. Ao parar a música deverão colocar uma das mãos no chão descendo na posição de base da ginga (negativa) como fizeram na corda. Este é o movimento “1”. Logo após faça o mesmo para a posição “2”: partindo da posição 1 irão, abaixados, girar o corpo para o lado da mão que está no chão fazendo um rolê. Em seguida eles deverão ficar atentos ao movimento que o professor irá solicitar. Para variar e desafiar ainda mais, o professor pode trocar: quando falar o número 1 terão que realizar o número 2 e vice-versa. - Rabo-de-arraia. Divida o movimento em duas fases: inicialmente saindo da base da ginga, com a perna esquerda à frente, os alunos levarão esta perna para a lateral direita do corpo e as duas mãos ao chão. Repita algumas vezes. Em seguida passe para a fase 2: os alunos irão realizar o movimento da fase 1 e passar a perna direita, desenhando um semi-círculo no ar até voltar para a posição inicial da ginga.	
- Roda Final: Pergunte se alguém conhece alguma música de capoeira, se quer cantá-la. Leve cd's com diferentes músicas da capoeira. Escolha duas mais fáceis, os cantos corridos; leve a letra e cante com eles procurando acompanhar com as palmas. Aproveite para discutir/refletir com eles sobre a discriminação, presente nas letras das músicas, relativa às mulheres capoeiristas, aos próprios negros e sua cultura e o respeito que devemos ter para com estas diferenças. (Texto de apoio: no ícone “músicas” deste blog; veja também o blog temastransversaisnacapoeira.blogspot.com). - Utilizando material reciclável: solicite que levem para a próxima aula garrafas pet de 2L.	

Plano de aula 5.

AULA 5:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar a queixada. Discutir/refletir sobre o jogo (cooperativo) de capoeira.	
- Roda de conversa: Converse com os alunos sobre o jogo da capoeira, se já viram, se há o toque entre os jogadores; questione-os sobre lealdade, respeito mútuo, cooperação. Demonstre vídeos de jogos de capoeira leais, nos quais os capoeiristas se respeitam, brincam e jogam cooperativamente. - Vivências: Utilize as garrafas pet trazidas por eles (você também deve levar para o caso de ninguém se lembrar de levá-las). Os alunos deverão amarrá-las, pela boca, com um cordão grande e pendurá-las no teto, enfileiradas. Assim elas se tornarão alvos e todos devem ir passando por elas e fazendo um movimento da capoeira tendo as garrafas penduradas como referência. Procure ir variando as direções, alturas e movimentos. - Queixada: Demonstre a figura da queixada para facilitar seu ensino. Divida a aplicação pedagógica da queixada em 3 fases: Inicie a queixada a partir da posição de base da ginga e ensine somente o movimento inicial dela: a perna da frente se desloca para a frente da outra perna. Repita. Em seguida solicite que crescentem o movimento da perna de trás: ela avança para frente. Repita. Em seguida o terceiro passo: a perna da frente retorna para trás fazendo um movimento circular. - Agora em duplas, todos ao mesmo tempo, ao som da música, o aluno A irá somente desferir os golpes e outros movimentos, e o aluno B irá somente esquivar. Depois trocam de função. Em seguida irão jogar capoeira, ou seja, os dois, ao mesmo tempo, vão desferir os golpes e esquivar de acordo com o movimento do outro. - Solicite aos alunos que se unam em pequenos grupos. Nos grupos irão montar uma pequena sequência que contenha todos os movimentos que já aprenderam. Logo após, cada grupo apresentará sua sequência para a turma e todos deverão realizá-la.	
- Roda Final: - Discussão: como foi trabalhar em grupo? Houve cooperação? O que preferem? Por quê? Quais as vantagens de se trabalhar em grupo? Sabemos dividir? A cooperação no jogo da capoeira: para jogar capoeira um precisa do outro, ou seja, irão jogar “com”, e não “contra” o outro. Conscientize-o de que ele pode apenas demonstrar seus golpes, em direção ao seu colega sem atingi-lo, controlando seus movimentos por isso o toque na capoeira não é predominante.	

Plano de aula 6.

AULA 6:	
DISCIPLINA: Educação Física	DURAÇÃO: 50 min
OBJETIVO: Vivenciar o jogo de capoeira e seus estilos. Discutir/refletir sobre os rituais/regras da roda de capoeira e vivenciá-la. Vertentes de capoeira: angola, regional e contemporânea.	
- Roda de conversa: Converse com os alunos sobre os diferentes tipos de jogo da capoeira, como o são bento pequeno, angola e são bento grande, mais indicados para iniciantes e o ambiente escolar. Discuta com eles sobre os rituais da roda para que ela funcione, necessariamente com a cooperação de todos. Converse também sobre as vertentes da capoeira (Texto de apoio: <i>Google books</i> - para ensinar educação física capoeira)	
- Vivências: utilizando-se de cd's demonstre aos alunos os 3 ritmos citados e solicite que se movimentem de acordo com o ritmo tocado e discuta as diferenças do ritmo e o tipo de jogo. - Todos em duplas jogando são bento pequeno que é um jogo mais recreativo, solto, de ritmo médio. Um ou mais alunos irão tirando um da dupla e jogam com quem ficou, até que todos joguem com todos. Essa é a “compra” do jogo que no final será realizado na roda. - Faça uma grande roda e vá problematizando com os alunos os rituais básicos da roda de capoeira: início e término do jogo, a compra, o berimbau. O jogo começa com os alunos abaixados no “pé do berimbau”, pois este é a referência da roda, mesmo que seja imaginário. Não podem iniciar o jogo de outro lugar da roda. Eles devem se cumprimentar e sair em aú (o mais comum), mas também podem fazer uma negativa/rolê, bananeira, dentre outros. Todos devem responder ao coro, bater palmas e tocar os instrumentos. Solicite que realizem os sons dos instrumentos imaginários e troquem sempre as funções, vivenciando todos os momentos da roda. A compra do jogo, ou seja, quando um capoeirista quer jogar com um dos dois que já estão na roda jogando capoeira, ele pede permissão ao mestre ou, na falta deste, ao mais graduado que está comandando a roda (na escola será o professor) para entrar e tirar um dos dois. Este pedido é realizado com gestos, com a linguagem corporal, sem a menção de palavras. Depois de permitido o capoeirista entra na roda, sempre saindo do pé do berimbau, pelo lado direito, e de preferência encosta uma de suas mãos nas costas de quem ele quer que saia. Pode ainda entrar por entre os dois (atento ao momento certo para não ser atingido), fazendo um movimento de esquivas e com um dos braços estendidos, de frente para aquele com quem ele quer jogar. Para finalizar o jogo, o capoeirista faz um sinal de término com as mãos, cruzando os punhos, ou apenas dando uma das mãos ao outro, cumprimentando-o. Todo jogo deve terminar com um aperto de mãos entre os capoeiristas em sinal de respeito e agradecimento pelo jogo realizado. Após este cumprimento eles devem sair andando de costas, sempre de frente para o centro da roda para evitar qualquer acidente.	
- Roda Final: Discussão: ética; solidariedade – trocar de lugar com quem está tocando os instrumentos, mesmo imaginários, para que estes possam jogar. Provoque a reflexão e que exponham suas opiniões sobre o fato de se cumprimentarem ao entrar e sair da roda. - Relembre juntamente com os alunos tudo o que foi aprendido e vivenciado e faça uma avaliação em conjunto com todos sobre os aprendizados, pontos positivos e negativos.	

ANEXOS

ANEXO A
CERTIDÃO DA RODA DE CAPOEIRA - IPHAN



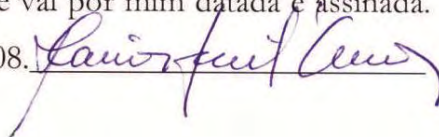
Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

C E R T I D ã O

CERTIFICO que no Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 9, verso, o seguinte: “Registro número 7. Bem cultural: **Roda de Capoeira**. Descrição: A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. A **Roda de Capoeira** é um elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – notadamente banto – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'G.A.', is located at the bottom right of the page.

mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.002863/2006-80 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre esta Forma de Expressão, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 57ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 15 de julho de 2008. Data do Registro: 21 de outubro de 2008”. E por ser verdade, eu, Marcia Genésia de Sant’Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 20 de novembro de 2008.



ANEXO B
LISTA DOS ARTIGOS DE PERIÓDICOS PESQUISADOS EM ORDEM
ALFABÉTICA POR AUTOR

ALLEONI, B. N. A manifestação corporal capoeira: uma cultura nacional brasileira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 24-31, 2010.

ALMEIDA, J. A.; TAVARES, O.; SOARES, A. J. G. Discursos Identitários Da Capoeira Na Revista Brasileira De Ciências Do Esporte (RBCE). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 171-185, set. 2008

ALMEIDA, M. N.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, Portugal, v. 7, n. 1, p.124-133, jan 2007.

ALVES, F. Uma conquista poética na dança contemporânea através da capoeira. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 175-180, set./dez. 2003.

ARAÚJO, M. L.; MOLINA NETO, V. “Essanegranão!” A prática política-pedagógica de uma professora negra em uma escola da rede municipal de ensino de porto alegre: um estudo de caso. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 203-225, jan. 2008. Maíra Lopes de Araújo, Vicente Molina Neto

ARAÚJO, P. C. O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 107-116, 2002.

BITENCOURT, F. G. A ciência, o olhar e o se-movimentar: uma fenomenologia do futebol - ou de como o CAP encontra talentos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 186-207, jun. 2010.

BONILLA, M. H. S. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 40-60, jun. 2010.

BRENNECKE, Allan, Amadio, BRENNECKE, A.; AMADIO, A. C.; SERRÃO, J. C. Parâmetros dinâmicos de movimentos selecionados da Capoeira. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, Portugal, v. 5, n. 2, p.153-159, maio 2005.

CAMILO, R. C.; BETTI, M. Multiplicação e convergência das mídias: desafios para a educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 122-135, jun. 2010.

CASTRO JÚNIOR, L. V. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

CASTRO JÚNIOR, L. V.; ABIB, P. R. J.; SANTANA SOBRINHO, J. Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 11, n 14, p. 159-174, maio 2001.

CASTRO JÚNIOR, L. V.; SANT'ANNA SOBRINHO, J. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 89-103, jan. 2002.

CAZETTO, F. F. Jiu-Jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de Lutas e Artes Marciais. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 223-230, jun. 2010.

CORTE-REAL, N. *et al.* Prática desportiva de estudantes universitários: o caso da Universidade do Porto. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, Portugal, v. 8, n. 2, p. 219-228. ago. 2008.

DARIDO, S. C. *et al.* Educação Física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários sistematização dos conteúdos da Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 89-109, 2007.

DARIDO, S. C.; IÓRIO, L. S. Educação Física, capoeira e Educação Física escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 137-146, 2005.

FALCÃO, J. L. O jogo da capoeira em jogo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006.

FALCÃO, J. L. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. **Motrivivência**, Florianópolis, p. 93-114, v. 11, n. 14, p. 93-114, maio 2001.

FANTIN. Dos consumos culturais aos usos das mídias e tecnologias na prática docente. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 12-24, jun. 2010.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. História da Capoeira. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2. sem. 2002.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, C. A. A capoeira em Florianópolis: um resgate histórico. **R. Bras. Ci. e Mov.**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 13-18, jun. 2003.

GODOI, M. R. Dialogismo, decodificação e marketin digital interativo em torno das práticas corporais no festival on-line de vídeos olympikus.mov. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 136-155, jun. 2010.

GOMES, C. F.; BARBOSA, R. F. M. Brincadeira, mídia e pós-modernidade: reflexões e dilemas na sociedade atual. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 25-39, jun. 2010.

GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3 p. 700-707, jul./set. 2009.

LISBOA, M. M; PIRES, G. D. L. Reflexões sobre a imagem e a fotografia: possibilidades na pesquisa e no ensino da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 72-86, jun. 2010.

MIRANDA, L. V. T. Oficinas pedagógicas de blogs na Educação Física: um relato de experiência. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 208-222, jun. 2010.

MORENO, A. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o "não-lugar" da ginástica sueca. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 55-68, set. 2003.

MWEWA, A.; VAZ, A. F. Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 45-58, jan. 2006.

PAIM, M. C. C.; PEREIRA, E. F. Fatores motivacionais dos adolescentes para a prática de capoeira na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 159-166, set./dez. 2004.

PINTO, F. M. Movimento/Cultura Popular: a luta continua camará... **Motrivivência**, Florianópolis, v. 11, n. 14, p. 115-136, maio 2001.

PRETTO, N. D. L. Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 156-169, jun. 2010.

RIBEIRO, S. D. As tecnologias: do software livre às experiências com a Educação Física e Mídia. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 87-105, jun. 2010.

SABINO, T. F. P.; BENITES, L. C. A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular: um relato de experiência. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 35, p. 234-246, dez. 2010.

SANTOS, G. O. S. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, jan. 2009.

SANTOS, L. S. Labirintos da Educação Física. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 63-70, 2. sem. 2002.

SANTOS, L. S. O desporto em si não educa. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 77-85, 2000.

SILVA, A. P. S; LAZZAROTTI FILHO; SILVA, A. M. Práticas corporais, experiência e realidade virtual: notas introdutórias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 170-185, jun. 2010.

SILVA, M.; SOUZA NETO, S.; BENITES, L. A. Capoeira como escola de ofício. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.871-882, out./dez. 2009

SILVA, P. C. C. Capoeira e Educação Física – uma história que dá jogo... Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 23, n. 1, p. 131-145, set. 2001.

SILVA, P. C. C. Capoeira nas aulas de Educação Física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez. 2011

SOUZA, J. C. N.; DIAS, N. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p.620-628, set. 2010

SOUZA, S. A. R.; OLIVEIRA, A. A. B. Estruturação da capoeira como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001.

TUBINO, M. J. G.; LUSSAC, R. M. P. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 7-16, 1. trim. 2009.

ZOBOLI, F.; SILVA, R. I. Cibercultura e Educação Física: algumas considerações ontológicas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 106-121, jun. 2010.

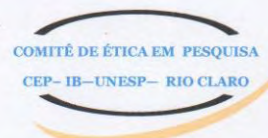
ZYLBERBERG, T. P. Tecnologias digitais e avaliação: algumas conexões. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 61-71, jun. 2010.

ANEXO C

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 068/2011

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 5076	Data de Registro CEP: 11.07.2011
Projeto de Pesquisa: "Tecnologias da informação e comunicação: desenvolvimento de um <i>site</i> para o ensino da capoeira na escola"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: -.-
	Colaborador(a): -.-

Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: -.-
	Orientando(a): -.-

Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: Luciana Maria Fernandes Silva
	Orientador(a): Profa. Dra. Suraya Cristina Darido

Objetivo Acadêmico:	☐ TCC
	☒ Mestrado
	☐ Doutorado
	☐ Outros – (especificar)

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 43ª reunião ordinária, realizada em 25/08/2011

☒ (X)	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐ ()	Desde que atendidas as pendências apontadas na reunião (vide anexo), aprova o Projeto de Pesquisa acima citado.
☐ ()	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐ ()	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
☐ ()	Não Aprovou.
☐ ()	Retirou , devido à permanência das pendências.
☐ ()	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha , com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa- CONEP/MS , por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

→ **"Formulário para Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados"**
Data de Entrega: Março de 2013

Rio Claro, 26 de agosto de 2011.
 Profa. Dra. Rosa Maria Feiteiro Cavalari Coordenadora do CEP